

REVISTA

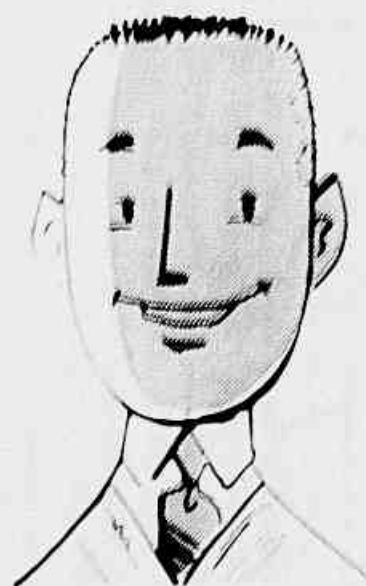
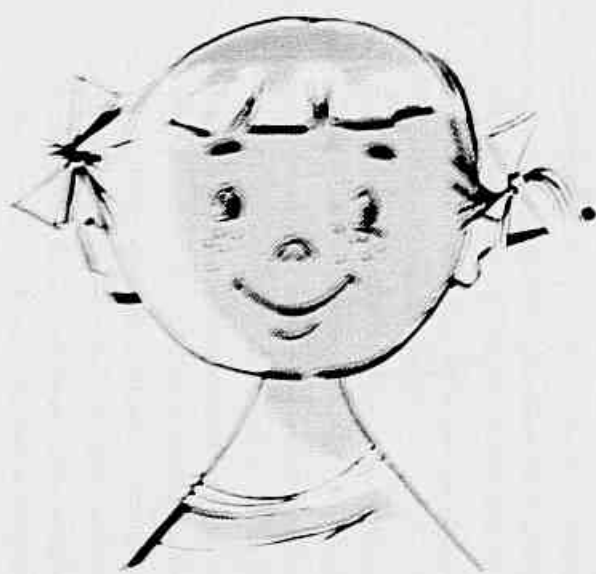
DA SEMANA

N. 43 26-10-57 Cr\$ 10,00 em todo o Brasil

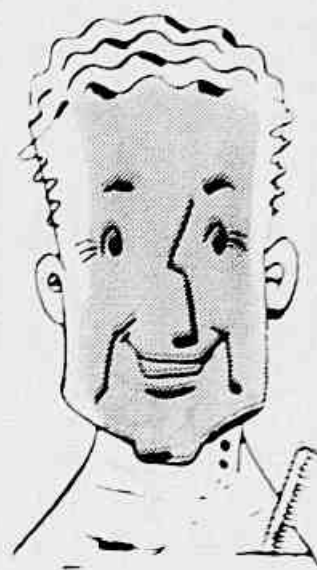
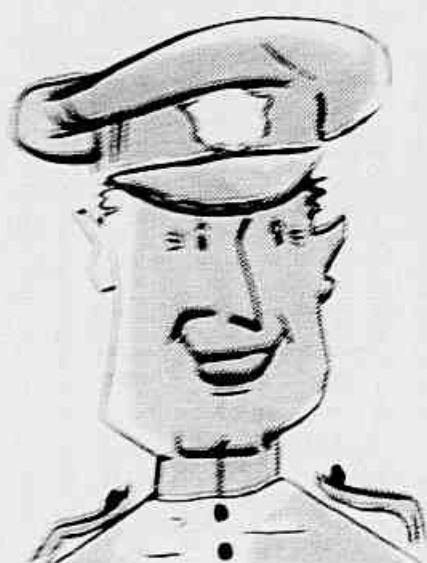
**PORTINARI E O TEIXEIRA:
DUAS FACES DA PINTURA**



MATÉRIA PLÁSTICA ENVOLVE VÊNUS



O público que aprecia rádio e televisão



- não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

TV
RECORD
CANAL 7

PRA3
RÁDIO
SÃO PAULO

PRH7
RÁDIO
PANAMERICANA

PRB9
RÁDIO
RECORD

**encontra nas UNIDAS
— o melhor!**

AS LUTAS
IMPEDIRAM O
PLANTIO:
1958 SERÁ UM
ANO DE FOME E
MISÉRIA



Aqui quem manda é o colono. Chegou a hora da vingança. A Polícia Militar fica de longe e pouco interfere pois sabe que os ódios podem se voltar contra ela.

GAÚCHO DO PARANÁ FAZ REVOLUÇÃO EM BUSCA DE PAZ OU VINGANÇA

MILHARES DE HOMENS PACATOS, MUNIRAM-SE DE ARMAS DE TODOS OS TIPOS E SAÍRAM DISPOSTOS A VINGAREM-SE DAS CRUELDADES QUE COMPANHIAS LIGADAS AO GOVERNO DO ESTADO PRATICAM, NUMA ENORME FAIXA DE TERRA. ANTES, OS COLONOS TINHAM SUPORTADO A AÇÃO DOS HOMENS QUE QUERIAM DINHEIRO E TUDO FAZIAM PARA CONSEGUI-LO. NÃO TREPIDANDO ATÉ MESMO EM MATAR.

Reportagem de CESÁRIO MARQUES

Fotos de F. CAMPANELLA NETTO

INCENDIOU-SE UM JEEP EM PATO BRANCO. A TENSÃO É TANTA QUE SAÍU GENTE DE CASA ATIRANDO NA DIREÇÃO DO VEÍCULO. NÃO FOI POSSÍVEL APAGAR O FOGO, DEVIDO AO FORTE TIROTEIO



Ele é o homem que revolucionou o sudoeste do

O GAÚCHO era um homem bom e pacato, até o dia que alguém resolveu roubar seus poucos alqueires de terra. Terra vermelha e distante, que lhe dava o pão de cada dia, muito pouco pão, mas o suficiente para viver numa choupana de madeira, comendo o que plantavam e tomando chimarrão. O gaúcho hoje é um homem revoltado, vingativo, querendo a devolução de tudo que lhe fizeram. Esqueceram até as próprias terras, motivo porque suportaram tantas maldades e avançaram 100 milhas, com armas na mão, a que tivesse, para revidar.

Antes, o gaúcho sorria em silêncio. Agora quando se rebela e mostra sua força, o Paraná e todo o Brasil é sacudido pelas notícias das

Pa

vio
re
ma
Pa
ge
do
ca
tur
na

po
ce
se
dív
do
ran



Paraná: Pôrto Alegre segura o revólver e comanda um pelotão. O soldado da PM aderiu a êle. À direita: A reportagem ouviu histórias, tôdas iguais.

violências e os retratos da região que é, na realidade, o que o cinema americano procura mostrar na ficção. Começando no município de Pato Branco e acabando nas fronteiras da Argentina e do Paraguai, o movimento agrário do Paraná mostra que o homem do campo está cansado de sofrer perseguições de toda a natureza, provocadas por gente interessada apenas em ganhar muito dinheiro.

DINHEIRO COMPRA VIDAS — As terras, que por serem parte de faixa de fronteira, pertencem ao governo federal, mesmo que não tivessem sido dadas a êle como pagamento de uma dívida pela companhia de estradas de ferro do Paraná. Tempos depois, as terras começaram a ser vendidas por várias companhias de

loteamento, que, entre outras coisas, tratavam de queimar e arrancar árvores (pinheiros) do último centro florestal da região Sul do Brasil.

As Companhias «Comercial do Paraná», Citla e outras, encontraram resistência dos colonos quando começaram a agir na região. O gaúcho achava que as terras lhe pertenciam, pois a União lhe dera posse há mais de 30 anos. E ficaram. Daí começou a luta. Homens maus e sem escrúpulos foram contratados pelas companhias, as quais agiam como bem entendiam, com o apoio da Polícia Militar e Civil do Estado. O governo (que segundo uns, era interessado) fechava os olhos a tudo e a tudo ignorava. Hoje o sr. Moisés Lupion, governador do Paraná é odiado de morte em todo o sul do

seu Estado e há quem já pense no seu afastamento, correndo rumores de «impeachment». Estes homens maus são conhecidos na região como «jagunços» e os seus feitos, antes temidos pelos colonos, são hoje motivo para a vingança. Os «jagunços» chegavam na casa do colono, apontavam o revólver para a cabeça do filho mais novo e ameaçavam: «Ou você compra, ou você morre». O colono dava tudo que tinha e depois ainda sofria perseguições para fugir da região, deixando as terras livres para novo negócio.

Quando os colonos se reuniram, após várias mortes, cerca de 73 em um mês, apenas num município, os «jagunços» fugiram. Não eram capazes de enfrentar de homem para homem.



Paraná: Pôrto Alegre segura o revólver e comanda um pelotão. O soldado da PM aderiu a ele. À direita: A reportagem ouviu histórias, todas iguais.

violências e os retratos da região que é, na realidade, o que o cinema americano procura mostrar na ficção. Começando no município de Pato Branco e acabando nas fronteiras da Argentina e do Paraguai, o movimento agrário do Paraná mostra que o homem do campo está cansado de sofrer perseguições de toda a natureza, provocadas por gente interessada apenas em ganhar muito dinheiro.

DINHEIRO COMPRA VIDAS — As terras, que por serem parte de faixa de fronteira, pertencem ao governo federal, mesmo que não tivessem sido dadas a ele como pagamento de uma dívida pela companhia de estradas de ferro do Paraná. Tempos depois, as terras começaram a ser vendidas por várias companhias de

loteamento, que, entre outras coisas, tratavam de queimar e arrancar árvores (pinheiros) do último centro florestal da região Sul do Brasil.

As Companhias «Comercial do Paraná», Citla e outras, encontraram resistência dos colonos quando começaram a agir na região. O gaúcho achava que as terras lhe pertenciam, pois a União lhe dera posse há mais de 30 anos. E ficaram. Daí começou a luta. Homens maus e sem escrúpulos foram contratados pelas companhias, as quais agiam como bem entendiam, com o apoio da Polícia Militar e Civil do Estado. O governo (que segundo uns, era interessado) fechava os olhos a tudo e a tudo ignorava. Hoje o sr. Moisés Lupion, governador do Paraná é odiado de morte em todo o sul do

seu Estado e há quem já pense no seu afastamento, correndo rumores de «impeachment». Estes homens maus são conhecidos na região como «jagunços» e os seus feitos, antes temidos pelos colonos, são hoje motivo para a vingança. Os «jagunços» chegavam na casa do colono, apontavam o revólver para a cabeça do filho mais novo e ameaçavam: «Ou você compra, ou você morre». O colono dava tudo que tinha e depois ainda sofria perseguições para fugir da região, deixando as terras livres para novo negócio.

Quando os colonos se reuniram, após várias mortes, cerca de 73 em um mês, apenas num município, os «jagunços» fugiram. Não eram capazes de enfrentar de homem para homem.



Jagunços presos: eles fizeram crueldades e depois entregaram-se e como anjos. Tiveram medo de enfrentar o gaúcho, corpo a corpo



Situação em Dois Vizinhos. A foto mostra perfeitamente. A lei é implantada pelo poder da bala. Manda mais (como no cinema) quem atirar melhor

Foi aí que surgiu um herói novo na história «Pôrto Alegre», tipo do mocinho do cinema. Filho de colono e comerciante de rádios na localidade de Pato Branco, resolveu defender a região. Armou-se de revólveres e ódio e ficou disposto a vingar-se. Os outros seus amigos quando sabiam de um feito mais monstruoso resolviam não contar a ele, explicando: «Não contem a «Pôrto Alegre», pois se ele souber mata na hora».

PÔRTO ALEGRE — Trabalhando no papel eventual de herói, «Pôrto Alegre» foi realmente útil à região. Evitou vários conflitos através de discursos. Vingou várias mortes e petições em matar. Mas não teve coragem, porque também era um homem bom. Um gaúcho. De uma arma em punho, ele prendeu gente importante e fez o colono mandar nos municípios do sudoeste paranaense. Preveniu ao chefe de polícia do Estado, sr. Pinheiro Júnior: «Não mande Polícia Militar para cá. Nós queremos o Exército. Os «meganhas» são homens de Lúpion e querem voltar a implantar o terror que desfenderam na região».

MORTOS EM COMBATE — Muita gente morreu na guerrinha do Paraná. A região está apavorada. Tudo é motivo de medo. A ameaça. Não houve plantio devido às perseguições, e a miséria deve chegar mais forte em 1958.

Enquanto o governo do Estado diz que nada há de verídico e a oposição exagera para obter o afastamento de seu adversário, o gaúcho sofre e só tem a seu favor a fibra de homem como Pôrto Alegre, atualmente mandando na região. Localidades distantes como Dois Vizinhos, Santo Antônio, Francisco Beltrão, etc., não têm mais governo. Gente da própria cidade foi escolhida de comum acordo para mandar. Os ódios se chocam e a ameaça de combate cresce quando se fala na presença da Polícia Militar do Paraná.

Se um «jagunço» é encontrado, é caçado como fera. Tiroteios se sucedem. As companhias estão fechadas. Os colonos depredaram o que puderam e incendiaram documentos. O governo do Estado prometeu que elas ficarão assinaladas até que o litígio (as terras estão em litígio) no Supremo Tribunal Federal) seja solucionado.

INTERVENÇÃO — Para que o Paraná volte a ter os ânimos serenados e a produção volte a ser boa, é necessária a presença de tropas do Exército na Região. Em verdade, elas não precisariam intervir. Apenas a sua presença daria confiança (o gaúcho não tem mais confiança em ninguém) para os homens voltarem ao campo, tranquilos. O sr. Moisés Lupion procura não permitir esta intervenção de força federal, para não ser definitivamente desmoralizado. O general Lott mandou saber se a intervenção deve ou não ser aplicada e já recebeu relatório.

Diretor Gratuliano Brito
 Redator-Chefe Reynaldo Jardim
 Chefe de Publicidade J. M. Costa Júnior
 Paginação Victor Tapajós
 Desenhos Alberto Lima
 Fotografia Arnaldo Vieira e Alberto Ferreira
 Laboratório V. M. Vasconcelos

Redatores e Corretores:

S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Ana

Colaboradores:

Eneida, José Roberto Teixeira Leite, Helio Polito, Jeff Thomas, Haroldo Damasio, L. Junqueira, Nelson Gomes Leite, Octavio Lins, Carlos Normando, Carlos A. Nascimento, Marita Lima, Quintino Carvalho.



Propriedade da Companhia Editora Americana —
 Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio — Tels:
 Redação, 22-4447; Publicidade, 22-9570; Portaria,
 22-5602; Gerência, 22-8647; Contab., 22-2550.



ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 500,00
Seis meses	Cr\$ 250,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 750,00
Seis meses	Cr\$ 375,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 900,00
Seis meses	Cr\$ 500,00

O número avulso custa Cr\$ 10,00 em todo
 o Brasil, atrasado, Cr\$ 11,00.



Toda correspondência deve ser endereçada ao
 Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA
 DA SEMANA está organizado. Só publicaremos
 colaboração solicitada pela redação. Não devol-
 vemos originais, mesmo quando não publicados.
 Os trabalhos assinados são de responsabilidade
 dos autores.

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spa-
 nos, C. Postal 434, Lourenço Marques.
 Em Portugal: Helena A. Lima, avenida
 Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito,
 Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia.,
 Constituyente, 1746, Montevideu. Na
 Argentina: Interpresa, Florida 299, te-
 lefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.
 Tem agentes em todas as localidades
 do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO
 A. Zambardino — Rua Capitão Salo-
 mão, 69 — Fone: 34-1569

CRÔNICA

A CRIANÇA

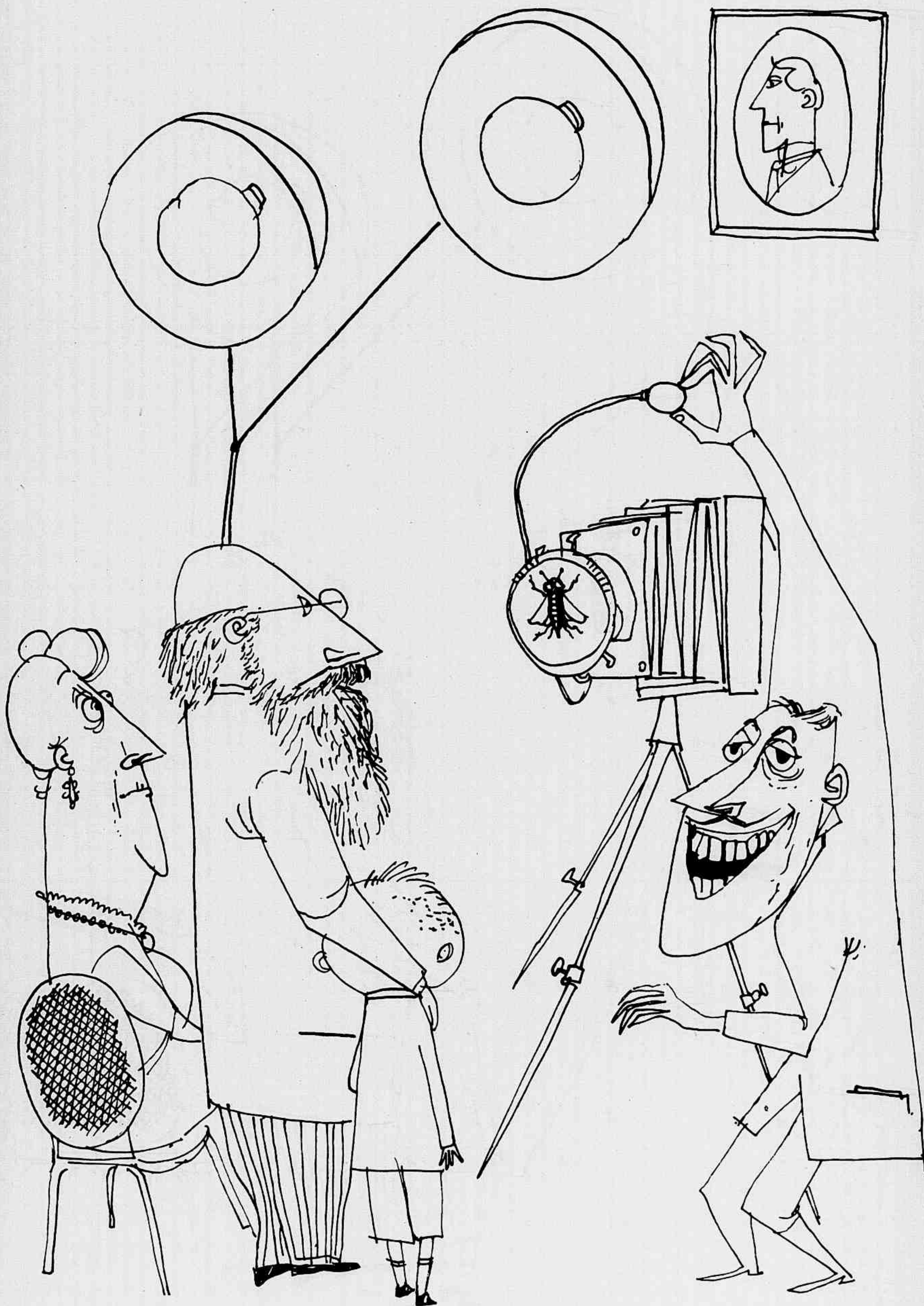
QUANDO chega outubro, como agora, e começa a Campanha Nacional da Criança, os assuntos parecem diminuir, desaparecer, como se todas as forças fossem convocadas para o grande movimento que, neste mês, de Norte ao Sul e Centro do país, tem, como tarefa principal, angariar meios para que o Departamento Nacional da Criança possa continuar espalhando benefícios às várias instituições que neste país se dedicam a dar aos pequeninos desvalidos, pão e instrução, amor e ternura. Nessa campanha, todas as mulheres, principalmente as mães, devem tomar parte, ajudar, colaborar. As crianças brasileiras estão aí, cercadas dos mais variados problemas, exigindo, com suas mãozinhas estendidas, suas saúdes difíceis, suas doenças tristes, a obrigação que temos em ajudá-las.

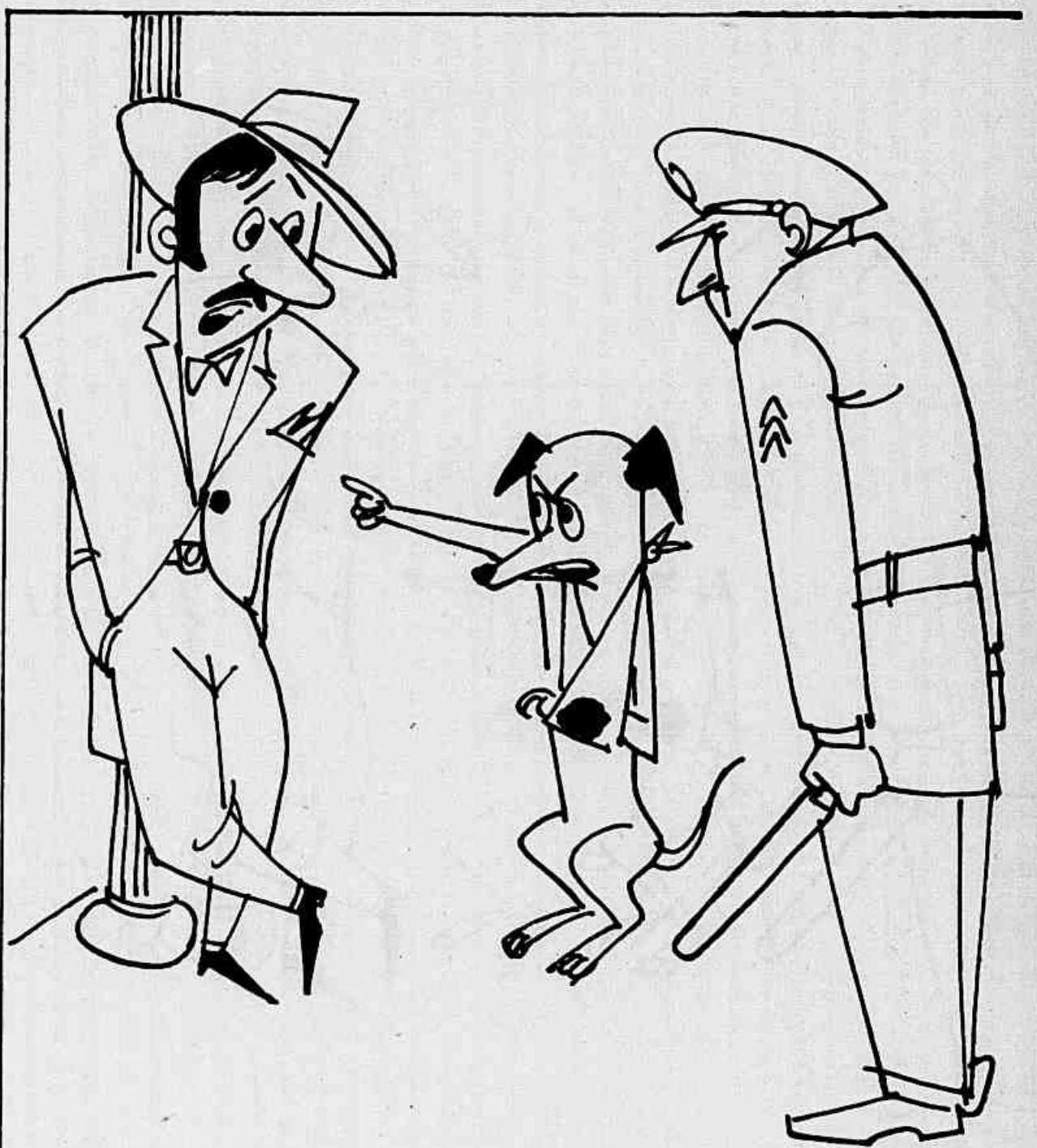
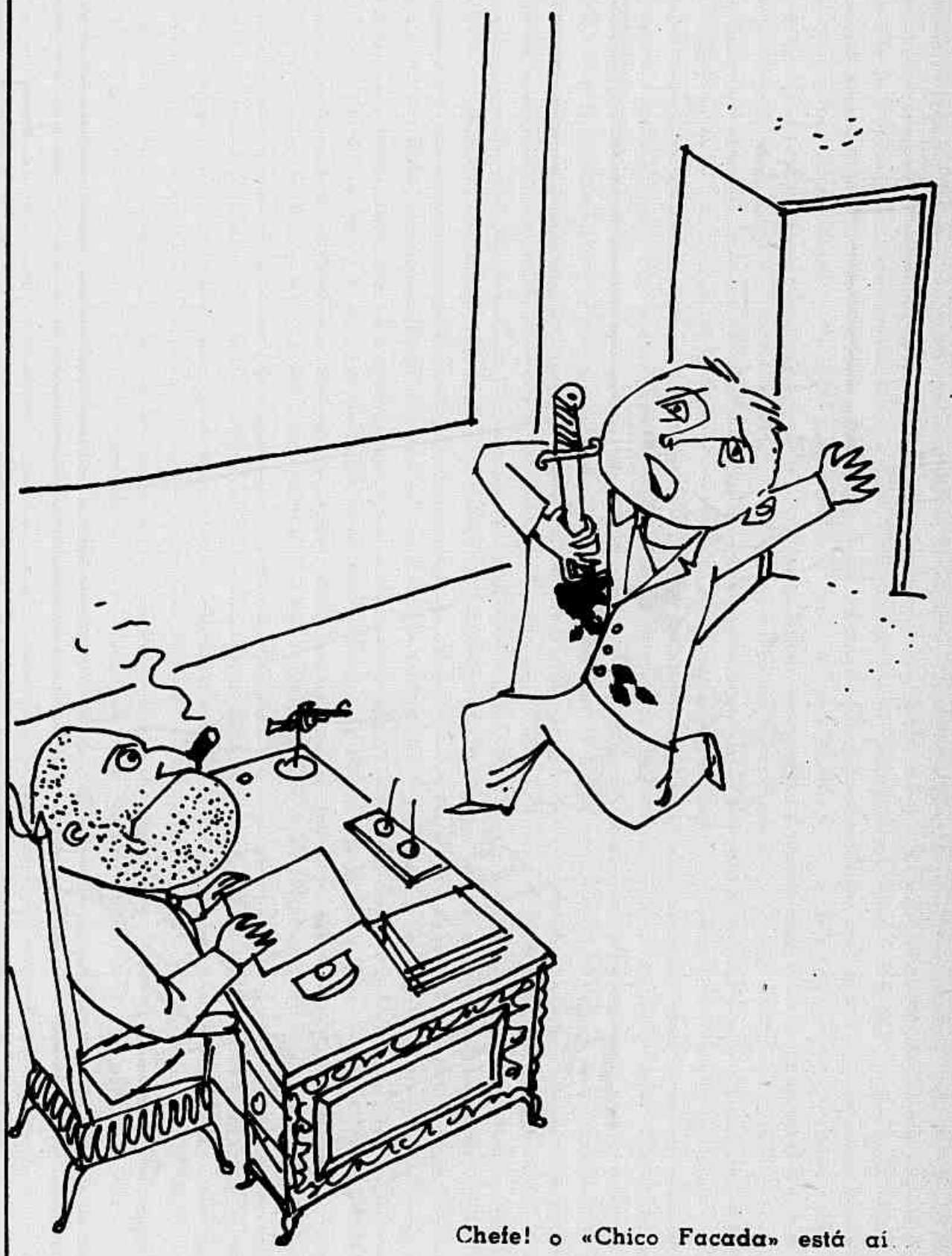
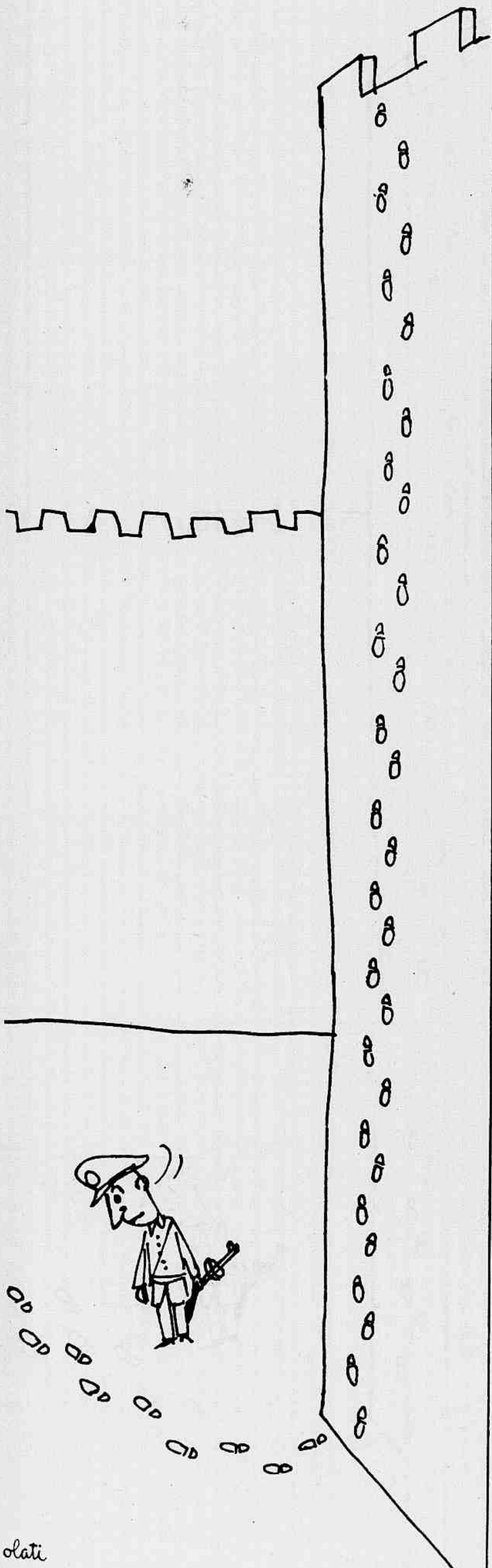
AS crianças brasileiras não querem nem precisam de esmolas; a caridade é um sentimento inimigo das crianças. O que elas exigem e esperam é auxílio, solidariedade, compreensão e amor. Principalmente amor. Ajudando a Campanha Nacional da Criança não estamos fazendo nenhum favor, mas antes cumprindo um dever neste país sem creches, sem lactários, com um índice tão elevado de mortalidade infantil, com tantas mães morrendo de parto, ou não tendo dinheiro para criar dignamente seus filhos. É em defesa dessa criança — que é maioria — para que ela tenha alimento e escola, divertimento e saúde, que se realiza a Campanha Financeira; para que os pequeninos, já alojados em casas diversas, tenham mais leite, livros, força, saúde, alegria; é para que possam crescer as benemerências e tornar possíveis os cuidados redobrados que a criança exige, que essa gente — os dirigentes da Campanha — brava e heróica pede dinheiro, ajuda, colaboração.

ASemana da Criança começou dia onze de outubro; estejamos todos com o coração aberto para auxiliá-la; auxiliemo-la na certeza de que, se as crianças não precisam de esmolas, necessitam e muito de justiça e auxílio.

Há dez anos, vem o Departamento Nacional da Criança realizando, por proposta do ilustre dr. Flamarion Costa, — um abnegado amigo dos nossos pequeninos, — essa campanha. Até agora tem encontrado apoio, simpatia e colaboração de nosso povo. Mas hoje como ontem, não é demais apelarmos, como aqui o fazemos, para que toda gente, todos nós, unidos, colaborem nessa grande obra de solidariedade, principalmente quando se trata da criança. Quem melhor do que ela para receber com a nossa ternura, a nossa ajuda?

Colaboremos pois, irmãs, irmãos, na Campanha Financeira da Semana da Criança, assunto maior e mais belo do mês de outubro.





Bom humor conserva a saúde. Mas sem saúde
pode existir bom humor? A conferência de
Maurício de Medeiros foi um «show» de piadas



O MINISTRO DA SAÚDE CONTA ANEDOTAS (1 HORA E MEIA) PARA AUMENTAR A PRODUÇÃO

JÁ FOI ACUSADO DE ORGANIZAR CABARÉ EM PARIS E CONSIDERA DUAS «BOAS» ANEDOTAS TÃO EFICIENTES QUANTO UMA ORAÇÃO FERVOROSA — A FÓRMULA QUÍMICA DA ALEGRIA E DA TRISTEZA — O ESPÍRITO CARIOCA É UMA INSTITUIÇÃO. DEVIA SER CULTIVADO PELO GOVERNO — PARA JUSTIFICAR BERGSOM, O MINISTRO CONTA A HISTÓRIA DE UM CACHORRO VAGABUNDO QUE SE FÉZ SEU AMIGO NO «CASSINO ATLÂNTICO»

Texto de REINALDO ROCHA

Foto de ALBERTO FERREIRA

CITANDO Bergsom, Eastman, George Dumas, os portugueses, o papagaio e outros mestres, o Ministro da Saúde passou uma hora e meia contando anedotas ante um seletto auditório, no qual figuravam os presidentes da Confederação da Indústria, da Associação Comercial e da Confederação dos Trabalhadores na Indústria. Começou o ministro por definir o riso como um estimulante para a produção, no mais amplo sentido; deu a fórmula química da alegria e terminou comparando o riso à auto-sugestão de uma prece (Dom Helder Câmara não estava presente). O professor Maurício de Medeiros defendeu bem sua tese de que com bom humor a vida é bem melhor, ganhando da imprensa, para somar aos inúmeros com que já conta, mais um título, o de emérito piadista.

★ DA NECESSIDADE DE RIR

Começou o ministro por dizer que embora venha dos tempos do Império a velha afirmação de que o Brasil está à beira do abismo «e continue à beira dele sem nele se precipitar» realmente a vida atual de nossas metrópoles são um fator de «nervosismo». São as filas para o ônibus de regresso ao lar. É o viajar de pé, aos saculejos, nesses ônibus. É a falta de água em casa. É o aumento cotidiano do preço das utilidades. É a falta de conforto em apartamentos pequenos, com crianças a que falta espaço para brincarem. É o noticiário dos jornais, repleto de crimes, de desastres e de comentários políticos acerbos, nos quais a vida pública aparece como uma verdadeira podridão moral. É a tensão da guerra fria entre o Oriente e o Ocidente. «E já agora é o pânico causado pelo noticiário sobre gripe asiática».

Tudo isso — diz o ministro — parece ter privado a Humanidade da capacidade de rir. No entanto, mesmo em plena guerra, o riso é um estimulante tão necessário ao esforço físico, quanto as longas marchas e exercícios com que se preparam os exércitos.

★ UM CERTO CABARÉ EM PARIS

E por falar em exércitos e guerras o ministro confessa que já foi acusado de organizar um cabaré para soldados em Paris. Aconteceu

quando o então jovem médico fazia parte da Missão Médica Militar que o Brasil enviou à França, na primeira guerra mundial. O dr. Maurício de Medeiros, já na época, defensor do riso como estimulante, organizara no Hospital Brasileiro montado em Paris, espetáculos com artistas franceses para divertir os soldados enfermos e elevar-lhes o moral. Jornais brasileiros o acusaram, com acerba censura, de ter instalado um cabaré no Hospital.

★ A FÓRMULA QUÍMICA DA ALEGRIA

Depois de contar uma anedota do papagaio, o ministro precisava demonstrar que fazia uma conferência científica sobre o «Trabalho e Bom Humor». Saiu-se, então, com a fórmula química da alegria e da tristeza também. Disse que, em síntese, as experiências de Georges Dumas demonstraram que a alegria aumenta a intensidade dos processos vitais, ao inverso da tristeza que os atenua. E citou:

para a alegria ativa — uma eliminação de 300 centímetros cúbicos de gás carbônico (Co₂) por hora e por quilo corporal e uma eliminação de 30 grs. de uréia em 24 horas.

para a tristeza passiva — uma eliminação de 110 cc. de Co₂ por hora e por quilo corporal e de 6 grs. de uréia nas 24 horas.

Gás carbônico e uréia, representando resíduos finais das combustões orgânicas, sua eliminação maior ou menor, dentro de um mesmo regime de vida, indica maior ou menor atividade orgânica.

E, conclui o ministro da Saúde: «Quando, portanto, as condições gerais da vida constituem fonte de tanta tristeza — creio que uma espécie de auto-cura preventiva estará em buscar motivos de riso, mesmo artificiais que sejam».

★ A VERVE DO CARIOCA

Contrariando a opinião de muita gente, o ministro faz seu elogio ao espírito do carioca:

(continua na pág. 14)

QUEM É VOCÊ?

Respostas da Prof. FERNANDA BARCELOS

★ **DERLI — 29 anos, feminino — solteira** — Infância truncada violentamente. Perdeu os pais muito cedo. Nunca teve felicidade completa. Mas tem capacidade de realizar-se, de completar sua vida como desejou sempre. Profundas preocupações sexuais no momento — talvez devido à falta de orientação. Desejo de independência, de liberação para ajudar os tios que têm sido tão bons para você. "Se fôr o melhor lenhador da floresta pode embrenhar-se por ela que o irmão procurar lá nas brenhas"... especialize-se e vencerá.

★ **ANALISADO — 48 anos, masculino, casado.** Você tem o que se chamaria em linguagem corrente uma adoração excessiva por sua mãe e, em Psicologia se diria que é "fixado" nela. Não há espôsa que suporte um homem que dá primazia à mãe — trate de analisar-se já que se diz analisado e veja se não estará neste problema a causa da distância em que sua espôsa se coloca do senhor. Irritado contra a sogra. Acha que a espôsa é mais mãe que mulher. Só a compreende tendo filhos e cuidando deles. Predileção pelo quarto filho. Cuidado que os outros podem sentir isto e sofrer com o fato. Deixe de pensar tanto em si — analise mais os outros e verá como sofrem os seus semelhantes. Suas preocupações consigo mesmo diminuirão no trato dos problemas alheios.

★ **VITÓRIA — 20 anos — solteira** — Que infância dolorosa e angustiante, menina... Família cheia de truncamentos, de choques afetivos intensos. É refugiada de guerra? Estêve internada? Sente-se injustiçada; a irmã já debandou do lar. O pai poderia ser mais capaz, a seu ver. Escreva, se quiser. Buscarei ajudá-la.

★ **JAMES DEAN — 16 anos — solteiro** — Você tem tendências artísticas acentuadas, James Dean. Mas, como indica o pseudônimo adotado, acha linda a juventude afoita e irrequieta que só pensa em dança e conquistas excessivas para a própria capacidade. Está descuidando seus estudos. Apega-se aos tios que, certamente, são mais tolerantes que seus pais. Só gosta de uma das irmãs. Sente-se incompreendido, roubado pela vida. Procure dar vazão às suas tendências artísticas mas não se esqueça de que o secundário é uma ponte única sem a qual todas as conquistas culturais em nossa terra são impossíveis.

★ **RANSÉS II** — Seu temperamento artístico se revelara antes do poema, Ransés... Suas figuras são exatamente as figuras que costumam fazer os dotados de sensibilidade poética. No seu teste não aparece sua mãe. Seu pai parece ser muito formal, muito rígido de idéias. Você vê na sobrinha o ideal que sonha para seus próprios filhos. Teve uma infância agitada por traumas afetivos intensos e até hoje se sente inacabado, incompleto, com um caminho a seguir que foi abandonado e que lhe deixa imensa nostalgia. Por que não o retoma seriamente? Se espaço houvesse aqui poria sua poesia — "Uma criança, feliz, peça por peça, constrói aos poucos seu castelo. Tem-no pronto. Admira-o um instante e com um movimento de mão bem conciente, deita-o por terra". Ao passo que o senhor tem medo — "Sem saber se a morte sorradeira, talvez apenas esperando esteja, implacavelmente, consumir-

se a empresa". Creio que o seu medo da morte se prende ao desaparecimento prematuro de sua mãe. Liberte-se desta preocupação... depende somente do domínio de sua imaginação, sr. Ransés.

★ **SUSI — 20 anos, solteira.** — Você é uma menina afetiva. Suzi, uma irmãzinha adorável. Profundamente agarrada à sua mãe e à irmã mais velha, acha que o pai deveria ser mais amigo da família, mais ligado a vocês. Gosta demais de ser protegida e às vezes explora os seus neste afã de proteção. Medo de sonhar e sofrer. Mas procure cultivar o otimismo, Suzi, pois é o tipo da mocinha ideal para um lar feliz e cheio de bebês...

★ **MADAME FÃ — 51 anos, casada.** — Infância horrível, sem paz, sem tranqüilidade. Uma vida estranha. Sua mãe é mais próxima de seu marido que você mesma, Madame Fã? Ela fica do lado dele, separa-o de você? Confusão mental, planos de vida superpondo-se uns aos outros e prejudicando-se mutuamente. Precisa organizar-se, dar um rumo seguro à sua existência. Planificar-se eis o seu problema.

★ **TERESA — 18 anos, solteira** — Está amedrontada, Teresa, sem sossego, irritada contra todas as irmãs e contra si mesma por não as saber tratar. Acha os irmãos muito mais fáceis de lidar, adora o sobrinho. Queria que o caçula não descansasse tanto, teme pelo futuro dele. Você é afetiva, sensível, delicada. Mas tem medo de expandir-se, não se sabe afirmar. Lute pelo que considerar direito seu — mas saiba discutir sem pôr todos contra você como vem fazendo, Teresa...

★ **TANI — 31 anos, casada** — Que encruzilhada, minha senhora... Como está vendo a vida negra, como está nervosa. Já tentou um especialista em doenças nervosas? Metade do negrume que vê em sua vida, das incertezas, das inseguranças que a acossam vão diminuir com remédios, você verá... Tem tudo para ser feliz mas está agitadíssima. Leia "Como evitar preocupações e começar a viver". E continue vivendo... mas sem preocupações.

★ **MARTINA — 21 anos, solteira** — Que vida triste tem tido, Martina. Infância traumatizada, injustiçada, cheia de constrangimentos, de conflitos domésticos intensos. Estêve na guerra? Até parece... Está desatinada por independência econômica. Acha que o pai sempre preferiu a sua irmã e isto tem sido motivo de desespero para você. É como se tivesse sempre lutado por conquistar a honra de um olhar dele que nunca veio... Escreva-me, Martina, se quiser um estudo mais demorado.

★ **MARIA ANTONIETA — 16 anos.** Você é muito inteligente, menina. Deve ser acima da média. Acha que a vida é feita para os homens, considera as mulheres seres tolhidos, sem liberdade, revolta-se contra isto. Tem muita capacidade. Tente drená-la para a conquista de meios de futura independência. Verá como também há lugar para as mulheres desde que elas se revelem capazes de fazer bom uso de sua liberdade.

VAMOS FAZER UM TESTE?

★ SABE EXPLICAR-SE?

- I) Dê três razões que expliquem porque algumas pessoas usam máquinas de escrever, que são tão caras, ao invés de lapiseiras ou canetas que são mais baratas.
- II) Dê três razões que expliquem porque o criminoso deve ser castigado.
- III) Que significa o provérbio: gato escaldado tem medo de água fria?
- IV) Suponha que vai caminhando para Oeste. Depois dobra à direita. Em que direção caminhará então?

(Veja resposta abaixo)

★ SOLUÇÃO DO TESTE:

- I) Condição, limpeza, velocidade, facilidade para leitura, economia de tempo ou de papel.
- II) Para dar-lhe lição, para exemplar os semelhantes, para impedir que faça algo pior, para cumprir a lei, para defender a sociedade.
- III) Significa que quem teve experiências desagradáveis evita que elas se repitam, evita entrar em casos semelhantes.
- IV) Na direção do Norte.

★ VALORAÇÃO

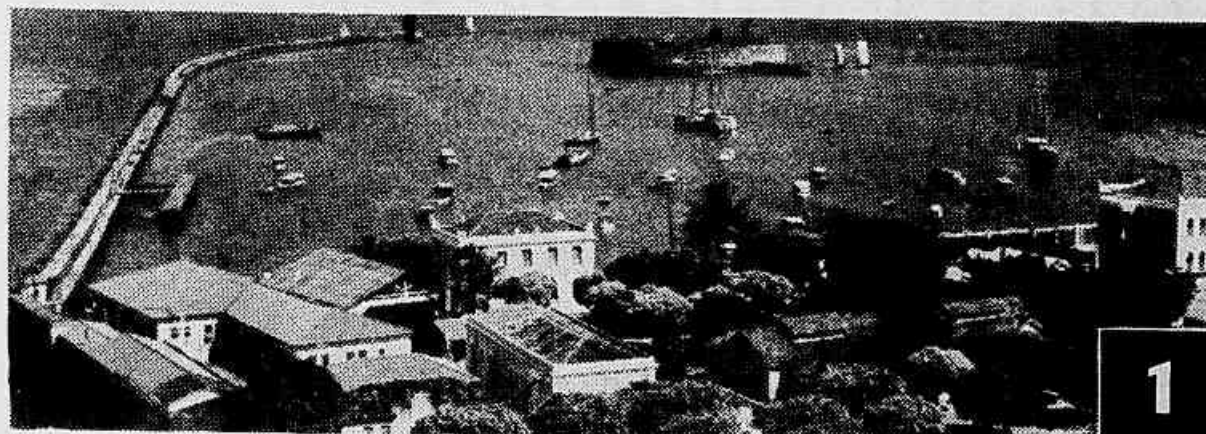
Sabe explicar-se com clareza se conseguiu 4 pontos. Mais ou menos se acertou entre duas e três questões. E, menos que isto, deve ser um trapalhão...

UM NOVO TESTE PARA NOS ENVIAR:

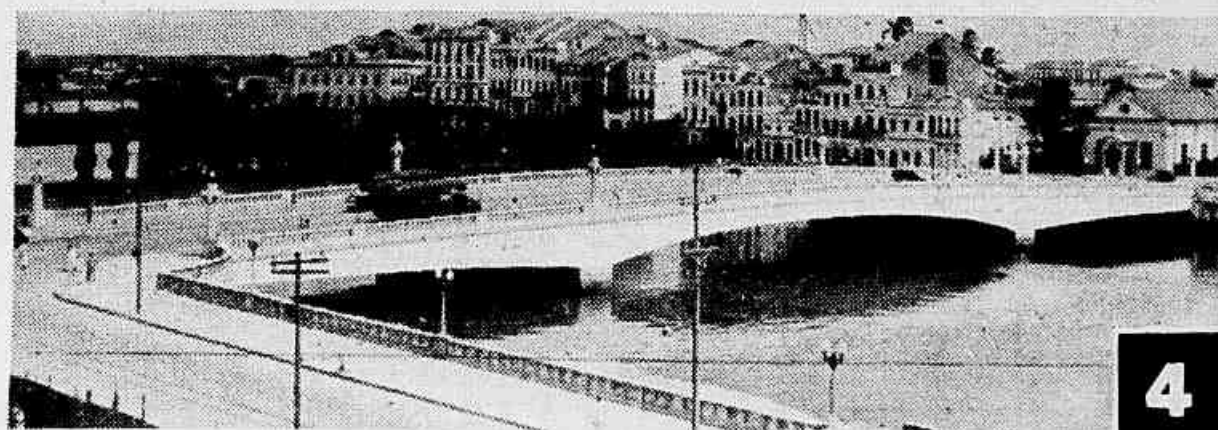
Coloque adiante das palavras que lhe são dadas abaixo quatro adjetivos que julgue adequados a elas. Escreva no papel da revista, recorte e envie-nos com pseudônimo, idade, sexo e estado civil. (Seção QUEM É VOCÊ, «REVISTA DA SEMANA», Visconde de Maranguape nº 15, Rio). Obterá resposta nesta seção.

PAI:
BRASIL:
VIDA:
CRIANÇAS:
CONSCIÊNCIA:
DINHEIRO:
LAR:
AMOR:
MORTE:

PUXE PELO CÉREBRO



◆ Você conhece o Brasil? Já viajou por alguns Estados? Então vamos ver como vai sua memória. Conte cinco pontos para cada resposta certa. Tudo errado: trate de procurar conhecer o país em que nasceu. 5 pontos: a geografia não é o seu forte, nem a memória; 10 pontos — quem conhece duas pode conhecer três, dê um jeito; 15 pontos — você não é tão mau como pensava, mas também não é tão bom; 20 pontos. Não fique tão contente que afinal de contas não é nada de mais conhecer quatro capitais. — Solução na página 54.





O sr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey Club Brasileiro, proferindo sua saudação à imprensa

AS HOMENAGENS À IMPRENSA

◆ No primeiro domingo do mês o Jockey Club Brasileiro realizou o tradicional almoço em homenagem à imprensa carioca, que teve lugar no Salão das Rosas do Hipódromo Brasileiro. No mesmo dia foi disputado o Grande Prêmio Imprensa, prova básica do programa daquele dia, todo ele dedicado ao jornalismo metropolitano. Ao ágape, uma bela festa de confraternização entre os homens do turfe e os da imprensa escrita e falada, compareceram dirigentes da sociedade carreirista, diretores de jornais, revistas e associações de classe, e numerosos profissionais da pena e do microfone. Em nome do Jockey Club Brasileiro o seu presidente, sr. Mário de Azevedo Ribeiro, saudou os homenageados do dia, que agradeceram pela palavra do jornalista Gerson Cordeiro. Ao ser corrido o Grande Prêmio, a diretoria do Jockey Club compareceu à Tribuna da Imprensa, onde foi servida uma taça de champagne, falando na ocasião o sr. Adair Eiras de Araújo numa saudação à crônica turfista.

Jornalistas e diretores do Jockey Club na Tribuna da Imprensa do Hipódromo, ao ser corrido o Grande Prêmio



O MINISTRO DA SAÚDE (continuação da pág. 11)

«Dizem que o carioca nada leva a sério. Vejo nisso uma virtude. A facilidade com que ele põe em circulação pilhérias e trocadilhos os mais irreverentes e transforma os acontecimentos os mais importantes em motivos de troça deveria até ser cultivada pelos governos, porque é graças a ela que o carioca é bem humorado e pouco inclinado a desordens. A única coisa que ele leva a sério é o futebol — dizem os austeros críticos. Por isso mesmo é que só no futebol é que o carioca briga e se torna desordeiro.»

O Ministro da Saúde vai mais longe ainda e acrescenta, citando La Bruyère, que a austeridade excessiva torna o homem antipático e faz com que a virtude seja aborrecida.

★ A ANEDOTA E A ORAÇÃO

O Professor Maurício de Medeiros, para escândalo de seus ouvintes religiosos (deveriam ser poucos ou tímidos, pois nenhum se manifestou) comparou uma «boa» anedota a uma oração fervorosa. Disse, inicialmente, que toda prece equivale a um desejo de saúde moral. Boliçando-a ao deitar-se, o crente se auto-sugestiona no sentido da bem-aventurança. E apaga da memória, nessa espécie de auto-absolvição, a lembrança dos pecados do dia que findou! O psicólogo Coué aconselha há seus doentes a repetirem, ao deitarem-se, uma frase que sintetize os seus desejos de boa saúde. Praticamente, a auto-sugestão de Coué — diz o ministro — ou a prece se equivalem como métodos psicoterápicos. E acrescenta ainda:

— Em certos casos e partindo desses princípios, adiciono a tais métodos o conselho de uma leitura alegre, antes de adormecer. Duas ou três anedotas que nos façam rir prazerosamente à hora de dormir lavam-nos a alma, expurgam-na de toda tristeza, preparam-nos um sono repousante.

★ BERGSOM, O MINISTRO E UM CÃO VAGABUNDO

Para justificar Bergsom (que diz que só se ri do que é especificamente humano) o ministro conta a história de um cão que se fez seu amigo no Cassino Atlântico.

«Durante certo verão — contou o professor Maurício de Medeiros — eu tinha o hábito de ir tomar um sorvete, tarde da noite, no terraço do Cassino Atlântico, à beira da Avenida Atlântica. Um cão vagabundo ligou-se de amizade comigo e vinha partilhar do meu sorvete, que eu lhe dava em prestações num pires que colocava aos pés da mesa bem ao seu alcance. Certa vez voltei. Estava o terraço cheio de fregueses e o meu amigo cão não aparecia.

De repente, vi-o passar pela calçada, preocupado com alguns colegas com quem estava se divertindo, e aos quais seguia. Assobiei-lhe. Ele parou, olhou vagamente, e continuou seu caminho. Mas, apenas deu alguns passos, voltou atrás, içou-se sobre a pequena balaustrada do terraço e fitou-me mais longamente. Sacudiu a cauda alegremente, deu a volta e veio correndo ao meu encontro. Sua atitude foi precisamente como se, de pronto, sua memória não o tivesse feito reconhecer-me. Seguiu o seu caminho, como quem diz:

— Quem seria aquele sujeito. Conheço aquela cara... E voltou a fitar-me bem de frente. Aí reconheceu-me. Sacudiu a cauda, como quem diz:

— Ah! É você?

E veio ao meu encontro cheio de contentamento. Uma atitude perfeitamente humana. E por isso faz rir...

★ FREUD E O PAPAGAIO

Finalmente, o ministro define a anedota como a arte de enganar o ouvinte e sintetiza a sua técnica com a apresentação de uma cena imprevista que desarticule a previsão lógica.

E, para demonstrar, conta uma anedota que atribui a Freud. É a história de um papagaio que vive em companhia de um macaco acorrentado. O papagaio só sabia dizer uma frase:

— Noite encantadora!

Certa vez, o dono dos animais vai ao teatro. Na ausência, o macaco consegue libertar-se da corrente. Quando o dono entra em seu apartamento e acende a luz, havia penas por toda parte... E o papagaio todo depenado, livrando-se das mãos do macaco, caminha para seu dono, proclamando:

— Noite encantadora!

'Mil' lhe oferece:



Ferramentas
OFICINAS
AMADORES
ESTOJOS SOCRETES
CATRACAS ESTRIAS




Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE
R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6144 RIO DE JANEIRO

JORNAL DA REVISTA

ATUALIDADES DO BRASIL E DO MUNDO — REDATOR: AROLDO WALL

CRISE NO CAFÉ BRASILEIRO!

TENSÃO NO ORIENTE-MÉDIO AMEAÇA A PAZ MUNDIAL!

CONFLAGRAÇÃO NO PARANÁ E GREVE EM SÃO PAULO SA- CODEM O BRASIL!

CAMUS GANHA O PRÊMIO NOBEL



CRISE NOS PREÇOS DO CAFÉ

♦ Enquanto representantes de sete países latino-americanos se reuniam no México a fim de conterem a tendência baixista nos preços do café, nos mercados internacionais, a revista "Business Week", semanário especializado norte-americano, afirmava que tanto o Brasil como a Colômbia, grandes produtores de café, poderão sofrer sérias consequências financeiras decorrentes desta tendência. Salientou o órgão norte-americano que embora o Brasil e a Colômbia estejam muito endividados, deverão pedir ajuda de emergência em grande escala, mas que os Estados Unidos "carecem, infelizmente, de fundos para ajuda exterior". Os lucros de exportação do Brasil decresceram em 13% nos primeiros 8 meses deste ano em virtude da queda nos preços do café, e das exportações do cacau e do algodão, enquanto as importações se elevavam em quase 30% no mesmo período. Esta situação obrigou o Brasil a sacar 50% de sua quota do Fundo Monetário Internacional.

CONTRÔLE DA OFERTA

A crise, provocada pela queda dos preços do café no principal mercado consumidor, os Estados Unidos, deverá ser contornada no México com o estabelecimen-

CRISE NOS PREÇOS DO CAFÉ

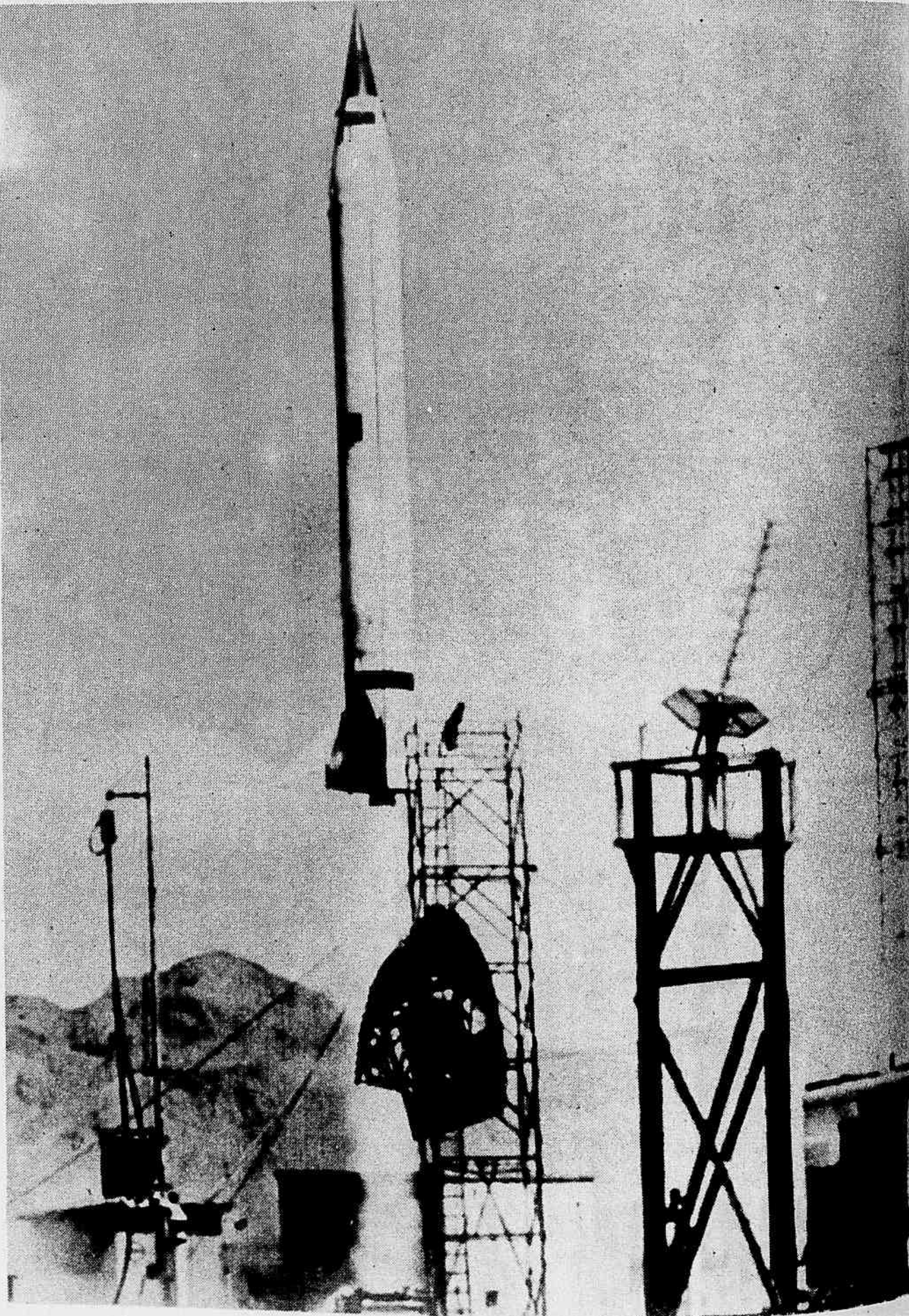
to de um controle da oferta e a regulamentação dos mercados evitando novas e futuras baixas desastrosas para os países que têm no café sua única e principal fonte de dólares. Sabe-se que a Colômbia, além disso, está efetuando sondagens para vender o café na "Cortina de Ferra" numa drástica medida para evitar um colapso econômico, embora o sr. Manuel Mejia, presidente da Associação dos Produtores do Café de seu país (já nomeado embaixador colombiano no Rio de Janeiro) tenha confirmado a não existência de excedentes de café em proporções anormais capazes de provocarem uma ainda maior queda do produto.

♦ A situação foi bem definida pelo delegado brasileiro, Paulo Guzzo, presidente do Instituto Brasileiro do Café que afirmou no dia da inauguração da reunião do México, com representantes da Colômbia, El Salvador, Guatemala, Costa, Nicarágua e México: "Todos os países produtores estão no mesmo barco e a única coisa indispensável é que todos remem no mesmo sentido". Ao que sabe, a reunião do México deverá reduzir a exportação em 15% fixando, ao mesmo tempo, um preço mínimo de exportação.



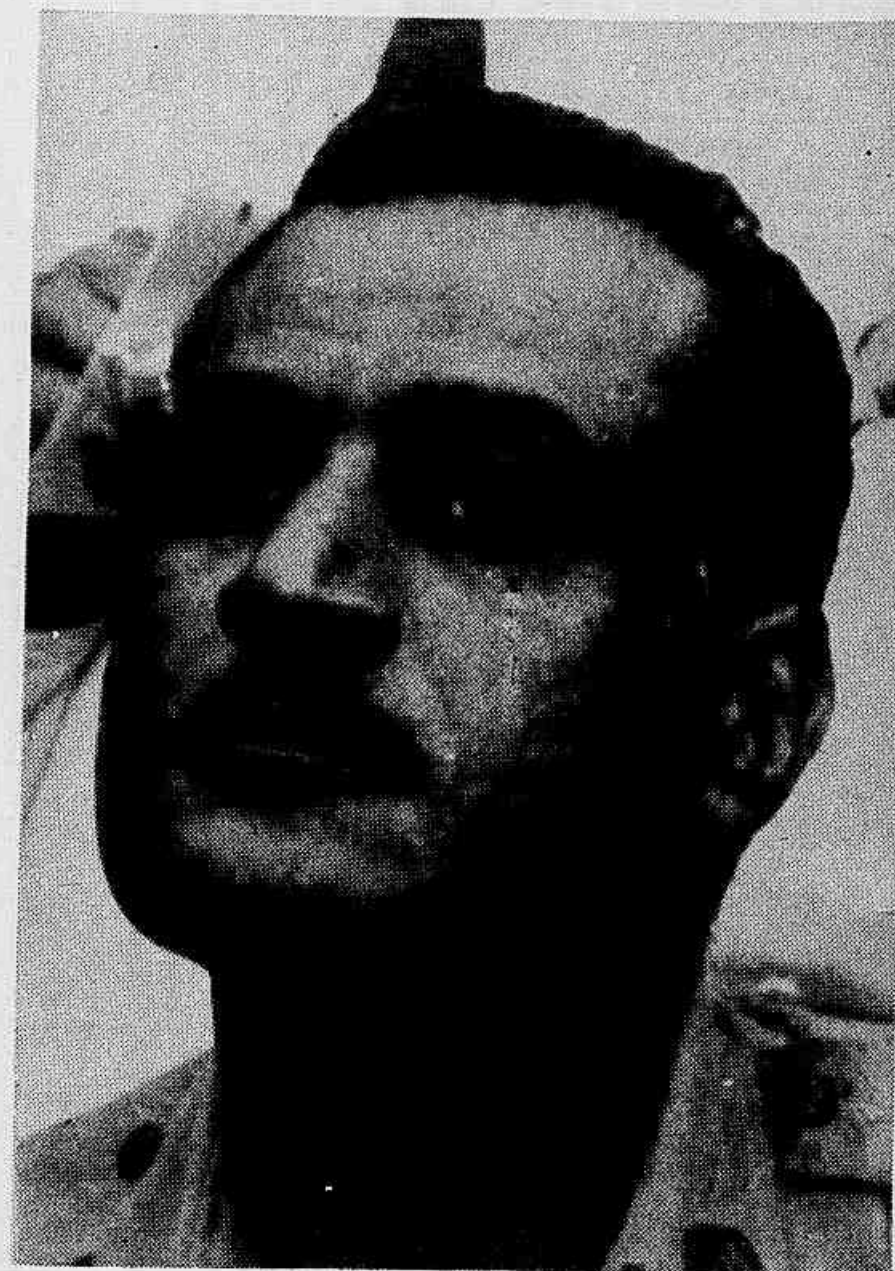
P. B. I. E PROJETÉIS

♦ A verdadeira chuva de inquérito nos Estados Unidos provocados pelo lançamento do satélite artificial russo trouxe novamente à baila a questão se as rivalidades entre as Forças Armadas norte-americanas não causaram atraso no aperfeiçoamento do Projétil Balístico Intercontinental. Embora, como acentuaram sábios norte-americanos, o lançamento do satélite apresente ainda grandes interrogações, acredita-se que a demora dos Estados Unidos tenha advindo, principalmente, da falta de meios para lançá-lo. Assim, a dificuldade norte-americana repousa principalmente na obtenção de um P.B.I. A questão lembra a polêmica surgida quando a Força Aérea Norte-Americana anunciou o abandono dos trabalhos no projétil teleguiado "Navajo" depois de ter gasto nele cerca de 750 milhões de dólares, embora técnicos o considerassem superior ao "Snark" em virtude de sua velocidade supersônica. O "Snark", afirmou-se na época, poderia ser derrubado por caças supersônicos que o alcançariam com maior facilidade, ao contrário do "Navajo". Atualmente, o "Thor", alcance de 2.500 quilômetros, goza da simpatia dos círculos militares norte-americanos, nas questões de defesa do país enquanto se aperfeiçoa o "Atlas" e o "Titan" capazes de alcançar 8 mil quilômetros.





DULLES



NASSER

AGRAVA-SE A TENSÃO NO ORIENTE-MÉDIO



♦ O Partido Comunista russo advertiu que a tensa situação turco-síria poderia provocar o início da III Guerra Mundial em mensagens dirigidas aos países socialistas da Europa Ocidental. No caso de "agressão" ao governo de Damasco, diz a nota russa, a Síria não ficaria sòzinha na luta, isto é, contaria com o apoio soviético e do Egito, que já enviou tropas para a fronteira turco-síria numa evidente manobra para capitalizar as simpatias do preponderante grupo russófilo do Exército sírio e, ao mesmo tempo, reforçar o prestígio do presidente Nasser na questão árabe, além de, segundo alguns despachos, evitar a entrada de "voluntários" soviéticos no país. As fôrças egípcias, que a princípio se pensava serem quase simbólicas, são tropas de choque escolhidas a dedo com a dupla missão de participarem de qualquer operação militar do Exército sírio e de adestrarem os soldados nas armas fornecidas pelos soviéticos.

♦ Por outro lado, o ministro da Defesa turco, sr. Shemi Ergin afirmava que a "Turquia não alimentava o menor intuito territorial a respeito de qualquer país, mas tampouco "jamais permitirá que alguém lhe arranque a menor parcela de seu território". Ao mesmo tempo a situação política evoluía em três fronts: no russo, o ministro do Exterior Andrei Gromyko, em carta ao presidente da ONU, afirmava que a situação era tão tensa no Oriente Médio que poderia provocar um conflito armado a qualquer momento, no norte-americano, o secretário de Estado Foster Dulles hipotecava solidariedade a Turquia, advertindo que os Estados Unidos tomariam represálias contra a Rússia se este país se unisse a Síria num ataque contra a Turquia; por fim a Síria pedia a ONU que estudasse a questão da situação na fronteira turco-síria. A situação síria que vinha se deteriorando antes mesmo do lançamento do satélite artificial russo chega, agora, ao seu clímax. Todos os esforços para localizar o conflito foram vãos. Assim, qualquer passo em falso poderá provocar um conflito, cujo início todos conhecem, mas cujo fim ninguém preverá.



REVOLTA DOS POSSEIROS NO PARANÁ

♦ Enquanto no Rio, deputados opositores ao governo Lupion pedem a renúncia do chefe pessedista do Paraná, falando mesmo em "Impeachment", no sudoeste do Paraná os revoltados posseiros continuavam dominando a cidade de Santo Antônio. O movimento, que eclodiu novamente depois de um período em que pareceu se normalizar, começou há mais de 2 meses, quando companhias colonizadoras iniciaram a venda das terras dos municípios de Capanema, Santo Antônio, Francisco Beltrão e Pato Branco desalojando, às vezes pela violência, os posseiros que haviam-nas adquirido em mãos de "grileiros". O município de Capanema foi então invadido por mais de 2 mil homens armados que se apossaram da cidade. Entretanto, no Rio, a Câmara aprovava a emenda do Senado tornando nula a venda de terras da União à Citla (Clevelândia Industrial e Territorial Limitada) pertencente ao sr. Moisés Lupion, de acordo com a decisão do Tribunal de Contas que negou registro ao contrato entre a Superintendência das Empresas Incorporadas da União e a CITLA. Mas, a situação que parecia se estabilizar voltou a se agitar com a revolta dos posseiros de Pato Branco. O governador Lupion já recebeu completo apoio político do PSD, não se prevendo, assim, qualquer medida que possa desgastar seu prestígio. Por outro lado, a intervenção do Ministério da Guerra deverá ser feita no sentido de apaziguar os ânimos da região, restabelecendo a ordem com calma, evitando qualquer choque violento.

ROMÊNIA: CRÍTICA AOS RUSSOS

♦ O jornalista Anthony Rhodes, do "Daily Telegraph", de Londres, publicou em seu jornal, uma série de artigos intitulados "A Romênia sob o jugo soviético", descrevendo o ambiente social, político e econômico romeno visto por um jornalista ocidental, primeiro a percorrer o país nestes últimos anos. Revela Rhodes que a Romênia é o país mais soviético entre todos os satélites soviéticos. A produção de urânio, alumínio e petróleo, isto é, toda a riqueza mineral do país é destinada à Rússia. Exposições sobre a vida e cultura soviéticas sucedem-se com regularidade. E mais: até mesmo a constituição da Romênia contém uma cláusula sobre a "amizade e aliança com nossa grande aliada, a desinteressada e fraternal Rússia". Entretanto, segundo Rhodes, o povo romeno repudia a "russificação" e sua conformidade é apenas aparente. Como prova o jornalista inglês cita a crescente revolta contra a coletivização da agricultura, cujas fazendas são vítimas de constantes assaltos por parte dos próprios fazendeiros.

CAMUS: PRÊMIO NOBEL

♦ Quarenta e oito horas antes de ser concedido o Prêmio Nobel de Literatura de 1957, sabia-se que a máxima honra literária do Mundo Moderno oscilava entre Albert Camus e o também francês, André Malraux. O júri preferiu Camus "por sua importante contribuição literária que, com clareza e seriedade explica os problemas da consciência humana em nosso tempo". Camus, que já esteve no Brasil, é conhecido por sua posição filosófica existencialista cristã. Sua obra é típica de uma geração francesa desiludida que chegou a idade adulta para lutar durante a II Guerra Mundial, problema claramente exposto no seu mais famoso romance: "A Peste", traduzido para português por Graciliano Ramos. O agraciado, nascido na África, escreveu, também várias peças teatrais.



ARGENTINA: GREVES

♦ O governo argentino ainda não conseguiu solucionar, completamente, os conflitos operários provocados por questões de salários. O presidente provisório, general Pedro Aramburu, tem mantido contactos com os dirigentes operários, mas sem

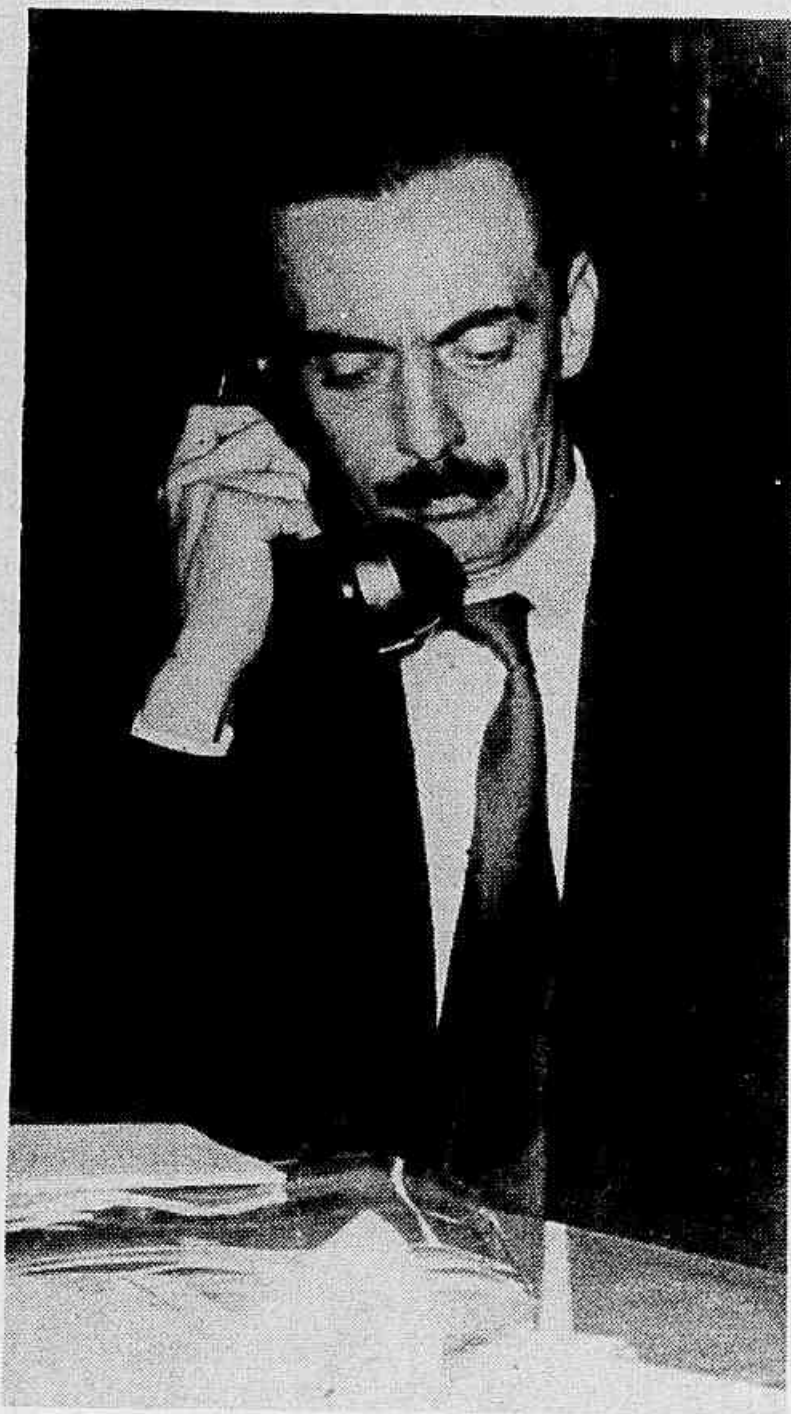
resultados positivos. Enquanto isso, dirigentes sindicais fixavam para segunda-feira, 21, uma greve de 48 horas numa tentativa de congregação das forças sindicais para obterem a anuência governamental na elevação salarial dos empregados.

JORNAL DA REVISTA

ATUALIDADES DO BRASIL E DO MUNDO — REDATOR: AROLDO WALL

KRISHNA MENON: CÂNCER E RADIOATIVIDADE

◆ Apoiado em experiências de cientistas japoneses, o representante indiano à Assembléia Geral das Nações Unidas pediu mais uma vez a realização de um acordo de desarmamento capaz de proibir novas experiências nucleares. "Cada explosão de uma bomba de hidrogênio, equivalente a um milhão de toneladas de TNT pode provocar câncer em mil pessoas sem levar em conta os efeitos nas futuras crianças — disse Krishna Menon. O representante da Índia, que vem se batendo por um imediato acordo de desarmamento, afirmou ainda que chegou a hora "de correr o risco de adotar decisões". Trata-se do problema da própria sobrevivência humana e não uma simples questão de redução de armamentos" — frisou o delegado da Índia. Menon salientou que o lançamento do satélite artificial tornou duplamente urgente a necessidade de um acordo de desarmamento. O problema da radioatividade, que já provocou centenas de pronunciamentos contrários a continuação das experiências atômicas, será discutido no atual período de sessões da Assembléia Geral das Nações Unidas. De um modo total e quase unânime os cientistas de todo o mundo já advertiram sobre os perigos e as conseqüências fatais para as gerações futuras se o homem continuar realizando experiências nucleares no mesmo ritmo atual. Contudo, os políticos estão surdos, aferrados aos seus esquemas limitados da "Guerra Fria".



SÃO PAULO PAROU

◆ Precisamente a zero hora do dia 15, o presidente do Sindicato dos Gráficos de São Paulo leu uma proclamação de sindicatos congregando mais de 300 mil operários, pedindo melhores salários e contenção do custo de vida, deflagrando uma das maiores greves que a indústria bandeirante já conheceu. A violenta ação dos piquetes obrigou a maioria dos trabalhadores aderirem ao movimento e várias fábricas fecharem suas portas, por falta de garantias. Nesse ínterim, já o sr. Antônio Devisate, presidente da Federação das Indústrias bandeirantes, chegava ao Rio pedindo providências ao chefe do Governo e acusando o governador Jânio Quadros de passividade. Os industriais chegaram a pedir a intervenção do governo federal afirmando que o Estado não oferecia garantias para o funcionamento de suas fábricas. Os maiores sindicatos em greve são os têxteis, dos metalúrgicos, dos gráficos, além do que congrega os trabalhadores na indústria do papel.

SATÉLITE E PROPAGANDA

◆ Enquanto os Estados Unidos não lançarem seu satélite artificial, a "batalha da propaganda" com a Rússia continuará em todos os países cada qual defendendo seu ponto de vista particular. Por isso, são dignas de nota as declarações do cientista russo, A.I. Berg, afirmando que os Estados Unidos "têm os conhecimentos e a capacidade para lançar seu próprio satélite". Berg, depois de exaltar a modestia dos cientistas russos, assinala que ninguém crê num atraso norte-americano, pois isso "seria enganar-se injustificavelmente".

"Contudo — acrescentou — a União Soviética está à frente do Mundo na tarefa de coordenar o programa de lançamento do satélite, conseqüência de vários anos de trabalhos, efetuados com o completo apoio das autoridades, onde dois mil cientistas trabalharam em conjunto". Concluindo diz o cientista russo: "as condições que nos permitiram lançar o satélite não existem, ao que parece, nos outros países".

SEM COMPROMISSO

★ BUENOS AIRES — O primeiro Sindicato dos Mendigos que se tem notícia, surgiu na capital argentina com uma condição: os filiados não poderão aceitar menos de 50 centavos quando esmolar em frente a igrejas, cinemas e teatros. Somente quando trabalharem a domicílio é que poderão aceitar esmolas de 30 centavos.

★ NAÇÕES UNIDAS — Com cerca de 126 assinaturas — políticos, escritores, pintores de renome mundial — será apresentada às Nações Unidas uma "Declaração de Consciência" contra o preconceito racial na União Sul-Africana. O documento deverá ser apresentado no dia 10 de dezembro próximo, "Dia dos Direitos Humanos" que será comemorado na ONU.

Quando chegou ao Brasil, há três meses, Alexandre Jenner não imaginava que encontraria a glória. E agora, ao despedir-se, de regresso a Viena, confessa: «vim muito mais pelo desejo de conhecer este país do que para conquistar um laurel. E conhecê-lo foi também, para mim um grande prêmio».



Texto de
EDINO KRIEGER

Foto de
ARNALDO VIEIRA

ALEXANDRE JENNER

DESCOBRE O BRASIL

"A SIMPLES OPORTUNIDADE DE CONHECER ÊSTE PAÍS ME PARECIA, POR SI SÓ

QUANDO desembarcou no Rio, há três meses, Alexandre Jenner vinha participar do I Concurso Internacional de Piano, mas não sabia que iria descobrir o Brasil. E os brasileiros (para nós ele era apenas um concorrente desconhecido, como os outros) que o receberam nem de longe imaginavam que iriam conhecer, dias depois, um virtuose do teclado, cuja carreira começara a firmar-se desde 1950 e incluía vitórias importantes como as conquistadas em concursos de Genebra, Darmstadt, Paris.

Sem alardear as conquistas passadas e a condição de discípulo de grandes mestres da atualidade — como Seidlhofer e Richard Hauser — Alexandre Jenner chegou ao Brasil trazido mais "pelo desejo de conhecer o país" do que pela ambição de um novo laurel.

— Não que a perspectiva de uma nova vitória me causasse indiferença, mas a simples oportunidade de conhecer o Brasil me parecia por si só um prêmio capaz de justificar a participação no Concurso.

★ **DESCOBRIMENTO DO BRASIL** — O que o jovem austríaco talvez não tivesse incluído em seus prognósticos foi a experiência nova que essa participação lhe proporcionou: através do concurso, Alexandre Jenner não apenas "conheceu o Brasil": descobriu-o.

A afluência do público ao Concurso, o calor das manifestações, a repercussão imensa do certame, causaram-lhe uma impressão marcada, que lhe arrancam exclamações de entusiasmo:

— Não tenho lembrança de haver conhecido povo tão interessado quanto este num acontecimento musical! A popularidade do Concurso — diz Alexandre Jenner — a impressionante cobertura jornalística, com os jornais noticiando em manchetes de primeiras páginas o seu desenvolvimento (quando na Europa os resultados são conhecidos apenas através do noticiário habitual das colunas culturais), tudo isso transformou, para mim, este Concurso numa experiência nova, de uma intensidade inesperada.

★ **O CONCURSO NUNCA TERMINOU**... — "Contrariamente ao que acontece na Europa — acrescenta — o Concurso aqui parece nunca terminar. Mesmo depois de conferidos os prêmios (e que impressionante coleção de prêmios extraordinários, surgidos espontaneamente no último momento!), o espírito de competição se prolongou entre os vencedores nos concertos sucessivos, pois a comparação dos candidatos, feita pelo público durante as provas, continuava claramente nos concertos... Confesso que, quando tocava com Postiglione e Dorenski, havia entre nós um estado geral que, para ser-



"Completei minha surpreendente descoberta do Brasil: o interesse que encontrava no Rio repetiu-se nos demais Estados. Em São Paulo o público lotava não só o teatro, mas também o palco e em Salvador tive que tirar gente debaixo do piano para poder começar a tocar..."



"A popularidade do Concurso, a impressionante cobertura jornalística nas manchetes dos jornais (na Europa esses acontecimentos são noticiados apenas nas sessões especializadas da imprensa) tudo isso transformou, para mim, este Concurso numa experiência nova, inesperada."

UM PRÊMIO CAPAZ DE JUSTIFICAR A PARTICIPAÇÃO NO CONCURSO DE PIANO

mos honestos, teríamos que reconhecer como um medo generalizado... Essa comparação "a posteriori" do público criava, sobretudo para mim, uma situação difícil, pois como primeiro colocado esperava-se de mim a obrigação de ser sempre o melhor... o que não é fácil quando se compete com artistas como Dorenski e Postiglione. Decidimos, então, de comum acordo, que não nos apresentáramos mais num mesmo concerto — para tranquilidade geral..."

★ **GRANDES AMIGOS** — "A despeito de se defrontarem como competidores — continua Jenner — os pianistas que participam de concursos desse gênero em geral se fazem grandes amigos. Foi o que sucedeu no Brasil. Dorenski, Voskressenky, Vasary e, sobretudo, Postiglione, tornaram-se grandes amigos meus, companheiros excelentes que lembrarei sempre com prazer. Nesse particular, os pianistas parecem possuir uma natureza algo diferente dos cantores, por exemplo, que, em geral, se degladiam ferozmente..."

★ **ATRAVÉS DO BRASIL** — Além do prêmio de mil dólares e de um piano de cauda (que cedeu à Embaixada da Áustria,

no Brasil), Alexandre Jenner recebeu, como primeiro colocado, um contrato para dez concertos no Brasil, sob os auspícios das sociedades de Cultura Artística.

— Completei, assim, minha surpreendente descoberta do Brasil: o interesse enorme que encontrara no Rio repetiu-se em todas as outras capitais. Em São Paulo, o público lotava não apenas as dependências do teatro, mas o próprio palco. E, na Bahia, tive que tirar gente de baixo do piano para poder tocar!..."

★ **DESPEDIDA** — Retornando de sua "tourné" pelo Brasil (Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Aracaju, Curitiba, Santos e Porto Alegre), Alexandre Jenner realizou no dia 14 o seu recital de despedida do público brasileiro, no Teatro Municipal.

— Nunca toquei tanto em tão pouco tempo! E imagine que eu queria apenas "conhecer" o Brasil...

Alexandre Jenner retornará, agora à velha Viena, enriquecido por sua bela experiência no Brasil. E deixará aqui um público que soube contagiar com sua arte maravilhosa e que irá recebê-lo com o mesmo entusiasmo quando ele aqui voltar.



"O Concurso, aqui, parece nunca terminar. Mesmo depois de conferidos os prêmios, permanece a competição e confesso que isso era difícil para mim. Tendo ganho o primeiro prêmio, tinha que competir com Dorensky e Postiglione... E decidimos não nos apresentarmos juntos

"Todos os concorrentes se tornaram grandes amigos e vivemos belos momentos no Brasil. Nunca pensei em tocar tanto, em tão pouco tempo, eu que pretendia apenas conhecer o Brasil... Volto para Viena encantado, considerando que a oportunidade que tive foi, para mim, de imenso valor."



O sofrimento atravessa a beleza como a luz o cristal, sem deformá-la

A sensualidade derrete as barreiras

CARMEN JONES ESCRAVA

Texto de CARLOS A. NASCIMENTO

Fotos T.C. FOX

DEPOIS de ter sido escolhida por Otto Preminger para desempenhar o papel-título do filme «Carmen Jones», película que lhe valeu fama e prestígio no mundo cinematográfico internacional, Dorothy Dandridge voltou recentemente com outro filme, «A Ilha nos Trópicos», onde, ao lado de seu antigo companheiro, Belafonte, apareceu num papel secundário naquela película da Fox que, diga-se de passagem, não lhe deu oportunidade de demonstrar toda a diversidade de qualidades histriônicas que mostrou em «Carmen Jones». Agora, porém, a glamorosa mulata norte-americana volta ao estrelato com outra película, não feita em Hollywood mas na França, onde foi dirigida pelo dinâmico diretor do cinema francês Jean Berry. Trata-se de um te-

ma vigoroso, uma história tão triste quanto dolorosa que nos leva ao tombadilho de um navio negreiro na época em que o ignóbil tráfico era uma transação comercial «honesta» e bem remunerada. Berry realizou a película relatando, com todo o realismo que lhe é característico, o sofrimento dos negros escravos africanos durante uma viagem para as Américas.

Mas, para «Tamango» (este é o título do filme), o diretor francês não se limitou apenas a uma atriz estrangeira — a norte-americana Dandridge — Berry foi buscar na Alemanha outro nome não menos eminente da cinematografia internacional, o ator Curt Jurgens, que apareceu recentemente em «Miguel Strogoff» e que teve seu último filme feito na Alemanha

(«O General do Diabo») premiado no último Festival de Edimburgo. Para completar o elenco dessa produção, Berry escolheu outro nome muito nosso conhecido, pois já esteve no Brasil por duas vezes, Jean Servais, o empolgante «gangster» de «Rififi». Esses dois astros desempenham papéis muito a seus feitios, pois são os algozes brancos do navio negreiro. Assim, Berry reuniu três artistas de diferentes nacionalidade (Dandridge, norte-americana; Jurgens, alemão e Servais belga — ainda que radicado na França) e realizou uma das mais ousadas produções do cinema francês.

A habilidade de Jean Berry nessa película revela-se pelo fato de ter dentro de um tema sombrio, entre o tilintar infernal das pe-

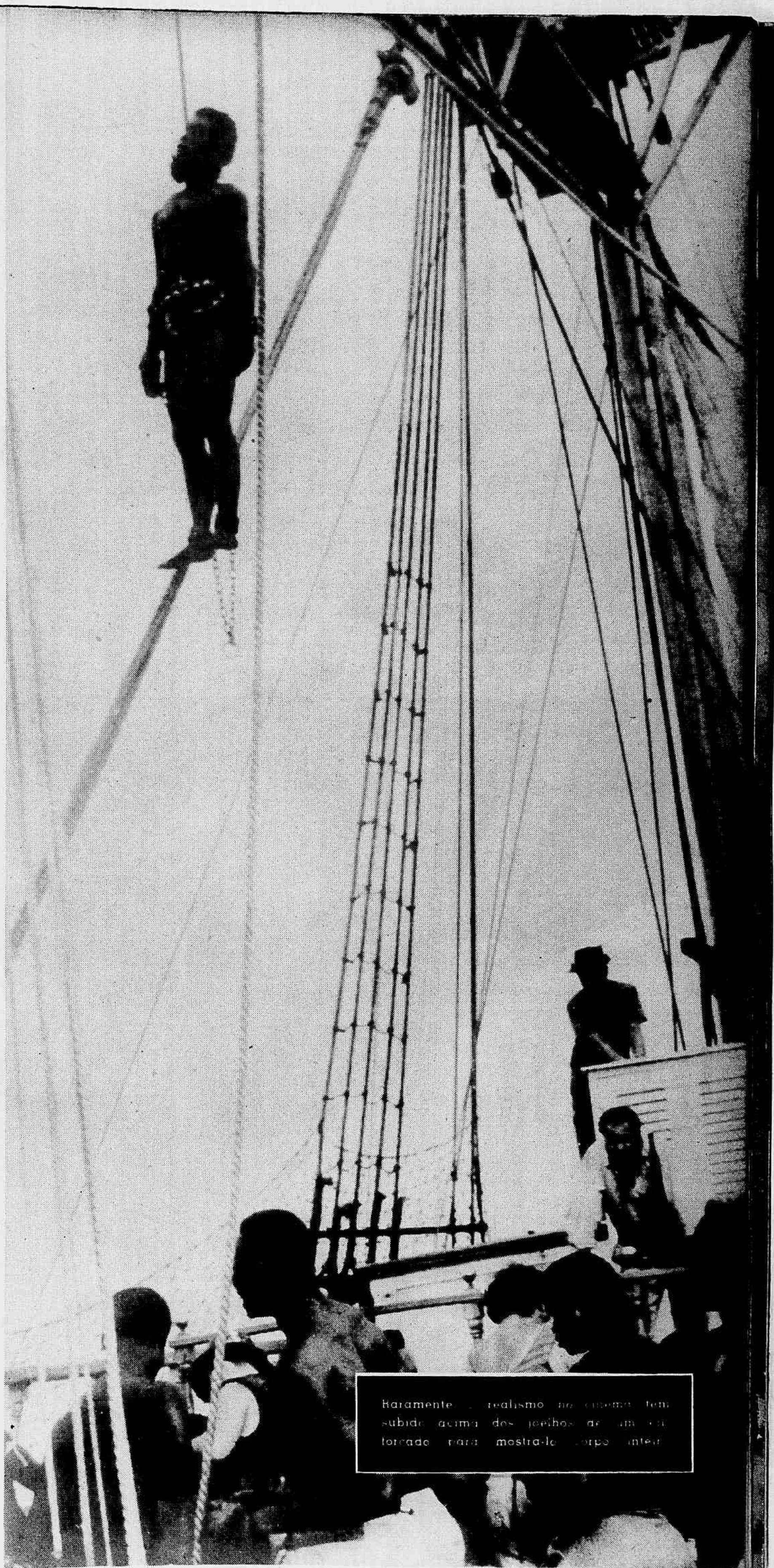


que separam o senhor da escrava

A AFRICANA

sadas algemas, o estalar do chicote sobre o corpo nu do negro escravo, o ambiente infecto de um navio negreiro e as cenas dantescas de enforcamentos — encontrado lugar para as mais comoventes cenas de amor, vividas por Dandridge e Jurgens.

«Tamango» é a tradução literária da exploração e da miséria que trará à tela, sem peias de preconceitos, um dos dramas mais dolorosos da história universal. Digno de nota nessa produção é a evolução artística de Dorothy Dandridge, pois a bela mulata apareceu num musical («Carmen Jones») para, mais tarde, fazer alta-comédia (Margot Seaton) em «A Ilha nos Trópicos», culminando, agora, com um desempenho altamente dramático em que revela sua versatilidade.



Raramente o realismo no cinema tem subido acima dos joelhos de um ator torçado para mostra-lo corpo inteiro.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA

ANTI INFECTUOSA I.B.M.

VACCINA ANTI-PYOGENA POLYVALENTE
SERIE UNICA DUAS DOSES
Aprov. nº 731 13-3-1923

**Loção
XAMBU**

DA BELEZA
E VIGOR AOS CABELOS
CONTRA A CASPA
E CABELOS BRANCOS
EXITO GARANTIDO



REVISTA DA SEMANA
10 Cruzeiros
Em todo o Brasil

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use **BEL-HORMON** nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use **BEL-HORMON** nº 2. **BEL-HORMON**, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino
Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso
Postal um vidro de «BEL-HORMON»

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50

Há quasi
UM SÉCULO
MILHARES DE HOMENS
EM TODO O BRASIL
PREFEREM ESTE
CALÇADO



UMA
TRADIÇÃO
DE
ELEGÂNCIA
E
QUALIDADE

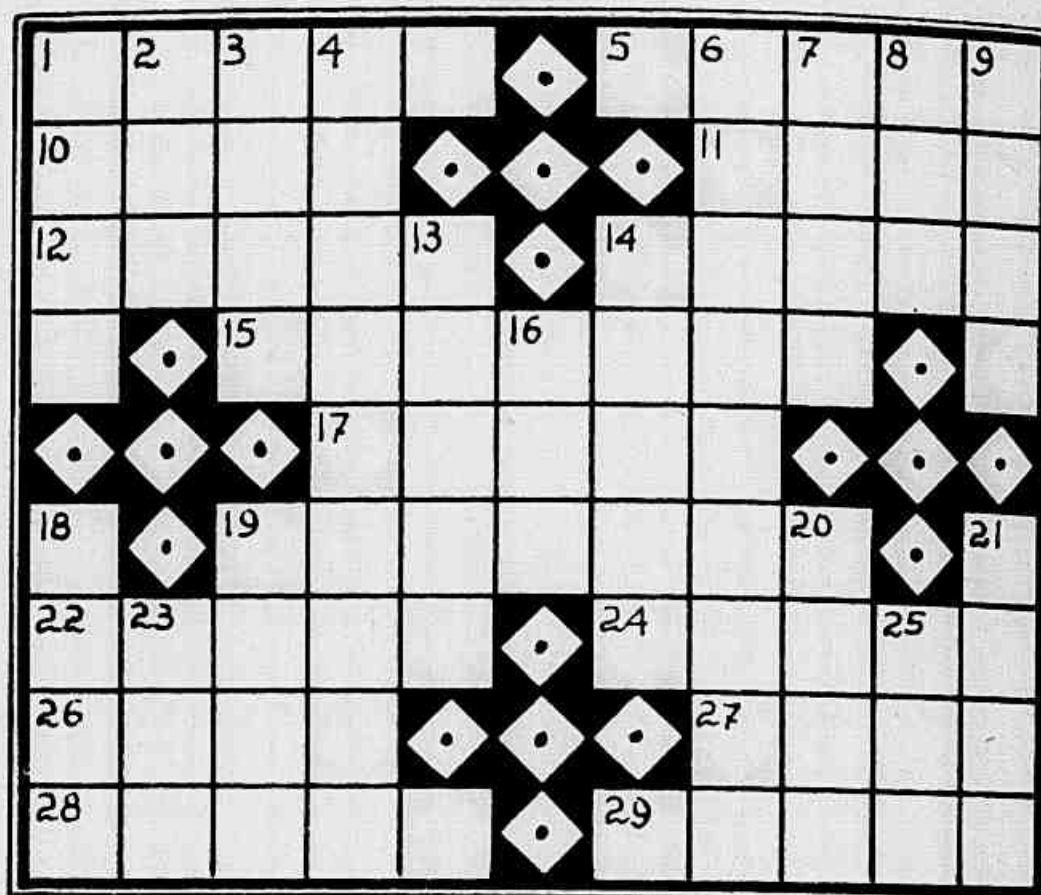
APRENDA A DANÇAR



Chá-chá-chá — Dois e Um — Guaracha — Bolero —
Marcha — Rumba — Swing — Samba — Tango —
Mambo — Baião — Choro — Valsa — Fox — em ape-
nas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino For-
naciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já
em 8ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que
permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem pro-
fessor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Pos-
tal, 649 — São Paulo, Cr\$ 110,00. — Encontra-se também
à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo.
O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado
de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs.
à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 —
São Paulo.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 4



★ **HORIZONTAIS:** — 1. Abelha silvestre da família das Apídeos — 5. Satisfazer — 10. Explique — 11. Proíbe — 12. Magnetiza — 14. Ficar resfriado — 15. Nome próprio masculino — 17. Remoto — 19. Bota de meio cano baixo — 22. Aptidão — 24. Esquadria — 26. Prefixo que traz a idéia de beleza — 27. Divindade egípcia, mãe de Horus — 28. Seduz — 29. Planta da família das Aquifoliáceas.

★ **VERTICAIS:** — 1. Congênere — 2. Filho de Hezrom — 3. Desferir vôo — 4. Martiriológio da Igreja grega — 6. Car-
teza manifesta — 7. Real — 8. Assentada — 9. Admirável — 13. Pequeno cabo náutico para alar — 14. Calheta — 16. Espécie de fandango — 18. Cavalgadura mansa e de estatura mediana — 19. Variedade de calcáreo contendo forte proporção de sílica, argila e ferro — 20. Tenta coisa difícil — 21. Elemento grego que exprime a idéia de senso — 23. Conferir — 25. Língua do grupo voltaico, do Sudão e da Guiné.

★ Dentre os leitores que nos enviarem as soluções certas dêste problema até o dia 23 de Novembro p.f., o receberão como lembrança exemplares de interessantes livros.

OS GRANDES SUCESSOS DE TELEVISÃO EM SÃO PAULO

♦ Um dos maiores cartazes de televisão na paulicéia, atualmente, é o programa «FOLIAS PHILIPS 1957», irradiado tôdas às quartas-feiras, das 22,00 às 22,30 horas.

Os melhores cantores da televisão e do teatro, sejam do Rio como de São Paulo, são convidados semanalmente para participarem do programa. Assim, Dóris Monteiro, Consuelo Leandro, Almir Ribeiro, Madalena de Paula, Francisco Egídio, Eleonor Bueno e Jaime Barcelos, e outros mais, vêm sendo apresentados nos Foliás Philips. Para meninas que gostam de boas roupas e lindos modelos, existem desenhos especiais criados por renomados ateliers do Rio e de São Paulo.

Os cenários são realizados com tanta meticulosidade por Darcy Penteado, um dos maiores desenhistas e cenógrafos do país, que se tem a impressão nítida de estar assistindo a um filme.



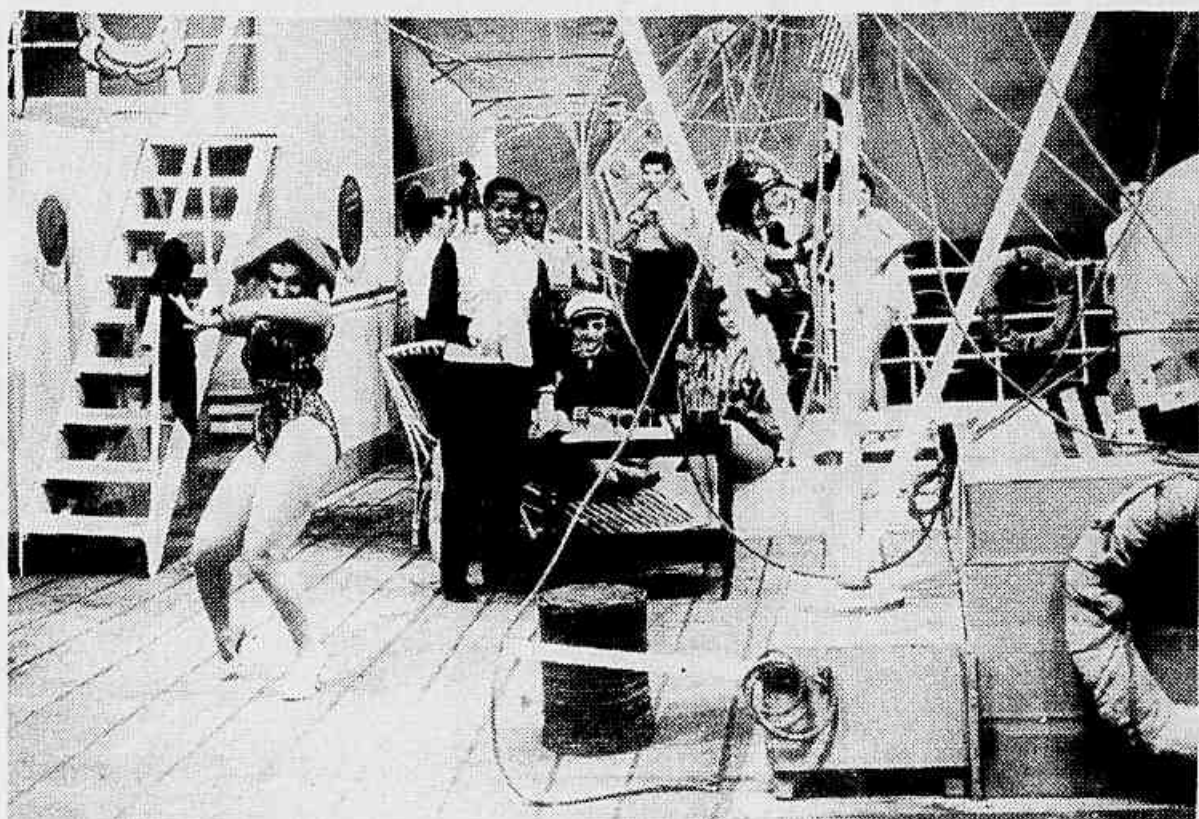
Doris Monteiro, Lolita Rodrigues, Liana Duval e Francisco Egídio em «Madrugadas Cariocas».



Luís Carlos Branco e o manequim Itália, em «Transatlântico de Luxo».

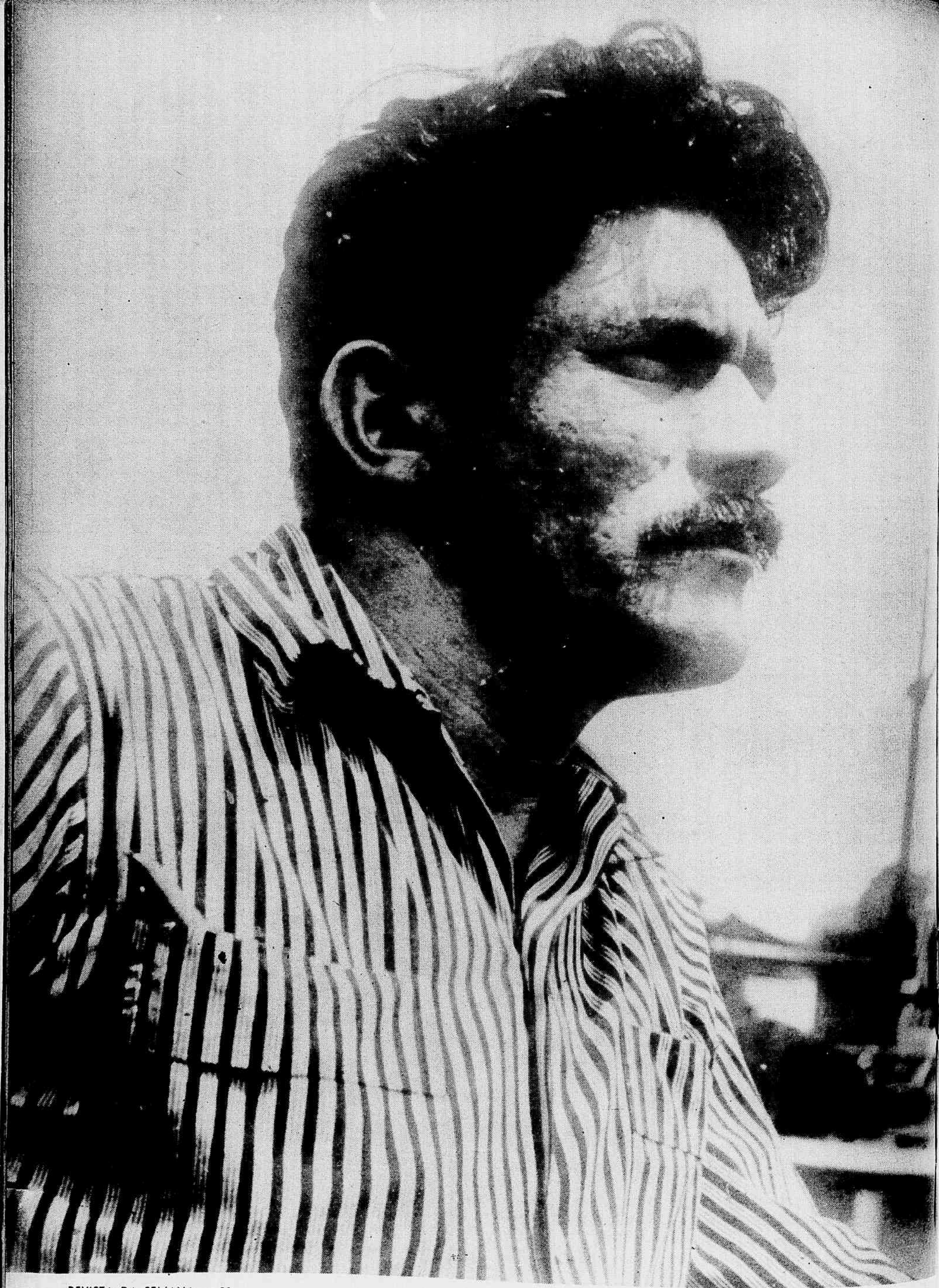


Consuelo Leandro e as girls do ballet Philips em «Transatlântico de Luxo».



Liris Castellani dança, enquanto Erlon Chaves canta High Society em «Transatlântico de Luxo».

No dia de estréia de Foliás Philips, aconteceu um autêntico Carnaval no estúdio do Canal 3, com lança-perfumes, serpentinas, confetes, etc., inclusive com um desfile das fantasias premiadas êste ano, no Municipal do Rio de Janeiro, transportadas por via aérea da Capital Federal. Só o seguro que garantia a viagem dêsses figurinos, custou uma pequena fábula! No segundo programa, denominado «Transatlântico de Luxo», um convés de navio foi construído especialmente para o «show». Três estúdios foram colocados à disposição do produtor Abelardo Figueiredo, para que, com a supervisão da Agência de Publicidade, fôsse apresentado o programa. A patrocinadora do programa, a Philips do Brasil, pretende filmar em Kineiscópio (método de filmar os programas de televisão diretamente do suite), para poder reprisá-lo nas outras estações de televisão do Brasil. Quem sabe, você, leitora amiga, futuramente poderá ver e ouvir o grande «Foliás Philips 1957», exatamente como foi apresentado na televisão de S. Paulo.



BENJAMIN SILVA

EM 11 RESPOSTAS

♦ Benjamin Silva é um jovem pintor cearense, que este ano, em abril, surgiu definitivamente nos meios culturais do país, quando de sua primeira exposição individual. Seus trabalhos foram muito bem recebidos pela crítica especializada e o pintor reconhece que alcançou plenamente, com esta exposição, o seu objetivo, não só no campo artístico, como em parte no setor comercial. Em relação aos trabalhos de Benjamin Silva, manifestaram-se Mário Pedrosa, José Roberto Teixeira Leite e Antônio Bento, tecendo comentários construtivos sobre a pintura do jovem artista, reconhecendo o mesmo lhe ter servido de orientação a palavra daqueles críticos. Benjamin Silva é isenção do Júri do Salão Nacional de Arte Moderna e concorre atualmente ao Prêmio de Viagem ao Estrangeiro do mesmo Salão.

- 1** O movimento artístico no Brasil, atualmente, está muito bom. Depois das Bienais, principalmente, é intenso o interesse que se observa no campo das artes plásticas. Salões são criados: o «Ferroviário», o Salão do «Mar», e agora ultimamente o Salão «Para Todos», que está prendendo a atenção da maioria dos artistas nacionais. Só há ainda um empecilho para o franco desenvolvimento das artes plásticas no Brasil: o preço proibitivo do material de trabalho.
- 2** É fato que no interior não há interesse pelas artes, já tive ocasião de observar. Os poucos artistas provincianos têm que procurar os centros maiores, como a capital da República, para que o mesmo seja notado. Devemos tal estado de coisas ao desinteresse quase total dos governadores dos Estados pelas coisas artísticas.
- 3** Acho que há várias tendências nas artes plásticas brasileiras. Ainda não se deixou de fazer academismo, e nem todos estão fazendo ainda concretismo, apesar deste último vir dominando um pouco, embora já um tanto superado. Há pintores fazendo o figurativo bom, como Iberê Camargo, Portinari, Di Cavalcanti, Darel, etc.
- 4** Creio que o concretismo (pintura) não dominará nosso mundo artístico, pois vem se repetindo ultimamente. É de fato um campo muito restrito. (Pode se fazer boa pintura ligado ainda à natureza). A única coisa nova no concretismo tem sido mesmo a poesia.
- 5** É certo que os artistas que procuram fugir do figurativo caem fatalmente no concretismo ou no abstracionismo. Mas creio que o pintor poderia marcar o seu próprio caminho sem se entregar totalmente a nenhuma das duas correntes mais em voga hoje em dia.
- 6** Não acredito numa pintura totalmente regional. Creio que só o México conseguiu tal milagre. Di Cavalcanti tem apenas a temática regional, mas a sua linguagem estética ainda está ligada aos pintores europeus.
- 7** Na minha pintura atual ou me preocupo com o lirismo — um elemento que deve existir em toda obra de arte. Continuo a interpretar a natureza e as coisas íntimas; naturalmente sintetizando ao máximo.
- 8** Sim, já me senti influenciado por Braque e Picasso, mas hoje o meu trabalho consiste em me libertar dessas duas boas influências, procurando o meu próprio caminho.
- 9** Os planos são muitos para o futuro. Trabalhar intensamente, como venho trabalhando, realizar exposições individuais, se possível em todo o Brasil. Manter intercâmbio com os pintores dos Estados (se possível até no estrangeiro). Participar de todas as exposições oficiais ou não. E procurar zelar sempre pelos interesses da classe.
- 10** Não, as autoridades não apoiam integralmente as artes. Se o fizessem promoveriam justamente o intercâmbio entre os pintores dos Estados e da Capital da República e São Paulo. Por parte do governo não há facilidade nenhuma para o artista. Até para se conseguir uma passagem é difícil. Devia haver uma maior boa vontade por parte da FAB, por exemplo, para que o artista pudesse se locomover para lugares e setores que fossem benéficos a seu trabalho.
- 11** Quanto ao Prêmio de Viagem ao Estrangeiro, é o maior incentivo recebido do governo para o artista nacional. Cabe ao mesmo aproveitá-lo, ampliando os seus conhecimentos e encontrando-se, enfim. É certo que há artistas que desperdiçam a oportunidade de estudar e observar, e passam a se interessar por coisas inteiramente estranhas à arte. Mas isso é uma questão de critério pessoal. E mais cedo ou mais tarde esses artistas sentirão amargamente o tempo perdido com futilidades.

DUAS OPINIÕES (OPOSTAS) SOBRE ARTE



"Pedro Américo é o maior 'bluff' da pintura brasileira"

★ Publicamos, (numa reportagem de Luiz Palmari) dois depoimentos sobre arte. Falam Portinari, considerado o maior pintor moderno do Brasil e um dos maiores do mundo, e Oswaldo Teixeira, considerado a maior expressão da pintura acadêmica do país. Tire o leitor a conclusão que lhe parecer mais acertada destas duas opiniões completamente opostas, só coincidentes em um ponto: a arte só é arte enquanto livre, enquanto só do artista — livre de qualquer dirigismo oficial — depende a criação

Texto de LUIZ PALMARY

◆ Baixinho, um olhar azul e magnético, o maior pintor do Brasil nos atende de chinelo, em seu apartamento da Av. Atlântica; tem um ar cansado de quem já não se deixa entusiasmar por coisa alguma. Queremos entrevistá-lo e acabamos apenas ouvindo-o, com seu linguajar pitoresco de quem roçou por New York e Paris mas ficou jeca-tatu. Portinari hesita, busca as palavras e adora ironizar em torno dos pedestais.

— Quais os cumes da pintura universal?
— Tintoretto, Goya, Rembrandt, Van Gogh, Picasso. Mas é uma resposta temerária e não meditada, anote isso.

— Quais são os maiores vultos da pintura nacional?

— Modernos?

— Antigos ou modernos.

— Meu caro, o Brasil começa com o holandês Franz Post: não foi grande pintor, mas foi o primeiro; logo temos que estimá-lo, assim perdido na névoa do tempo, como quem respeita o bisavô austero que ficou num retrato de sala. E vem outros e outros até que explode afinal o marinheiro genial: Castagneto. Esse era artista de fato: se fosse francês estaria adornando as paredes do Louvre; o mar dêle é tão real como esse aí defronte (Portinari aponta o oceano inquieto do Leme, que morre aos pés de sua varanda). Continua a vir gente nova: pinta bem — mas onde a centelha, a criação, a originalidade? Você veja o Vitor (Vitor Meireles): o homem desenhava um bocado. Contorno exato, perspectiva correta. Mas entenda bem: era um homem de convenções, tudo ao gostinho da fidalguia aburguesada do Pedro II: a 1ª Missa do Brasil, sua obra-prima, é falsa, porque foi a segunda missa (a primeira, na Ilha da Coroa Vermelha, nem foi vista por selvagens — eu a pinte certa). Só havia padres, militares e mercadores na frota; tudo o mais é decorativismo, engano e má lição histórica.

— E Pedro Américo, mestre?

— O maior "bluff" da pintura brasileira: meloso, bombástico, operístico e chato. Você olha a "Batalha do Avaí", sua cristalização: é um quadro horroroso, não tem ritmo; seus cavalos luzidios são fracotes: compare-os com os de Ucello, por exemplo: que força! Estes, sim, parecem feitos de madeira, e cresceram para a guerra. O Osório metia a remonta no xadrez, se deixasse gorduchinha assim a cavallhada do glorioso Exército Imperial: e você já pensou o que do outro lado faria o Solano? Olhe, uma marinha de caixa de charuto do Castagneto vale o painel todo: desculpe, mas é. Esses antigos, meu velho, sempre copiaram os europeus. Quer ver uma coisa? O Brasil é o país da passara. Dêsse amaneiramento paisagístico não escapou nem o meu venerado mestre Batista da Costa. Este, todavia, tem um encanto que nem mesmo sei descrever. Se eu tivesse que pôr um acadêmico nacional aqui na minha sala, poria uma paisagem do Batista da Costa.

— E nossos modernos?

— Pancetti, Guignard e Segall. Esse é o grande trio. Têm gosto, imaginação, independência, vastos horizontes e sabem usar as cores. Aprenda uma coisa, meu caro: a linguagem da cor é uma só desde Matisse até Rafael: vermelho, azul e amarelo. Com essas cores você põe a base para os contrastes: um verde rodeado de vermelho é o dó de peito do contraste. Mas quem sabe fazer as coisas certas no lugar certo? Olhemos um quadro de Salvador Dali. É o maior cenarista que já vi. Tem imaginação literária e é capaz de aconchegar uma maçã a um relógio e daí sugerir conexões notáveis; mas a maçã é ao natural, copiada. Onde a imaginação plástica que têm as maçãs de Cézanne? talvez estas não pareçam tão verdadeiras e fotográficas, mas

contêm magia e beleza. Copiar, atualmente, é serviço de Kodaks; era bom no tempo de David e Ingres; agora, não.

— A arte progrediu desde então?

— Não há progresso em arte; há novos meios; Vlainck tem maiores conhecimentos técnicos que Giotto; e daí? ambos são imensos, e é só. O que progride é a ciência, e no entanto a ciência nem por isso será melhor que a arte; um gato quando procura ervas para comer, está praticando ciência, embora empírica; esse mesmo gato não tem sentido artístico; é condição só do homem.

— Deve a arte então ser orientada pelo governo?

— É perigoso transformar arte em cabresto: perigoso e deprimente. Explico-lhe o porque: a arte deve ser não-utilitária. A época da máquina tenta torná-la utilitária através do decorativismo; a cadeira e a mesa funcionais e ao mesmo tempo belas; ora, a beleza estará ali junto da utilidade, com mistura, jamais como combinação. Daí, ser a arte incontagável, pura, individual e livre: por que ser norteadas pelos governos?

— O senhor acha que cada qual tem liberdade de escolher seu caminho estético?

— Exatamente

— Então não reprova, por exemplo, que Oswaldo Teixeira seja acadêmico no momento atual?

— Essas perguntas pessoais são capciosas, heim? mas vou enfrentá-las. Oswaldo Teixeira, meu colega de Escola aliás, não é totalmente acadêmico; está para eles como os abstratos estão para os pintores modernos figurativos: acadêmicos eram o Zeferino da Costa e o Amoedo. Todavia o Oswaldo está bem perto deles; será o pequeno Pedro Américo do nosso tempo, com todos os defeitos e qualidades do paráibano. Ele é hábil no contorno, e evidentemente, não é um troca-tintas. Tem lá o seu modo, e se cre que a pintura copista deve subsistir que continuei seu caminho. Mas se não reprovos seu modo de pintar nem por isso o aprovo.

— Por que?

— Bem... vejamos: a França é o nosso norte, não é? ainda é. Pois na França os acadêmicos sumiram — não há um só. O último de que tenho notícia foi Gustave Moreau: seus discípulos maiores foram Matisse e Roualt, pintores altíssimos dentro das concepções contemporâneas. Foi a compreensão e sabedoria da França que adora ler Ronsard, mas não pensa escrever como ele. Os acadêmicos me lembram certos escritores que fazem prosa à Bernardim Ribeiro. Mas nesse Brasil, onde tudo é possível, nós, modernos, fomos atacados pela velha guarda com tirinhos de espingarda pica-pau que não chegaram a arrancar: o pior, todavia, foi ver parte da mocidade insurgir-se contra nós. Por isso sou sincero: não confio muito na juventude atual. Um seu colega pediu-me um dia, numa entrevista, que lhes dirigisse (aos jovens) uma mensagem, à maneira de Rilke. Mas como fazê-lo, diante dessa minha falta de confiança nêles?

— Nós insistimos: a mocidade parece querer dirigir-se ao concretismo. Opine a esse respeito, pelo menos.

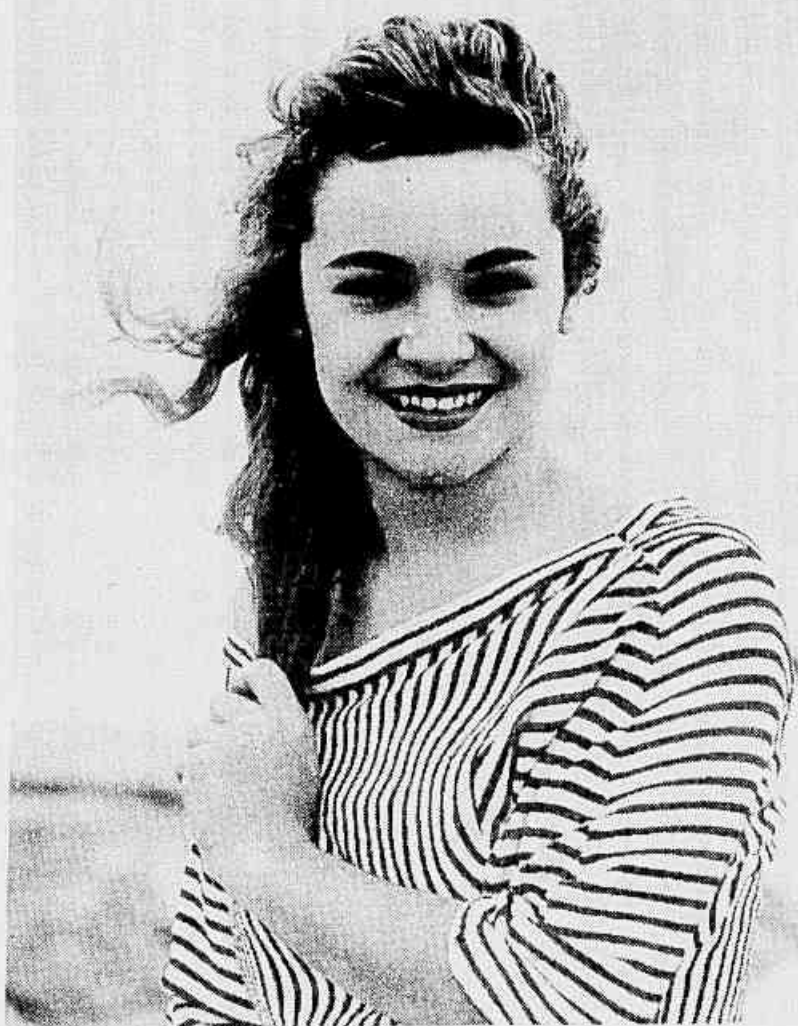
— O momento é de crise e desinteresse: não há lugar para "ismos" e experiências definitivas. Sejamos humildes e lembremo-nos que toda obra é importante e vale pela realização, nunca pelo tema ou método empregado. E quanto aos concretistas, peço-lhes uma vista d'olhos ao Eclesiastes, senão in-totum, pelo menos naquele "leit-motiv" do sol Adeus.

(Nota do repórter: a frase bíblica a que Portinari se refere é: "Não há nada de novo sob o sol".) (Veja páginas 34 e 35)



Portinari, moderno

**- ÊSSES ANTIGOS, MEU VELHO,
SEMPRE COPIARAM OS EUROPEUS**



♦ ARACI ROSAS (a garôta da capa) é esse «brôto» que vocês estão vendo. Agora em outubro a bela paulista estará completando 17 anos. Araci é uma garôta de valor. Já em 1951, quando tinha 11 anos apenas, atuava com destaque nos programas da Rádio Cacique, em Santos. O cinema também a atraiu. Dois anos mais tarde, aparecia em uma película da Brasil Vita Filme. Na Atlântida ela desempenhou alguns papéis («Vamos com Calma» e «Celégio de Broto»). Mas sua maior oportunidade foi na Flama, em «O negócio foi assim». Araci está decepcionada com o cinema nacional. A verdade é que os nossos produtores se limitam, geralmente, em apresentar cartazes de rádio em «shows» ou histórias banalíssimas. Esta a razão por que deixou, temporariamente, o cinema. Acabou cansando de fazer «pontas», quando merece, realmente, melhor oportunidade. Mamãe Aida deseja ver na filha uma grande «estrêla». Araci concorda em voltar à tela. Resta aos magnatas da sétima arte dar-lhe papéis sérios, pois beleza e talento não lhe faltam. (Fotos Hélio Polito Lopes).



**O CINEMA (NACIONAL)
PRECISA DE ARACI**



Osvaldo Teixeira, o acadêmico

**OS MODERNOS FAZEM
CABRA-CEGA COM A ARTE**

DUAS OPINIÕES (OPOSTAS) SOBRE ARTE

DE NOSSOS PINTORES

PEDRO AMÉRICO

É O QUE TEM

MAIS GRANDIOSIDADE



◆ Osvaldo Teixeira recebeu-nos alegremente em sua casa em Botafogo. Chegava de Curitiba onde expôs e vendeu quase quinhentos mil cruzeiros em quadros. Mas sua euforia paranaense era toda por um vinho branco de fabricação particular que descobrira por lá. Fêz-nos prová-lo, e concordamos que Dionísio tem bons cultores no Sul. Depois, fizemos nossas perguntas e deixamo-lo discorrer:

— Mestre, quais os títulos da pintura universal?

— Velasquez, Rembrandt e Franz Hals. O primeiro é um aristocrata e até seus anões têm porte de nobreza. Basta atentar para o «Don Antônio, o Inglês». O segundo é um museu de máscaras, um feiticeiro do claro-escuro; o terceiro é o riso dos Países-Baixos e a alegria da Holanda. Há tantos outros que admiro: Tintoretto, David, Tiepolo... Tiepolo foi o maior muralista de todos os tempos: este sim, era muralista de fato. Pintava diretamente na parede, fazia o autêntico afresco tão ao gosto italiano. Aqui se fala muito em pintura mural, mas ninguém faz afresco (a pintura em afresco é difícilíssima). Nossos muralistas fazem o mural no atelier e depois o colam na parede, ou viajam com ele para lá e para cá... Bolas para os muralistas brasileiros. Só Henrique Bernadelli é que fez afresco no Brasil: depois dele tudo é pilhéria...

— E em sua opinião quais os melhores pintores nacionais?

— O mais plástico de todos, e o que mais cheira à terra brasileira é Almeida Júnior. O «Derrubador Brasileiro» vale qualquer Courbet e deveria estar no Louvre. Almeida Júnior sentia o nosso caipira, e não fazia dele uma caricatura grotesca e impiedosa (o nosso Jeca tem sofrido muito: estão sempre pintando contra ele). Almeida Júnior foi, de fato, o Euclides da Cunha da pintura brasileira.

Pedro Américo é o mais imaginoso, o que tem mais grandiosidade. Ninguém no Brasil pintou uma «BATALHA DO AVAÍ». Muita gente combate essa tela soberba, mas cadê fôlego para fazer aquilo? Ainda está para aparecer alguém neste país para realizar coisa igual.

Amoedo é um esteta e chega às culminâncias com o «Último Tamoio», autêntica obra de mestre. Era tão artista que nesse quadro transformou o jesuíta (verdade histórica) que sustenta o herói índio, em franciscano: o burel desta ordem é mais plástico.

Henrique Bernadelli foi outro mestre respeitável. Sua obra é cheia de encanto aliado a uma certa grandeza: «Os Bandeirantes» é uma obra mais forte que o poema de Bilac.

— Bem, agora vamos aos modernos. Quais os seus prediletos?

— Poucos. Em especial, Salvador Dali. Sabe por que? porque tem imaginação e desenha bem. O que o mata é a busca da excentricidade e o cabotinismo: falta-lhe «naiveté». No entanto, não precisava de viver somente para a publicidade, como nossos modernos daqui, que necessitam do eterno reclame para imortalizarem suas obras... Mas o artista morre, desfaz-se a claque e se não tem «bagagem» não adianta, morre mesmo, definitivamente. Apesar disso, creio que a funesta Parca não fará o mundo esquecer Dali.

— Então existem cloques no Brasil?

— Claro, menino. Entre os modernos, principalmente, quanta gente pernóstica, quanto gênio pressuposto, quanta cabala! Há artistas aqui que, muito antes de exporem suas obras, já vêm precedidos de cordões de isolamento, zé-pereira, clarins, cuicas e rēcos-rēcos. Depois é que aparece o carro chefe e o público não bate palmas...

— Então os modernos no Brasil não têm valor?

— Você veja o primeiro prêmio do Salão de Arte Moderna deste ano. — E Portinari?

— Eu não acho que no fundo Portinari seja moderno: mesmo forçando a deformação é sempre um artista à procura da anatomia, do desenho e da forma. Infelizmente, às vezes, ele se perde e busca, ora ser mata-borrão da Escola de Paris e de Picasso, ora papel-carbono dos italianos dos séculos XIII e XIV. Portinari é assim: umas vezes caminha em seu próprio trilho, outras vezes prefere a estrada mais fácil de outros. Mas creio que um dia se encontrará. Como Diógenes, sai de lâmpada à mão, à procura de seu caminho estético. Eu se fôsse o Candinho, ao sair de casa punha uma taboleta na porta: «SAÍ À BUSCA DE MIM MESMO».

— Quer dizer que, fora Dali, a arte moderna não lhe toca?

— Exceto umas raras obras e pouquíssimos pintores, não. Os modernos fizeram um jogo idiota e perigoso: puseram venda na Arte e estão brincando de cabra-cega. Ficam zangados e ninguém se entende, nem sabe bem para onde vai: o artista antigo sabia o que fazia, porque enxergava. O de hoje, você já reparou? só fala em «busca». Mas que buscam esses homens? Deformar? Mistificar? Vi em Paris — pasme só com esta — um quadro feito todo de petit-pois. Não estava em nenhuma parede de merceiro, nem na vitrine da Cooperativa dos Plantadores de Ervilha. Estava no Museu de Arte Moderna. Não seria o caso de pôr ali um guarda bem atento? os «Pobres de Parsi» podiam deixar apenas a moldura: felizmente, o Museu fechava na hora justa do almoço. Se toda a arte moderna fôsse assim, seria, de fato, muito nutritiva. Mas quase sempre é intragável.

— Então não se pode encarar a arte moderna seriamente?

— Não chego a tanto. Numa entrevista não se pode abordar todas as faces desse prisma. Mas basta dizer que os modernos não construíram nada imortal até agora, e não produziram obras primas. Conformam-se com a originalidade, a extravagância e o bonitinho. Compare a produção de hoje com a do Renascimento: é até covardia. Você pode encostar as brincadeiras de Picasso junto da «Primavera» de Botticelli ou da «Última Ceia» de Leonardo da Vinci? Sem composição e sem desenho, com todo esse niilismo que aí está, não pode haver arte, que tem de se nutrir de bom-senso, equilíbrio e tradição. Os impressionistas esbateram o contorno, deram mais luz ao quadro porém nada aboliram de fundamental: continuaram com nosso sentido básico de cor, desenho e composição. Os modernistas, não. Querem derrubar tudo que o homem vem aperfeiçoando há séculos e não erguem nada do lugar. Parodiando Alexandre Dumas, eles são como esses caminhões-tanques das municipalidades, que sabem fazer lama quando há sol, mas são incapazes de fazer sol quando há lama. Os modernistas têm que dar marcha-à-ré para produzir algo de novo: já é tempo de acabar com essa mania do «superado». Arte não é corrida armamentista, não é avião nem bomba atômica, que vivem progredindo, porque arte não é ciência. A arte não progride, o que progride é sua técnica. As tintas melhoram, a perspectiva avança, mas a arte em si é a mesma de Apeles até hoje. A arte oscila em altos e baixos: nossa época está no ponto mais baixo da senóide, como em outras épocas de caos (lembre-se das extravagâncias do fim do barroco, por exemplo). Mas subirá, porque ninguém contempla um quadro em termos de velocidade e dinamismo. Pintura foi, é e será repouso, revelação, silêncio, meditação.

POLÍTICA

CARLOS NORMANDO

ACENTUAM-SE OS SINTOMAS
DA CRISE NACIONAL — HOMENS
DA PRODUÇÃO TOMAM A FREN-
TE PARA ATALHAR A CRISE —
OPOSIÇÃO NÃO FAZ O JÔGO DO
GOVERNO

RUI GOMES DE ALMEIDA: Classes pro-
dutoras movimentam-se para traçar a
linha de defesa da economia nacional

A OPOSIÇÃO SILENCIOU AS BATERIAS

APREENSIVO JK COM O SILÊNCIO QUE PRECEDE AS CATÁSTROFES

◆ Os mais chegados ao Presidente JK, quer no convívio, quer na observância da linha política do Catete, mostram-se hoje mais calmos e não mais acreditam que o chefe do governo venha a ser deposto de um momento para outro. A propósito, um deputado paulista dizia na Câmara que no primeiro ano da administração de Kubitschek os mineiros que diariamente chegavam ao Rio queriam fazer contratos de apartamentos, no máximo por seis meses, o que atesta a dúvida sobre a existência do governo. Esta observação não é mais válida a esta al-

tura dos acontecimentos. Pelo contrário, a agitação — que era consequência do desequilíbrio governamental e não causa dos fatos que se sucediam — seguiu-se outra etapa que, não obstante destituída de agitação política, nem por isso é mais alentadora para os homens do governo. Pelo contrário mesmo, é entre os chegados à pessoa do presidente e nos gabinetes que se respira a convicção de que o país vai de mal a pior.

O silêncio chega a ser uma tortura para JK, que está começando a ver

fantasmas fardados e de macacão. E' a calma que precede as grandes catástrofes.

♦ **VAI BALANÇAR** — Podemos informar — pois a informação nos foi passada por gente do Catete — com segurança que JK não vê com os bons olhos do candidato (que durante a campanha usou óculos com lentes cor de rosa) a paisagem nacional. A crise econômica do país, com a produção afetada pela ausência de diretrizes na política governamental, alastra-se com uma rapidez que vai surpreender o governo cochilando em paliativos e medidas protecionistas, talvez tarde demais.

Diariamente estamos assistindo a pronunciamentos de entidades e grupos representativos das zonas econômicas e dos vários setores da produção nacional, chamando o governo à realidade. Até agora, inutilmente. E tudo faz crer que o governo não mais poderá prosseguir na política de olhos fechados, porque não será ignorando os fatos — como a avestruz que diante do perigo enfia a cabeça num buraco para não ver, como se assim resolvesse a questão — que JK conseguirá realizar a primeira metade de seu sonho, que é chegar até o fim do seu quinquênio (a outra metade será ficar outros 5 anos).

♦ **ETAPAS DIFERENTES** — No primeiro ano da passagem de Kubitschek pelo Catete os homens da oposição não se cansaram de chamar a atenção do governo para a crise que vem de longe, sim, mas que estava (e continua) sendo agravada pelo desacerto das medidas postas em prática. Prevaleceu-se JK do brado erguido pela oposição para dizer que a oposição estava agitando o país e levando a subversão aos homens responsáveis pela produção nacional.

Claro, o argumento teve algum efeito e os homens da oposição acabaram sendo tachados de agitadores. Com isto, ensejou-se ao Presidente uma série de discursos, a propósito de tudo e de nada. Esbaldou-se JK em pronunciamentos em que seu otimismo inato encontrou campo aberto. Vão e falou sem parar.

Mas, desde o começo deste ano, quando deu a guinada para a linha realista, a UDN e seus aliados (PL e franco atiradores) resolveram retirar ao alegre Presidente da República a chance de fazer média com as classes conservadoras, às custas da vigilância da oposição, interpretando denúncias com agitação e trabalho impatriótico. E o resultado é que pelo menos decresceu a média de discursos presidenciais, que não mais vão a dois e três por dia...

♦ **PERSPECTIVAS** — Mas, outros frutos do realismo udenista já são sensíveis: a crise voltou e em grau superior. Fatos graves estão fazendo pressentir dias piores e as classes produtoras parece que vão tomar o pio na unha e antecipar-se ao governo, numa ação de conjunto para forçar providências que impeçam o país de resvalar para o plano inclinado em que estamos despencando.

A velocidade da desvalorização da moeda, com efeitos sobre salários e custo, além da falta de amparo e de planificação da produção nacional, indicam que estamos vivendo o amadurecimento da grande crise que, desde o término da guerra, começou a caracterizar-se.

No governo de Vargas — quando a inflação teve seu mais decisivo e oficial apoio — e na administração JK o Brasil deu mostras de que não conseguirá a paz política enquanto não decidir sobre as linhas que vai adotar para seu desenvolvimento.

♦ **ELEIÇÕES** — Os reflexos de tudo isto se farão sentir já nas eleições do próximo ano, quando praticamente a metade dos Estados vai escolher novos governantes e os legisladores estaduais e federal vão renovar-se.

Sabe-se que os homens das classes produtoras, das cidades e do interior, industriais e produtores rurais, pretendem tomar posição de ativa vigilância em defesa da economia brasileira e, se possível, prosseguir na coordenação já iniciada, visando a levar à presidência da República um técnico e homem que tenha tido êxito como administrador de empresa e que seja conhecido pelas suas idéias e pela ação.

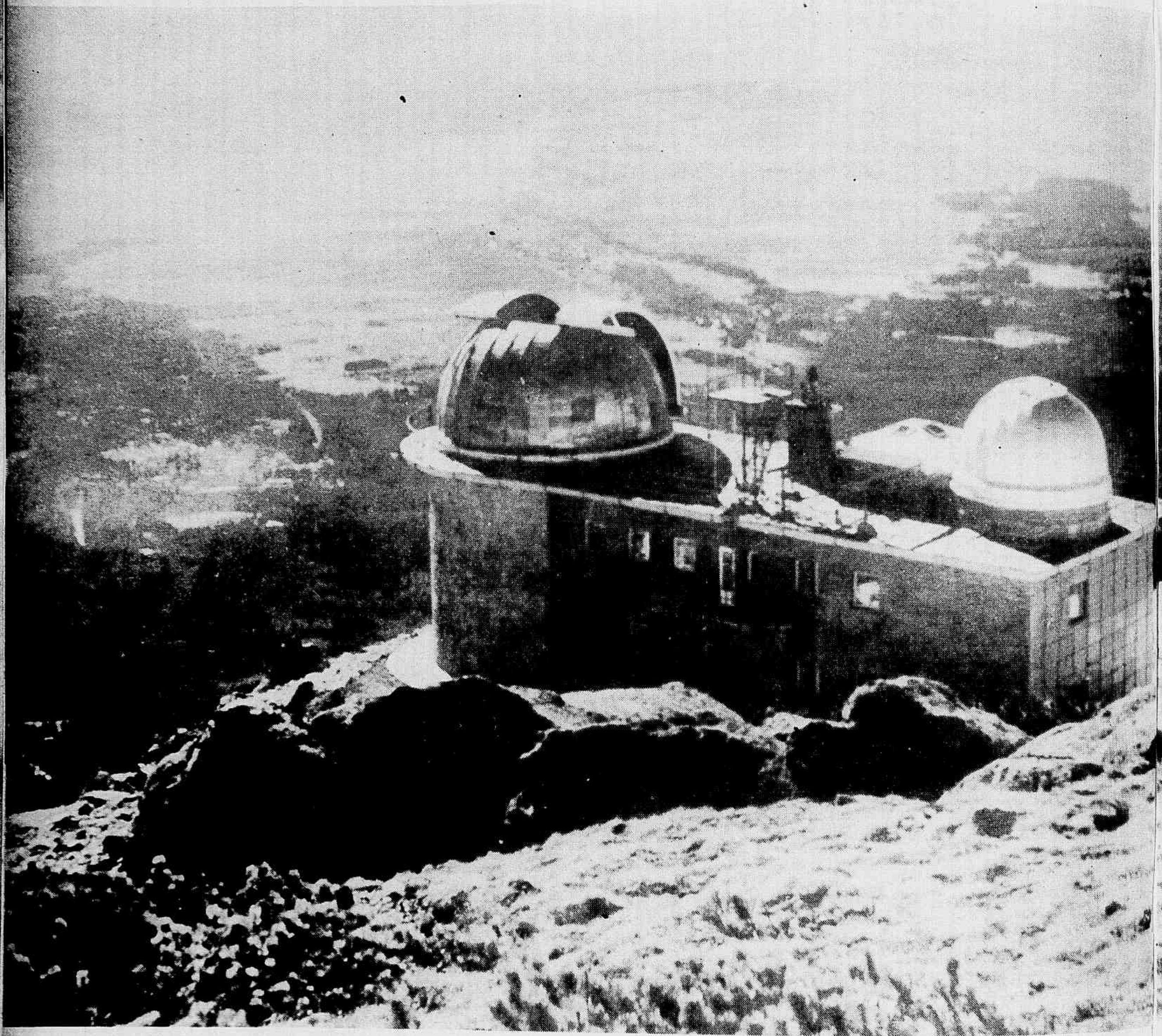
Com isto — pretendem os homens da produção nacional — evitarão que os políticos levem o problema para a área militar e se estabeleçam injunções de forças estranhas à área civil que deve ser o da política.



QUEBROU O SILÊNCIO

♦ O ex-presidente Café Filho, recolhido a um silêncio teimoso desde que surpreendido pelo «impedimento» de 21 de novembro de 55, saiu do mutismo para transmitir um apelo que recebeu da Argentina em favor do político e jornalista Raul Damonte Taborda, que foi inimigo de Perón mas que se acha preso por Aramburu. Apesar da simpatia da causa, nos meios anti-peronistas do Rio foi considerado o apelo uma precipitação do ex-presidente Café Filho. Ainda não chegou a hora de nos dividirmos, diz-se. É melhor contornar o caso Damonte Taborda do que entornar o caldo. Daí o silêncio que cercou o primeiro pronunciamento de Café Filho.

É DE MATÉRIA PLÁSTICA



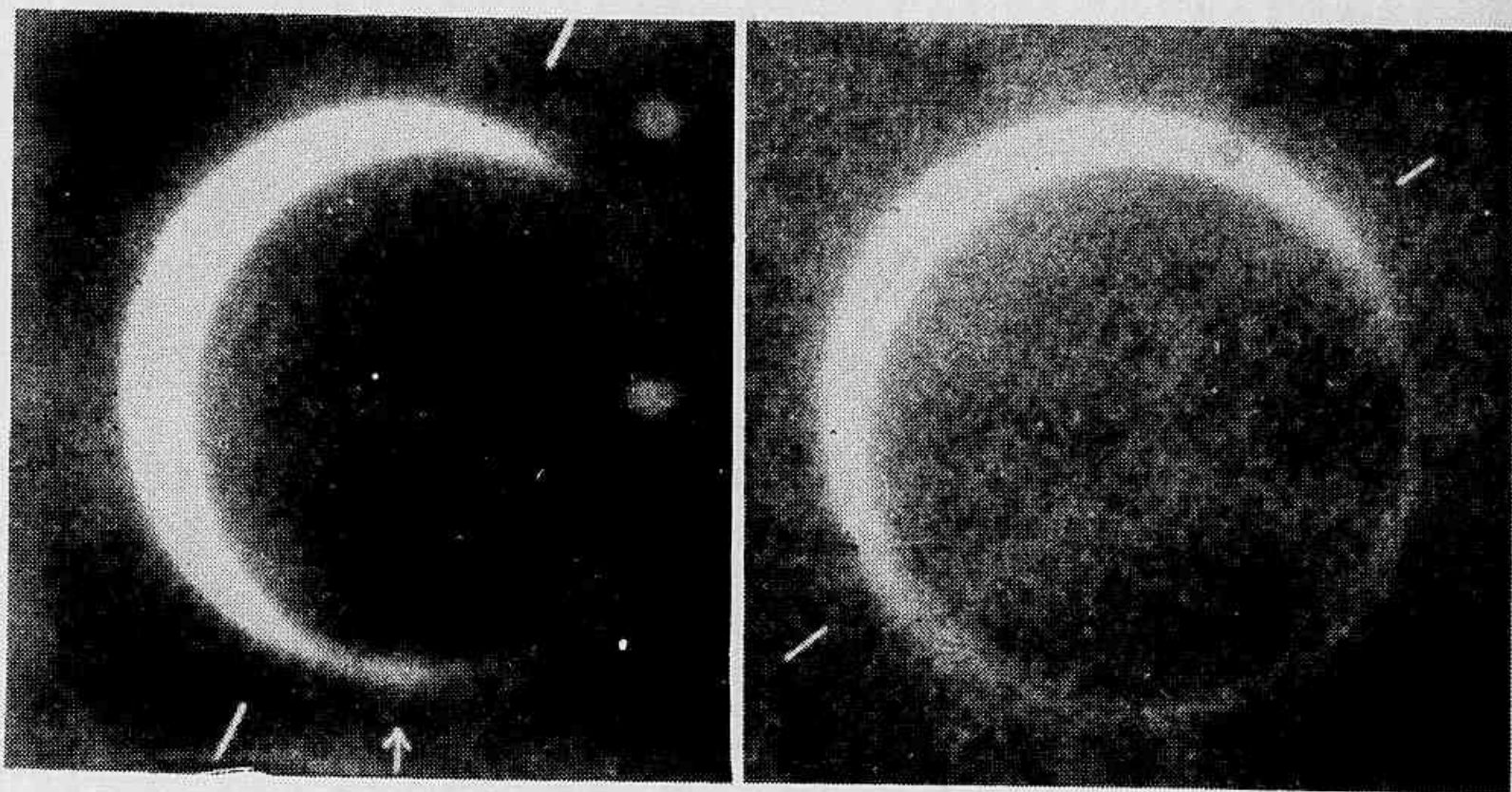
O LANÇAMENTO do satélite artificial, conseguido com pleno êxito pelos soviéticos, veio exacerbar o clima de curiosidade existente em todo o mundo pelos assuntos de além-Terra. O noticiário a respeito de estranhas máquinas voadoras (os discos, pires ou charutos) há muito vinha mantendo a opinião pública presa ao assunto, com a mente (quando não os olhos) voltada para o espaço estelar. Um professor paulista disse ter viajado num "disco". Outro chegou a almoçar com um dos seus tripulantes. De científico porém nada de concreto e comprovado, a não ser o novo satélite que é um passo de gigante, mas apenas um passo.

Não obstante, a ciência tem propiciado meios e métodos de (mesmo sem utilizar qualquer astro-nave) desvendar muitos dos segredos do Universo e descobrir o que se passa a milhões

de quilômetros fora do nosso planeta. Quase que se sabe mais a respeito da Lua, por exemplo, que das regiões do nosso Pólo Sul. Vejamos então algo de que já se conhece desses companheiros de sistema solar.

O PLANETA DA GUERRA — O "pequenino" Marte — apenas a décima parte da Terra — era, nos áureos tempos da Astrologia, associado às guerras e grandes calamidades. Por que atribuir-lhe tais poderes maléficos? Talvez por sua cor avermelhada característica. Talvez por ter assistido compulsoriamente a tantos dramas selvagens no seu vizinho da família dos planetas. Aliás, um vizinho um tanto afastado pois (na sua posição mais próxima) levaríamos cerca de seis anos para atingir Marte no mais veloz avião de carreira atualmente em serviço.

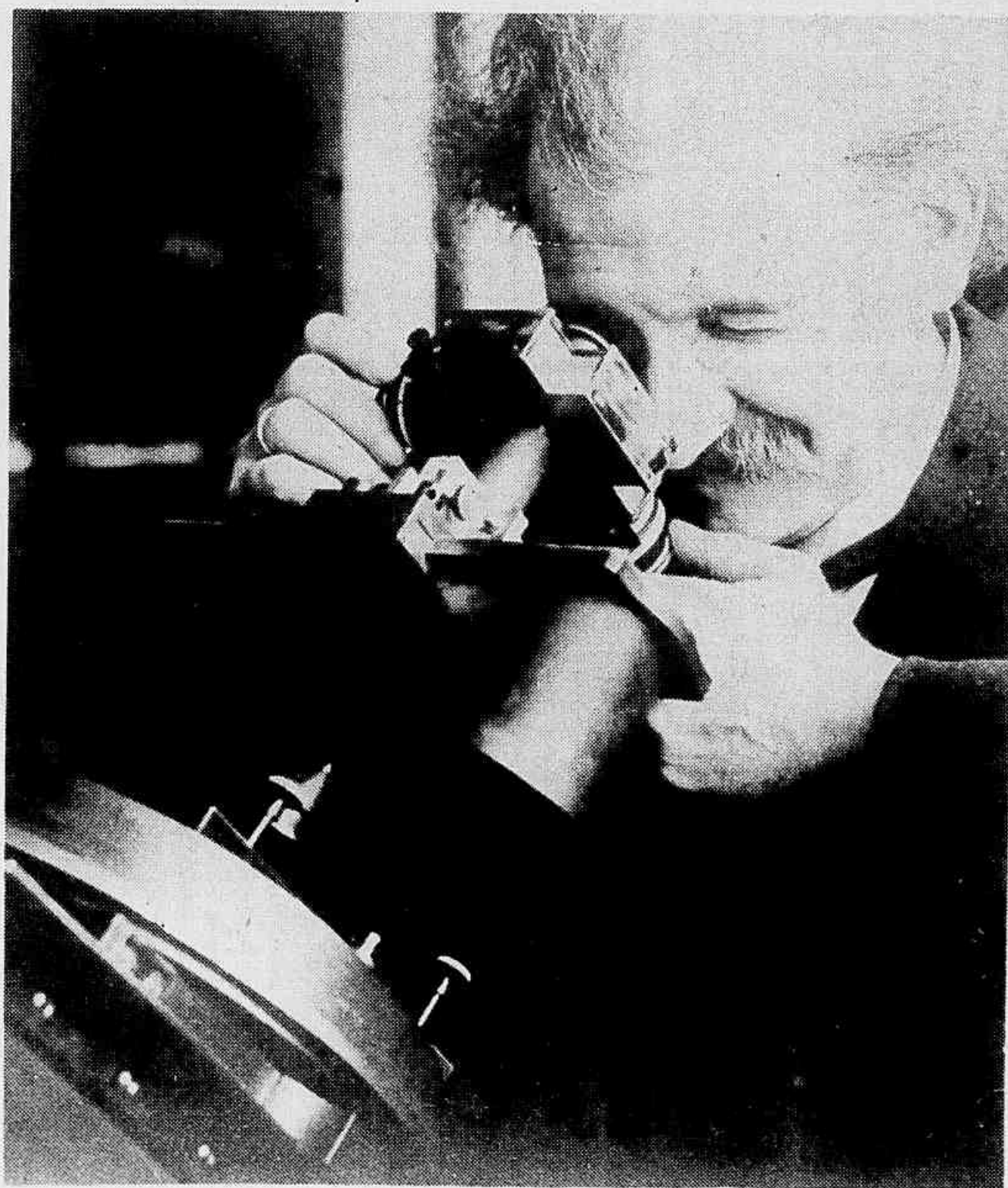
O VÉU QUE COBRE VÊNUS



Esta não é a Lua. É Vênus (a Estrela Dalva) em duas de suas fases. O prolongamento do halo prova a existência de atmosfera. Infelizmente sem condições para a vida humana. (Foto Lowell Observatory)

MARTE, O DE INFLUÊNCIAS BÉLICAS, É UM PLANETA COLORIDO COM NEVE NOS PÓLOS — UMA PAISAGEM BELÍSSIMA: DUAS LUAS NO CÉU GIRANDO EM SENTIDO OPOSTO — E OS MARCIANOS? — VÊNUS, A ESTRELA-DALVA-NO-CÉU-DESPONTA, UM PLANETA PUDICO A DESPEITO DO NOME — COMO DESCOBRIRAM A SUBSTÂNCIA QUE CONSTITUI SUAS ESPÉSSAS NUENS

Texto de ALVARES DE SÁ



Durante milhões de anos o homem olhou com espanto para os céus tentando descobrir os seus mistérios. Multiplicando a capacidade visual através de observatórios astronômicos o medo que o infinito causava foi desaparecendo. Hoje, cansado dessa pequenina Terra, o homem dá início à sua aventura interplanetária

O CÉU NÃO É MAIS O LIMITE

Excluindo essa viagem de certo modo fatigante, Marte oferece a possíveis turistas as melhores condições de hospitalidade de todo o sistema solar. A temperatura não ultrapassa (no auge do verão) os trinta graus centesimais. Geralmente é sempre menor do que zero. Possui além disso uma coisa que não parece existir em muitos outros planetas e mesmo em alguns bairros do Rio: água. A observação telescópica de Marte mostra calotas de neve, nos pólos, as quais crescem no inverno para quase desaparecer no verão marciano. O pior é que a quantidade de água deve ser muito pequena. Tais camadas de neve não ultrapassam alguns poucos centímetros. Mas esta simples presença de água é suficiente para admitirmos uma coisa deveras sensacional: há em Marte formas de vida semelhantes as do nosso planeta. A modificação do colorido de grandes superfícies (verde-castanho, verde-brilhante, azul-esverdeado até o vermelho, laranja e chocolate) é interpretada como alterações na sua vegetação, de acordo com a estação do ano. Deve ser, no entanto, uma vegetação que corresponda às formas inferiores de vegetais terrestres, adaptadas para resistir aos extremos do seu clima.

♦ **E OS MARCIANOS?** Há alguns anos teve lugar um acirrado debate astronômico a respeito do que parecia ser obra

de indivíduos inteligentes. A controvérsia (como todo debate científico) deu frutos, embora não comprovasse a existência de canais de irrigação como se afirmara. Observações cuidadosas permitiram mostrar (através de fotografias) que a superfície de Marte está recoberta por um intrincado sistema de marcas (entre as quais os famosos "canais"), provavelmente estigmas da evolução do planeta.

Dentro de tal cenário é difícil, entretanto, colocar marcianos que sejam semelhantes ao homem. Desprotegido, o corpo humano não poderia ali sobreviver. Se existirem, os marcianos apresentarão características muito diferentes dos habitantes da Terra. Estarão inadaptados para viver normalmente em nosso mundo. A paisagem do planeta é deslumbrante. Imensas planícies, absolutamente lisas, de bela cor vermelha, estendendo-se indefinidamente. Depois, grandes áreas esverdeadas cobertas de uma vegetação muito densa (porém rasteira), cortadas aqui e ali pela ravina de um antigo curso d'água. Adiante, barrancos abruptos que outrora teriam mergulhado em algum mar desaparecido. E as noites, em Marte? Um céu muito límpido (sem nuvens) iluminado por duas pequeninas luas: Fobos e Deimos. A última, (como a nossa Lua), aparece no nascente e segue seu curso. Fobos, caprichosa, nasce no ocaso e gira em sentido oposto, aumentando o mistério do fantástico planeta que tem o nome do Deus da Guerra.

♦ **O MANTO DE VÊNUS** — Os gregos davam a um mesmo planeta, dois nomes: Hesperus e Phosphorus. Isso porque podiam vê-lo, ora pela manhã (o Sol nascente), ora à tardinha (o Sol pôsto). Era Vênus a "Estrêla-Dalva-No-Céu-Desponta", da conhecida canção popular.

Suas dimensões são bastante semelhantes às da Terra e (apesar de muito mais próxima do Sol) sua temperatura oscila entre sessenta graus acima e vinte graus abaixo de zero. Uma faixa, como se vê, perfeitamente aceitável para o gênero humano munido de certas proteções. Mas outras características fazem-no perigoso para os homens.

O exame da atmosfera de Vênus (feito por meio da análise espectral da luz refletida) revela a quase inexistência de vapor d'água e de oxigênio. Em compensação é abundante um gás impróprio para a vida humana: o dióxido de carbono. Tal resultado intrigou durante muito tempo os astrônomos. Se não há vapor d'água, como explicar as espessas nuvens que recobrem o planeta a ponto de não permitirem comprovar o seu movimento de rotação? De que seriam constituídas essas nuvens, atrás das quais Vênus se recolhe púdica dos olhares indiscretos? Para resolver o problema foi proposta uma curiosa hipótese, baseada em experiências de laboratório. O dióxido de carbono combina-se com o oxigênio (sob a ação das radiações ultra-violetas) para formar o formaldeído. Este, em presença de pequenas quantidades de água, dá nascimento a espessas nuvens por um mecanismo semelhante ao da formação dos plásticos que só ultimamente o homem descobriu e utiliza. Os véus que recobrem Vênus, seriam assim, surpreendentemente, de... matéria plástica. Passando deste terreno (de certo modo concreto) para o da especulação, não é difícil imaginar a paisagem venusina: preguiçosos rios de matéria plástica correndo lentamente para grandes oceanos, cujas ondas tardas e majestosas refletiriam em mil cores a brilhante luz do Sol filtrada das "nuvens".

A fúlgida Estrêla Dalva, a Estrêla Vesper (que não é nenhuma estrêla) deverá o seu intenso brilho à capa de plástico que a protege?

Há homens que dedicam a vida inteira à contemplação de outros mundos. E vão contando para nós as maravilhas que observam. Como não dispõem ainda de "discos", "charutos" ou foguetes usam seus telescópios cada vez mais possantes, aparelhos complicados e precisos, mas sobretudo muito engenho de imaginação. Conseguiram assim ir mais longe que Marte e Vênus, nossos vizinhos. A viagem ao pequeno Plutão e os gigantes Saturno e Júpiter é porém muito longa e ficará para outra conversa.



MARÇO 9



JUNHO 23



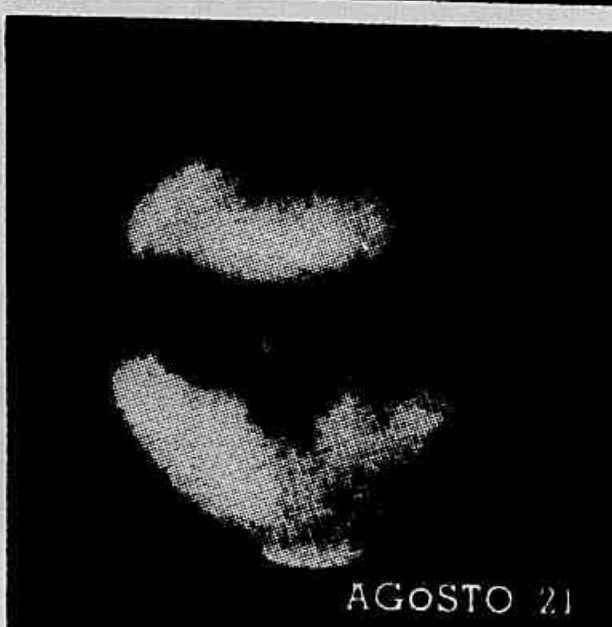
MAIO 11



JULHO 31



MAIO 29



AGOSTO 21

Fotos do planeta Marte (tirados em épocas diferentes) mostram a formação e desaparecimento das calotas de neve nos pólos. As manchas que variam são talvez modificação da vegetação que certamente existe. (Foto Lowell Observatory)



REALIZA A REAL SEU 5.000.º VÔO DE SUPER-CONVAIR PARA O AEROPORTO DE SANTOS DUMONT

GRANDES festejos assinalaram no Rio de Janeiro, o vôo com o qual a Real completou 5.000 pousos dos Super-Convair no aeroporto de Santos Dumont! Já imaginou o leitor o que isso representa em número de pessoas transportadas, na economia de tempo — com o máximo conforto — obtida por essa dezena de milhares de passageiros, na importância que representa para o país a poupança de combustível e material pela operação no centro da cidade?

O 5.000 vôo do Super-Convair da Real para Santos Dumont constitui, verdadeiramente, um marco expressivo na história da aviação comercial brasileira!

◆ **VANTAGENS EXCEPCIONAIS** — Aliás, como sabem nossos leitores, além das vantagens decorrentes dos pousos e decolagens no aeroporto de Santos Dumont, em pleno coração da «cidade maravilhosa», o próprio Super-Convair é uma aeronave que oferece excepcionais características de conforto, luxo, rapidez, perfeição técnica. Suas escadas escamoteáveis, que tanto tempo economizam nas chegadas ou partidas; o trem de aterragem triciclo; as hélices de passo reversível permitindo pousos curtos mesmo em pequenas pistas; os motores que totalizam cerca de 5.000 hp (mais que uma locomotiva diesel de três unidades); o compartimento de bagagens logo à entrada, permitindo sua utilização mesmo durante o vôo, facilmente; o novo sistema de estofamento, luxuoso e ultra-confortável, em «rubber-foam»; amplas janelas panorâmicas — estas são algumas das atrações do Super-Convair.

◆ **CONFORTO E RAPIDEZ** — Não admira a crescente preferência do público — tão grande que pretende a Real, com o recebimento da nova frota de Super-Convair 440, recém-comprada nos Estados Unidos, aumentar o número de vôos diários com esse equipamento para todas as capitais do país e para os principais centros brasileiros.

O conforto, aliado à mais moderna técnica e ao mais completo equipamento, a preocupação com o bem-estar dos passageiros, foram os fatores que presidiram ao desenho do Super-Convair. O ar é condicionado para as condições ideais e a cabina é pressurizada de modo que o passageiro não sinta qualquer diferença. Os potentes motores dão grande velocidade à aeronave (Rio-São Paulo, por exemplo, é trecho coberto em 50 minutos de vôo), e ainda permitem o vôo a grande altitude, onde não há sequer as grandes formações de nuvens.

◆ **REFEIÇÕES COMPLETAS** — Graças à moderna cozinha de que dispõe, no Super-Convair são servidas refeições quentes, como nos maiores aviões das linhas internacionais. O instrumental de bordo é moderníssimo; com previsão inclusive para aparelhamento de radar meteorológico. Há completos lavatórios, na parte traseira da cabina; decoração em cores suaves e harmoniosas contribuindo para a sensação de bem-estar que sente o passageiro logo ao entrar no avião.

O Super-Convair 440 dispõe, ainda, devido a novo sistema de isolamento acústico e a modificação da posição dos exaustores, de uma das cabinas mais silenciosas da atualidade.

◆ **NOVA FROTA DE 440** — A Real adquiriu nova frota de Super-Convair 440 nos Estados Unidos. Quatro dessas aeronaves já foram recebidas em agosto e setembro últimos. Até janeiro, dois aviões em cada mês serão recebidos, completando assim a aviação comercial brasileira, através da Real, uma das maiores frotas de Super-Convair do mundo.

Embora cada aeronave custe a vultosa soma de 750.000 dólares (mais de 55 milhões de cruzeiros, ao câmbio atual), a aquisição faz parte da política tradicionalmente seguida pela Real de proporcionar ao público, em retribuição por sua preferência, o mais alto padrão possível de serviço.

◆ **MELHORIA CONSTANTE** — Os Super-Convair 440 representam extraordinária melhoria para as linhas nacionais; entretanto, não descarta a Real também de oferecer nas viagens internacionais o mais moderno equipamento.

Receberá a empresa, a partir de dezembro, os moderníssimos Super-H Constellations, nova versão dos já famosos Super-G.

Quatro Super-H serão utilizados nas linhas de Buenos Aires e Montevideu a Miami e Chicago. Embora os Super-H possam transportar até 114 passageiros, teremos versão com apenas 81 lugares, oferecendo um serviço de turismo de luxo.

◆ **OS JATOS MAIS RÁPIDOS** — Para a já tão próxima era do transporte comercial a jato, a Real também adquiriu nos Estados Unidos, quatro Convair 880, os mais rápidos aviões a jato já projetados. Embora dotados de excepcionais características, os Convair 880 podem utilizar, sem nenhuma alteração ou com modificações mínimas, os aeroportos de que dispomos atualmente. A excepcional distribuição do peso, em trem triciclo especial, permite a operação dos Convair 880 a jato mesmo nas pistas e áreas de estacionamento atuais.

◆ **RECONHECIMENTO** — Ao ensejo das comemorações do 5.000 pouso dos Super-Convair no Aeroporto Santos Dumont, por intermédio dos representantes da imprensa a direção da empresa transmitiu ao público brasileiro, a expressão do mais sincero reconhecimento da Real. Agradeceu a seus passageiros a constante preferência que têm dispensado à companhia, em demonstração de apreço que é para a Real motivo de satisfação e permanente estímulo. Por isso continuará a empresa, como até aqui tem feito, proporcionando ao país um serviço cada vez melhor, engrandecendo nossa aviação no panorama internacional, elevando cada vez mais alto no exterior o nome do Brasil.



Até que Carol Reed me revelasse como atriz dramática jamais Diana Dors foi considerada como capaz de fazer qualquer papel de envergadura no cinema

Diana Dors (decotes respeitáveis e pernas de fora) afirma que:

TALENTO TAMBÉM É NECESSÁRIO

UMA atriz que dependa de seu "glamour" para triunfar não é uma atriz verdadeira.

Quem diz isso é Diana Dors, a rainha do "glamour" no cinema britânico. Diana fala de cátedra:

— Muitas atrizes de hoje possuem, apenas, atrativo sexual e nada mais. Bem sei que fizeram maravilhas em meu favor, mas as tais que pretendem ser atrizes têm medo de representar. Que soltem a língua e tratem de emocionar! Se o fizerem, no dia seguinte estarão, novamente, trabalhando como governantas ou vendedoras de balcão...

Diana aparece em "A Vergonha de ser profana" (Unholy Wife) como prisioneira, sem qualquer "maquillage", o cabelo louro esticado, sem brilho, em desalinho.

— Estou na prisão, acusada de ter matado minha sogra, crime do qual estou inocente. Apareço em umas quinze cenas com um vestido de prisão e tirei partido de cada uma delas. Não temi deixar de vestir trajes brilhantes e aparecer como uma mulher do "baixo mundo" de Londres, que leva um mês sem tomar banho ou ter na mão um vidro de água oxigenada para



DIANA DORS (decotes respeitáveis)

Diana condena as estrêlas americanas que se satisfazem com os atributos físicos. Fala tanto em talento mas não perde uma oportunidade de mostrar que tem um corpinho muito bem feito

Cansada de ser apenas bonita a Marilyn inglesa (seguindo o exemplo da atriz americana) resolveu de hoje em diante trabalhar direitinho exibindo (além das pernas) o talento que tem



o cabelo. Tinha confiança em minha habilidade dramática, coisa que falta a muitas estrêlas louras da América.

— Na Inglaterra jamais me consideraram uma atriz. Esta situação permaneceu até que Sir Carol Reed contratou-me para um verdadeiro papel em "A Rua da Ilusão" (A Kid for two Farthings). Esta película foi apresentada pela Inglaterra no Festival de Cannes e, com "A Vergonha de ser profana", proporcionou-me verdadeira oportunidade de representar. Por isso são meus filmes favoritos.

— As estrêlas de antigamente possuíam verdadeiro atrativo durante as vinte e quatro horas do dia. Brilhavam e se comportavam como rainhas do cinema cada vez que apareciam em público. Muitas atrizes de hoje ignoram esta lição. Se você é mulher e possui os atributos femininos que Deus lhe deu, porque ocultá-los com vestidos mal feitos que sempre lhe prejudicam?

— Creio que o público gosta que suas estrêlas possuam "glamour" dentro e fora da tela. Mas também acredita que goste de vê-las realmente trabalhar quando estão frente às câmaras. Papões reais podem-se ver no jardim zoológico.

SOCIEDADE

Por JEFF THOMAS



O colunista e a FASCINANTE Leila Limpo de Abreu, nessa «soirée-snob», na boite de maior categoria da América do Sul

JEFF THOMAS PROMOVE NO (MID-NIGHT)

SOCIEDADE (Continuação)



A FASCINANTE Leila Limpo de Abreu e o Sr. Hellmut Herzfeld posam para esta coluna

♦ No «night-club» de maior categoria da América do Sul, o «Mid-Night» do Copacabana, este colunista recebeu para um «dinner», um movimentado grupo do «High-Society», carioca, tendo como convidada especial a senhora Maysa Matarazzo. Na ocasião a famosa e também fascinante cantora italiana Jula de Palma, acontecia com sua «preview».

♦ O «DINNER»

Como vocês estão vendo, eu era o «host» dessa promoção. Marquei para as 23 horas, e britânicamente todos os meus convidados, que eram em número de doze (12) chegaram, todos tomando em seguida pouso nos lugares devidamente marcados na grande mesa de pista. Champanhos geladíssimos e uísque foram servidos em grande estilo, quando em se-



O Sr. Hecon Domingues e a Sr. Maysa Matarazzo conversam durante o «dinner»



Da direita para esquerda: Srta. Isabel Valente, Sr. Paulino Limpo de Abreu, Sra. Jacira Domingues, o cronista Chuck e Sra. Carla Herzfeld

guida o famoso «maitre» Ferry apresentava um gostoso «menu» internacional, preparado para a ocasião.

◆ O «SHOW» DE JULA DE PALMA

Vindo diretamente de Roma, a cantora Julia de Palma pela primeira vez se exibiu no Rio. Com voz quente e romântica, Julia cantou em seu idioma, em francês, inglês e português, recebendo toneladas de aplausos. Principalmente quando cantou o samba mais discutido do momento: «Chove lá fora».

◆ AS FASCINANTES LEILA E VERA

Entre os meus convidados, estavam duas das mais fascinantes senhoras que transitam pelos elegantes salões do nosso «High-Society». Estou falando da morena, alta e esguia Leila Limpo de Abreu e da loura Verinha Butler, que também é alta e esguia. As duas, sistematicamente rivalizam em fascinação, devido, sobretudo, a seus diferentes tipos. É preciso lembrar que ambas estavam numa grande noite em tudo. Elas são de fazer «suspense» nos mais elegantes salões internacionais.

◆ MISTER OSCAR ORNSTEIN

Foi um prazer receber em minha mesa o conhecido «public-relation» do Copa, Mister Ornstein, que emocionado se despedia, motivado por uma rápida decolagem que ia fazer no dia seguinte a Nova York, ao encontro de seu irmão Léo Ornstein, que há mais de vinte (20) anos não tinha notícia do seu paradeiro. Pois Oscar considerava Léo morto, e Léo, idem. O que motivou esse encontro, como vocês já devem saber, foi uma nota publicada num jornal de Nova York, pelo colunista Wearl Wilson, que nos visitou há poucos meses, tendo na referida nota escrito algumas linhas sobre as atividades de Oscar Ornstein no Copacabana Palace.

◆ FOI UMA «SOIRÉE-SNOB»

Essa minha promoção aconteceu numa «Soirée-Snob» de sexta-feira, dia 11, e os meus convidados eram: Leila e Paulinho Limpo de Abreu, Jacira e Heron Domingues, Carla e Helmut Herzfeld, Vera e Walter

Butler, além da srta. Isabel Valente e do cronista Chuck. Tudo funcionou muito correto. Aliás, não foi nenhuma surpresa para mim, pois do Copa só poderia esperar que a coisa fosse «Soirée-Snob» muito «suspense».

Até a próxima. Estou diariamente com vocês em «A Noite». Minha decolagem para Paris foi adiada para começo de novembro.



A loura Sra. Carla Herzfeld com seu tipo de fascinação muito europeu, em sugestivo «close-up»

ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL

«RODOVIÁRIO CENTRAL DO BRASIL»

R C B

Serviço rápido preferencial de bagagens, encomendas e cargas de porta a porta, entre Rio, São Paulo, Belo Horizonte e Juiz de Fora.

TARIFAS MÓDICAS

Coletas de bagagens e pedidos de bilhetes.
Leitos e poltronas: 43-4051 e 23-5280. Coleta de encomendas: 43-4227, 43-7061 e 43-4057. Coletas e cargas: 43-8385 e 43-3823. Gerência: 43-5508.

CIÊNCIA ESPÍRITA

É provável que muitos não saibam quem foi o dr. Pinheiro Guedes, cuja projeção no movimento espiritualista vem ainda do tempo do Império. Pinheiro Guedes, médico na Corte, oficial do Exército, foi Senador na República, justamente quando se instalou a Assembleia Constituinte de 1890, que elaborou a primeira Constituição Republicana do Brasil. Era Pinheiro Guedes, nessa ocasião, representante de Mato Grosso, ao lado de Joaquim Martinho. Da independência de seu caráter e sinceridade de suas convicções é prova o fato de haver Pinheiro Guedes, com Angelo Tortorelli e outros espiritualistas da época, encabeçado uma comissão que foi à presença de Pedro II oferecer uma coleção de obras espíritas ao magnânimo Imperador do Brasil.

◆ Ciência Espírita — prova de início que a Medicina se originou do espiritismo e demonstra a perfeita entrosagem entre o corpo, que o médico trata e o espírito que preside à formação desse corpo, desde a sua fase inicial. Daí a extraordinária vantagem do médico que, possuidor da ciência humana, é também conhecedor da ciência espírita. Nesta ordem de idéias, o dr. Pinheiro Guedes é de uma clareza admirável e se torna irresistivelmente fascinante quando explica, sob a luz da ciência espírita, os fenômenos comumente designados com epilepsia, histerismo, loucura, e outros.

◆ Ciência Espírita — analisa e expõe a origem, a natureza e a evolução da alma humana, a criação das matérias, o papel de átomos e células, a formação dos seres, a força psíquica, etc., uma série de temas interessantes proporcionando novos e utilíssimos conhecimentos a todos, numa linguagem clara, simples e persuasiva, dirigida mais ao raciocínio do leitor do que às suas próprias crenças e sentimentos religiosos. Assim, baseado em linguagem acessível a qualquer curioso das relações entre a Medicina, ciência materialista por excelência e o espiritismo, Ciência Espírita é valiosa contribuição científica ao estudo do Espiritismo.

NOTA — Ciência Espírita, valiosa contribuição científica ao estudo do Espiritismo, de autoria do médico brasileiro Antônio Pinheiro Guedes, que reservou uma página de honra aos Lentes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Cr\$ 25,00. Cada volume, pelo correio, custa mais Cr\$ 5,00 (cinco cruzeiros). Para o estrangeiro, mais Cr\$ 20,00 (vinte cruzeiros). As remessas deverão ser feitas por vale postal, valor declarado, ordens ou cheque nominal, e nunca em cartas de portos simples, e endereçadas ao Centro Redentor, à rua Jorge Rudge, 119 — Rio de Janeiro.

ALVES PINHEIRO (Cont. da página 61)

tra Carlos Lacerda, que fez do primeiro do derradeiro instante, tendo colhido, talvez, as mais impressionantes e proféticas declarações de Eduardo Gomes e o próprio artigo de fundo de Carlos Lacerda, ainda estrado na maca do Hospital Miguel Couto; 4) a segunda deposição do sr. Getúlio Vargas; 5) suicídio deste Chefe de Estado, em que atuei até antes do ato final do mais emocionante drama político da nossa história.

Pró e contra Vargas

Inquirimos Alves Pinheiro sobre suas relações com o sr. Getúlio Vargas:

— Do sr. Getúlio Vargas, fui, sucessivamente, correligionário e adversário. Não devo deixar de incluir entre os acontecimentos mais marcantes de minha vida jornalística a visita do Presidente (Vargas), em 1935, à Argentina e ao Uruguai, que cobri com os dois irmãos, José e Danton Jobim, os únicos jornalistas que, além de mim, realmente trabalharam, porque os demais — e eram numerosos — faziam, de certo modo, um divertido turismo... No Hipódromo de Maroñas, testemunhei o atentado contra o Presidente Terra e vi Serafim Braga gritar para os policiais uruguaios:

— Não fuzilem o homem! Não matem esse homem!

O homem era o deputado autor do atentado. E o apelo para não matar tinha um só objetivo, sem nenhuma inspiração de piedade humana: o velho e experimentado policial brasileiro, encarregado da guarda-pessoal de Getúlio Vargas, nos dois países, entendia que a vida do criminoso seria preciosa para a elucidação da sinistra trama política.

Evidencia-se a coragem pessoal de Vargas

— Tive, então, a prova mais altolouçante da coragem pessoal de Getúlio Vargas. Naquele momento — essa, a impressão geral — estaria irrompendo uma sagrada revolução. A confusão era geral, como realçaria o romancista de Don Casmurro. Ninguém se entendia e todos sacavam de suas armas. Serafim Braga, receoso de que igualmente o sr. Getúlio Vargas fosse vítima de um atentado, pretendeu refugiar-se numa das dependências do hipódromo. Mas o Presidente, sereno, impassível, ordenou-lhe:

— Vamos, que o meu lugar é ao lado do Presidente Terra!

E, rompendo, a custo, a compacta mole humana, rumou para o hospital onde Gabriel Terra estava sendo operado. Este, homem, outrossim, de fleugma, ao lhe extrair uma bala localizada no homoplata, tomou-a nas mãos e ofereceu-a ao sr. Getúlio Vargas como **reclamo**. Nessa noite, pude conversar mais intimamente com Vargas e recolhi palavras e impressões que ainda servirão para uma crônica histórica.

Como se forma um bom repórter

O questionário lere outro ângulo: como se forma um bom repórter? Ninguém melhor para dizê-lo do que Alves Pinheiro, que os dirige há mais de dois vintênios. Ele assegura:

— Principalmente, fundamentalmente, espírito de sacrifício, **élan**, capacidade de iniciativa, curiosidade, muita curiosidade — mas do que a das crianças e a das mulheres — entusiasmo profissional como o de um foca no bom sentido do iniciante que se empolga, sensibilidade capaz de tomar a si todas as dores do mundo, tenacidade insuperável e invencível, gosto pela investigação, seja no campo político, no policial e no social, e, antes de tudo e acima de tudo, paixão, loucura pela profissão.

Bons repórteres escasseiam

Provocado sobre os repórteres da atualidade, Alves Pinheiro, vencido um certo constrangimento, explica:

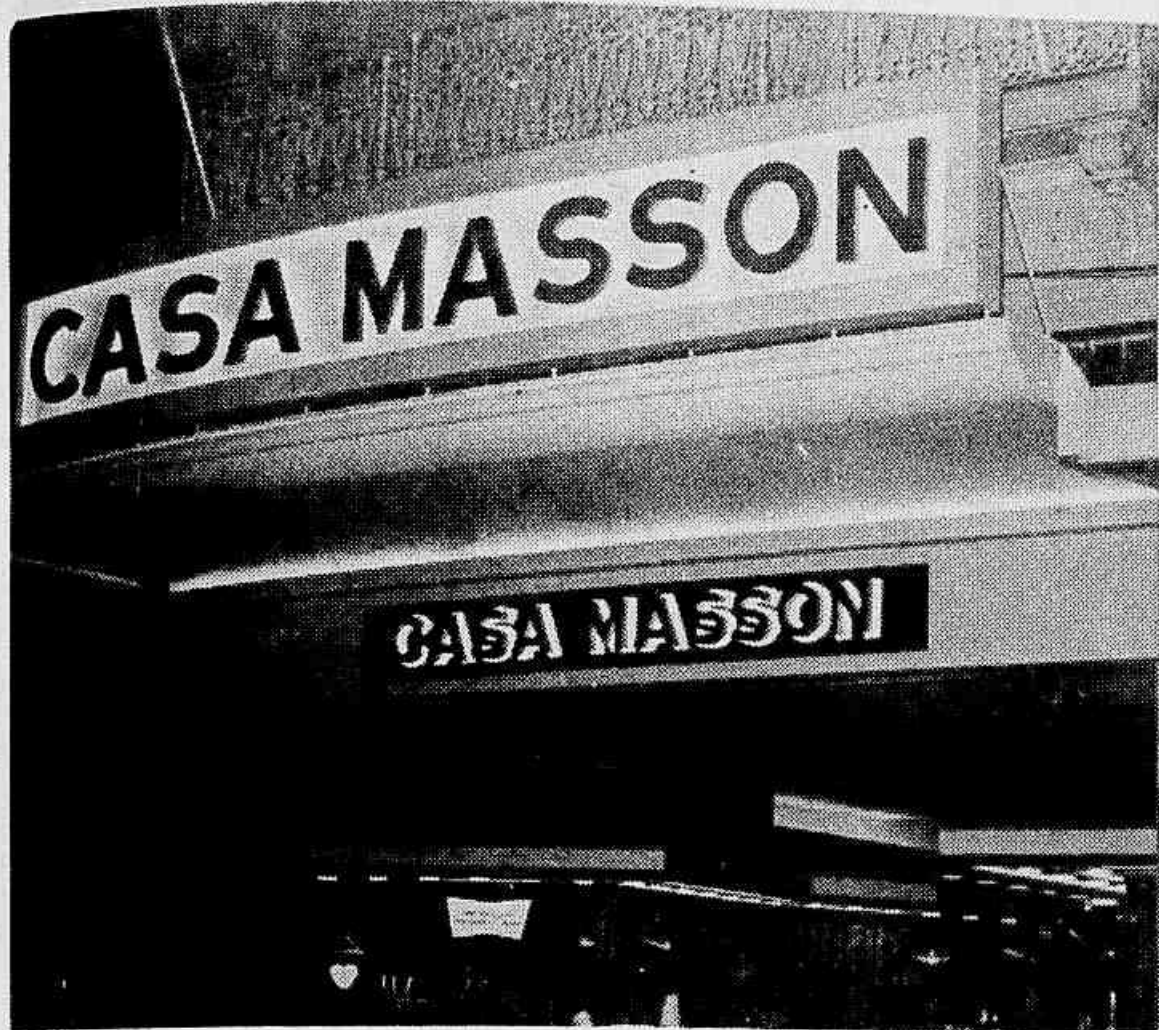
— Já disse alhures que escasseiam os repórteres de verdade e proliferam os columnistas. Aquelas qualidades primaciais e específicas a que aludi acima, já não são comuns. Há o mal dos **medalhões**; há o jornalismo comodista, estereotipado, que não estratifica as emoções legítimas, o jornalismo de assalto e de salão, salvo raras exceções, como José Leal, Ubiratã de Lemos, Bernardino de Carvalho e alguns outros que ainda sabem praticar a profissão com aquele belo sentido heróico, que é o sinal divino e inarrredável dos grandes repórteres de todos os tempos. Tenho saudades dos tempos em que reportagem trazia em suas dobras o sacrifício e até o martírio...

Do que gosta

Pedimos a Alves Pinheiro citasse dez coisas de que gosta. Ele atendeu: 1) Velhinha; 2) Criança de colo; 3) Uisque legítimo com água de côco; 4) Charuto (da marca que fumo há longos anos e que não menciono para não fazer propaganda gratuita); 5) Dormir na rede (as poucas horas de que disponho durante a semana); 6) Olhar a Guanabara do meu apartamento (quando «O Globo» o permite); 7) Niterói; 8) Dar um furo; 9) A petulância de Regina Célia (minha caçula); 10) Ler «O Globo» quentinho ainda, recém-saído da máquina.

Do que não gosta

Alves Pinheiro assevera que não gosta de: 1) Hipócritas; 2) Cabotinos; 3) Cheiro de enfermaria; 4) Ônibus; 5) Mulher feia; 6) «Gente bem»; 7) «Cadillac» (enquanto não poder comprar); 8) Zona Norte; 9) «Barriga» (notícia errada em jornal); 10) Tomar furo.



A fachada da nova sede da filial da Casa Masson no Rio de Janeiro, à rua 7 de Setembro, 92



O Dr. Schütz, diretor da Fábrica Eterna na Suíça, faz a entrega, em nome da tradicional fábrica de relógios, ao Sr. Leopoldo Geyer, Diretor-Presidente da Casa Masson, de um riquíssimo relógio de bolso, de ouro, Eterna-Matic «Golfer».

A NOVA CASA MASSON FOI INAUGURADA POR "MISS UNIVERSO"

NOITE DE ELEGÂNCIA E BELEZA MARCOU O APARECIMENTO DA MODERNA CASA MASSON, À RUA 7 DE SETEMBRO Nº 92

A TRADICIONAL Casa Masson, uma das mais prestigiadas firmas varejistas do Rio de Janeiro, movimentou o ambiente comercial da cidade com a inauguração, no dia 30 de setembro passado, de sua nova casa, à rua 7 de Setembro, 92. O fato repercutiu de maneira simpática em virtude do conceito invejável alcançado no meio consumidor da Capital da República, pois a Casa Masson é inegavelmente a maior e mais bem montada casa de jóias e relógios existentes entre nós. Conhecidíssima no seu velho ponto da rua do Ouvidor, as novas instalações da Casa Masson, dotadas dos mais avançados requisitos da técnica moderna, onde a elegância das montas se alia ao conforto do ar condicionado, muito vêm contribuir para o progresso dos nossos dias. A inauguração compareceram representantes das classes comercial e social da cidade, numa demonstração do melhor espírito de elegância e solidariedade que preside a vida do comércio carioca.

Especialmente convidada, Miss Universo, srta. Gladys Zender, inaugurou a nova Casa Masson, tendo recebido, na ocasião, das mãos do sr. Jorge Franke Geyer, diretor-gerente da filial da Casa Masson no Rio, uma riquíssima jóia, a primeira que saiu de suas novas vitrinas. O comparecimento da bela «Miss Universo» deveu-se à gentileza de Max Factor. Diretamente da Fábrica de Relógios Eterna, da Suíça, veio o seu Diretor, Dr. Schütz, que trouxe a saudação de sua representada e o pre-



«Miss Universo», Srta. Gladys Zender e o Sr. Jorge Franke Geyer, Diretor-Gerente da nova Casa Masson, posam defronte da vitrine de honra da Casa Masson, belamente decorada em homenagem à Miss Brasil, Srta. Teresinha Morango



O Sr. Leopoldo Geyer, ao microfone, agradecendo a presença, na festa de inauguração da Casa Masson, da homenageada Srta. Gladys Zender, Miss Universo, que ostenta em sua mão esquerda, a jóia que lhe foi ofertada momentos antes. Vêem-se ainda, na foto, o Dr. Benjamin Masson Jacques, representante da família de Leopoldo Masson, um dos fundadores da Casa Masson, e o Dr. Schütz, vindo especialmente da Suíça para a solenidade

Me eterno agradecimento a la
"Casa Masson"
Gladys Zender
Miss Universe 1955
30-9-57.

O «fac-símile» mostra o autógrato de Miss Universo, registrado no «Livro de Ouro» da Casa Masson

Em companhia do Sr. Jorge Franke Geyer, Miss Universo, visivelmente satisfeita, mostra a bela jóia que lhe ofereceu a Casa Masson, a primeira a sair de suas novas instalações



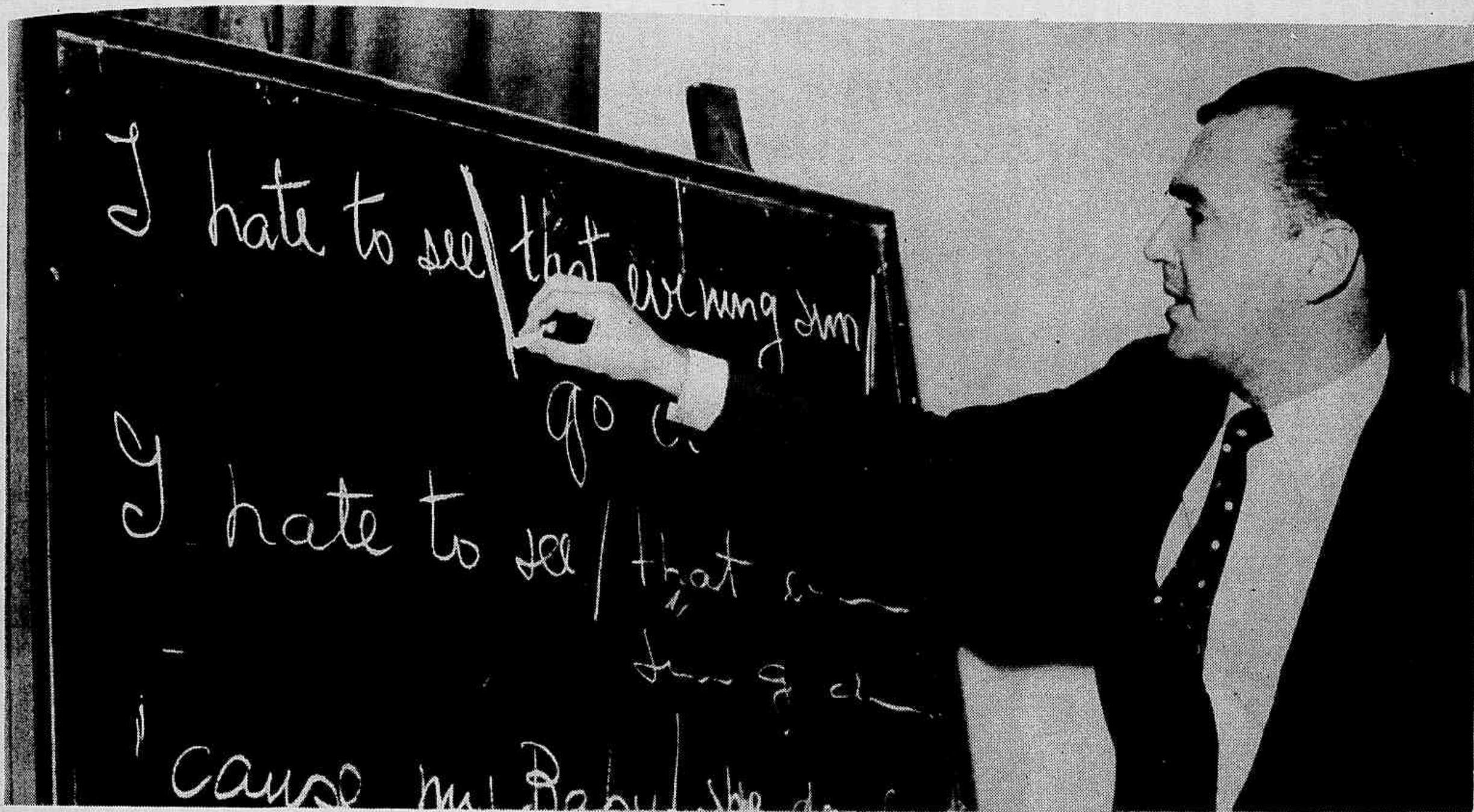
sente de um relógio de ouro, Eterna-Matic «Golfer», para o sr. Leopoldo Geyer, diretor-presidente da Casa Masson. Comovido, o sr. Leopoldo Geyer agradeceu a rica lembrança e dirigiu-se também aos convidados, grato a estes pelo realce emprestado à festividade.

Homenageando a memória dos srs. Reynaldo Geyer e Leopoldo Masson, fundadores da Casa Masson em 1871, falou o dr. Benjamin Masson Jacques, descendente do segundo, fazendo um ligeiro histórico da contínua ascensão da Casa Masson, desde o seu início até o presente. Nesse momento o sr. Leopoldo Geyer ofertou-lhe o primeiro relógio saído da nova loja, um Eterna-Matic de ouro. Desta forma a Casa Masson do Rio de Janeiro lavrou o seu mais belo tento oferecendo ao público carioca uma nova loja, moderna, atraente e confortável, distribuída por três andares modernamente decorados, demonstrando a sua diretoria o desejo sempre crescente de servir bem à sua enorme e bem variada clientela.



Ninguém diria que dentro de uma Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras houvesse tanto interesse pelo jazz. Sérgio Porto afirma e prova que jazz é coisa realmente muito séria.

Sérgio Pôrto agita a faculdade:



É aula mesmo, com quadro negro, giz e tudo. Sérgio Pôrto mostra sua competência e seu conhecimento de música popular em geral e de jazz em particular, prendendo por horas a atenção de seus discípulos

FILOSOFIA EM RITMO DE JAZZ

COMPENETRADISSIMOS, OS ESTUDANTES DA FACULDADE NACIONAL DE FILOSOFIA, ASSISTEM AS AULAS DE SÉRGIO PÔRTO E DESCOBREM QUE A HISTÓRIA DO JAZZ É MAIS INTERESSANTE QUE A DA FILOSOFIA PRÉ-SOCRÁTICA

Reportagem de ÉLCIO MARTINS

Fotos de V. VASCONCELOS

ENTRE 6.45 e 7 horas da noite de 1º de outubro, 52 estudantes entraram na Sala Georges Dumas, do Centro de Estudos Franceses da Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil. Moças e rapazes, eram quase todos alunos de letras neolatinas, mas também os havia de letras anglo-germânicas e clássicas, de história, de geografia, de ciências sociais, de pedagogia, de jornalismo, de física, de filosofia, de matemática; alguns ex-alunos e uns poucos de outras faculdades, principalmente da de Engenharia. Aos pequenos grupos ou isolados, iam entrando e logo se sentavam; a maioria estava na escola desde uma hora da tarde e, àquela hora, já mostrava algum sinal de esgotamento; mas pareciam tranquilos todos. O único que não tinha muita tranquilidade era Sérgio Pôrto, que às 7 horas deveria iniciar ali, para aqueles estudantes, o primeiro curso de história do «jazz» ministrado na Universidade do Brasil.

Sérgio foi o primeiro a chegar à Sala Georges Dumas. Nunca entrara naquela faculdade e nunca lhe passara na cabeça a existência de uma sala Georges Dumas na Esplanada do Castelo. Fosse quem fosse Georges Dumas, a sala existia e dali a meia hora estaria cheia de gente. Ao fundo, uma pesada cortina verde-liso escondia a cidade, a curva da baía, o outeiro da Glória dos olhos do professor. Uma parede nua à esquerda tinha, quase junto à cortina, um retrato a pastel. Georges Dumas? A direita, um armário embutido com porta de vidro. No penúltimo plano, uma mesa escura, longa, e um quadro negro sobre um cavalete. Por trás da mesa, voltadas para ele, cinco cadeiras de braço, também escuras. Numa delas ele se deveria sentar, dali a meia hora.

Ao centro, um exército de cadeiras escuras, vazias. Seus alunos estariam sentados nelas dali a meia hora. Sérgio olhou para trás à sua

FILOSOFIA EM RITMO DE JAZZ



Atenciosas e disciplinadas como se assistissem a uma aula de filosofia as alunas acompanham interessadas as explicações do mestre Sérgio Pôrto

direita e viu um grupo de sofás e poltronas verdes, estofadas, uma mesa baixa e uns cinzeiros. Escolheu um lugar perto da mesinha e depois sobre ela seu material didático.

Sérgio tinha trazido três álbuns de discos («Golden Gate Spirituals», «African tribal music and dances» e «American folk music»), um livro (sua «Pequena história do «jazz», editada há alguns anos pelo Serviço de Documentação do Ministério de Educação e Cultura) e algumas folhas datilografadas, onde registrara o sumário de sua aula inaugural. Após descansar tudo sobre a mesinha à sua frente, olhou outra vez em redor e, mais repousado e mais familiarizado com a Sala Georges Dumas, fumou o primeiro cigarro.

Estava fumando quando entraram duas alunas. Largou o cigarro e pegou imediatamente nos papéis datilografados, que começou a ler em voz baixa, enquanto batia com a ponta do lápis sobre a mesa. As moças talvez nem o tivessem reparado; passaram por ele, muito perto, e foram sentar-se lá na frente, onde ficaram muito à vontade conversando. Entrou depois um estudante com uma eletrola na cabeça. Levou-a até a grande mesa do fundo, ligou a tomada e, para provar a agulha e o auto-falante, pôs no prato um long-playing de Noel Rosa Baixinho, Araci de Almeida chorava «Ninguém aprende samba no colégio...»

Minutos depois começaram a chegar outros alunos e em pouco tempo eram dezenas. Sérgio continuava lendo e batendo com o lápis. Mais alunos. Dois ou três, mais cansados e de menos cerimônia que os outros, sentaram-se quase a seu lado, no grupo estofado, e puseram-se a conversar. Ele ainda ficou ali alguns minutos. Depois saiu ao corredor e foi fumar um cigarro.

— Nunca dei aula na minha vida — disse ao repórter, no corredor.

O curso de história do «jazz» que Sérgio Pôrto começou a ministrar na Faculdade Nacional de Filosofia não é um curso oficial. A iniciativa e o patrocínio são do Centro de Estudos de Arte, há três anos fundado e dirigido exclusivamente por estudantes, à frente dos quais estão Ecila Azeredo, da 4ª série de Letras Neolatinas, e Paulo Maia de Carvalho, da 4ª série de Letras Clássicas.

O grupo do C. E. A. tem promovido uma série de cursos, conferências, debates, exposições e audições; a que concorrem muitos alunos e tam-

bém muita gente de fora. Foi por intermédio de Simeão Leal, professor de Técnica de Periódico no curso de Jornalismo, que entraram em contacto com Sérgio Pôrto e o convidaram para dar um curso de história do «jazz». Além dos estudantes da faculdade e da Engenharia, matricularam-se no curso dois professores: d. Catarina Dias, assistente de História Antiga e Medieval, e Roberto Alvim Correia, catedrático de Língua e Literatura Francesa e presidente do Departamento de Letras.

A abertura do curso de história do «jazz» foi um autêntico sucesso; não apenas porque a sala Georges Dumas estivesse completamente tomada e porque entre seus alunos regularmente matriculados contasse Sérgio Pôrto um assistente e um catedrático da Universidade. À mesma hora, realizava-se em outra sala uma conferência de uma série sobre assuntos nacionais, a cargo do pessoal do Instituto Superior de Estudos Brasileiros, patrocinada pelo Diretório Acadêmico. Antes de ir assistir à conferência do I. S. E. B., a que já se comprometera, o dr. Eremildo Luis Viana, diretor da Faculdade Nacional de Filosofia, compareceu à Sala Georges Dumas e inaugurou solenemente o Curso de História do «jazz».

— O curso de Sérgio Pôrto — disse o diretor da F.N. F. — é dessas iniciativas que merecem o melhor aplauso da direção desta Faculdade, já que contribui excelentemente para a boa formação de licenciandos e da população universitária em geral. Nas próximas aulas estarei aqui para ouvi-lo pois sinto, como os meus estudantes, necessidade de desenvolver os meus conhecimentos sobre a arte e particularmente sobre a música. E não há melhor oportunidade do que esta.



Com toda seriedade a pequena toma nota. Vai estudar em casa para não fazer feio na próxima aula. Quem foi que disse que jazz era fácil?

★ O padre falava

mansamente. —

Manuel vai chamar a

polícia agora. E nós

vamos rezar juntos

você e eu.



A GÔTA DE LÁGRIMA

Conto de ZOA SHERBURNE

PADRE Sebastian achava-se no portal da igreja. Os últimos raios do sol de dezembro punham seus dedos quentes sobre sua cabeça grisalha. Sabia que as árvores se agitavam inquietas antes do vento forte que começava, e que as nuvens nevosas se iam aglomerando. Mesmo naquela época tão tardia do ano, a rosa trepadeira, que Padre Sebastian plantara ao lado do muro da igreja, enchia o ar com persistente doçura. Do verão até a primeira geada forte, todo o muro leste ficava cheio de dourados botões, como pedras preciosas de perfume intenso.

Sentiu alguém mover-se a seu lado. Padre Sebastian dirigiu os olhos que nada viam, e sorriu para o menino perto dele.

— Manuel? Fazia votos para que as rosas durassem até as festas de Natal... Estendeu a mão, tocou gentilmente o ombrinho magro. — Venha — disse ele — quero ouvi-lo dizer «Boa tarde, Padre...»

A resposta foi ininteligível.

Muitos dos paroquianos teimavam em dizer que Manuel era um tanto abobalhado. Até mesmo os médicos admitiam que o menino não era realmente mudo. Fôra devido ao choque, diziam.

Quando as primeiras bombas caíram na Espanha, Manuel perdera os pais. E nunca mais falou. Outras crianças refugiadas tinham encontrado novos lares na América... ninguém, no entanto, quis Manuel. Vivia na casa paroquial e ia à escola. Diziam as freiras que ele era um bom menino... bom estudante, mas que era pena ter ficado apalado.

Agora que a longa cortina de trevas se fechava em volta de Padre Sebastian, dava graças a Deus pela companhia do menino.

— Vamos rezar nosso rosário — o Padre Sebastian não precisava que o menino o guiasse, pois conhecia cada banco, cada volta, cada degrau, cada passo de sua igreja. Quantos passos da porta até o confessionário; quantos mais até o altar.

Padre Sebastian suspirou ao ajoelhar-se diante da imagem de Nossa Senhora. Não mais divisava o rosto cheio de doçura, mas não esquecia nenhum de seus traços.

LONGE estava de ser uma imagem perfeita. Recostava-se contra um bloco de madeira porque apresentava um dos pés lascados. Uma leve camada de massa manchava-lhe uma das faces, mas Padre Sebastian não permitiria que a tocassem. Sempre que o sol se filtrava através o vitral, brilhava como se fôsse uma gota de lágrima. Faltavam à imagem alguns dedos, mas ninguém reparava em tal porque, diariamente, Padre Sebastian trazia novo buquê de flores e colocava-o em suas mãos. Desde o momento em que aparecia o primeiro botão de rosa, até a geada matar a última delas, a imagem sempre tinha sua oferenda de rosas amarelas.

Quando o velho padre e o menino se levantaram, a igreja estava fria; os primeiros flocos de neve caíam gentilmente quando pararam no alto da escada, antes de descerem.

(continua na pág. 54)

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380.00 — Casal Cr\$ 520.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



INSTITUTO BIOLÓGICO
DO RIO DE JANEIRO, LTDA.

Caixa Postal nº 1.202

A gôta de lágrima (continuação da pág. 53)

Foi então que a mulher falou

— Padre Sebastian?

Ele se virou para a voz. — Pois não?

— Quer vir depressa? Por favor. Um homem está morrendo...

Havia tanta aflição na voz que o padre se virou para a igreja. — Irei já... quer esperar-me?

Quando deu as costas para o altar, carregando o Santo Sacramento, Manuel tocou-lhe o braço. Afastaram-se apressadamente da igreja, caminhando pelas ruas cobertas de neve até que, afinal, a mulher parou diante de um barracão deserto, na parte mais baixa da cidade.

— Aprese-se, por favor, Padre... ele está muito fraco. Feriram-no há muitos dias e esteve escondido nesta casa desde então... na adega. Hoje mal teve forças para rezar... e costuma rezar o rosário todos os dias, por mais de vinte anos...

PADRE Sebastian lembrava-se da conversa a respeito do assaltante do banco que fugira, e que julgavam escondido nalguma parte da cidade. Ouvira mais de um de seus paroquianos estudando planos para pegar o ladrão e receber o prêmio.

— Obrigado, Padre — a voz da mulher ecoava atrás deles, enquanto desciam os inseguros degraus da escada.

O homem deitado no catre baixo nem se moveu quando o padre tocou-lhe a testa.

— Filho, sou o Padre Sebastian.

Os olhos sem brilho se abriram. — Deixe-o cair... — murmurou.

Manuel abaixou-se e pegou o rosário, depositando-o nas mãos que se estendiam para ele.

O padre falava mansamente. — Manuel vai chamar a polícia. Reza-remos juntos... você e eu.

O homem aquiesceu, estranhamente calmo.

Quando os passos de Manuel foram ficando abafados, Padre Sebastian ajoelhou-se ao lado do catre e curvou a cabeça sobre as mãos. A voz do homem, ao soar, saía aos arrancos.

— Perdoa-me, Padre... porque... eu... pequei...

Após o que pareceu muito tempo, Manuel voltou com dois guardas. Padre Sebastian respondeu às perguntas da melhor maneira. Contou como a mulher o fôra procurar.

Um dos guardas zombou.

— Olhe, padre, vamos deixar dessa conversa de o terem trazido aqui. As ruas estão cobertas de neve recém-caída... e ninguém mais andou neste quarteirão, a não ser o senhor e o menino...

— Mas foi ela quem nos trouxe. Conhecia este homem. Contou-nos que fôra ferido e que estava morrendo...

O homem do catre abriu os olhos, que traziam dor. — Ninguém sabia que eu estava aqui.

— Mas a mulher foi quem me falou a seu respeito, meu filho. E até que me contou que há vinte anos você reza diariamente seu rosário...

Os olhos do homem se fecharam para logo tornarem a abrir. — Ninguém sabia disso... jamais contei a alguém... — E depois, docemente como criança ao adormecer, estava morto.

O guarda afastou o quepe da testa. — Não nos dará mais nenhuma informação: É capaz de descrever a mulher, Padre?

— É pena, mas só lhe ouvi a voz.

Então outra voz se fez ouvir. Lentamente, a princípio, e depois ganhando coragem e clareza.

— Eu a vi — começou Manuel com cuidado. — Era muito bela, mas tinha o rosto triste. Estava com um vestido azul e um véu azul cobrindo-lhe os cabelos. Capengava um pouco...

— E as feições dela? — interrompeu o guarda.

— Tinha uma luz em volta da cabeça — continuou Manuel. — Não pude ver-lhe bem o rosto. Mas... a lágrima... vi a lágrima na face.

Os dois guardas se entreolharam e deram de ombros. Um deles fechou o livro de notas com um estalido. — É bom que vá receber o dinheiro do prêmio, Padre Sebastian.

Padre Sebastian inclinou a cabeça.

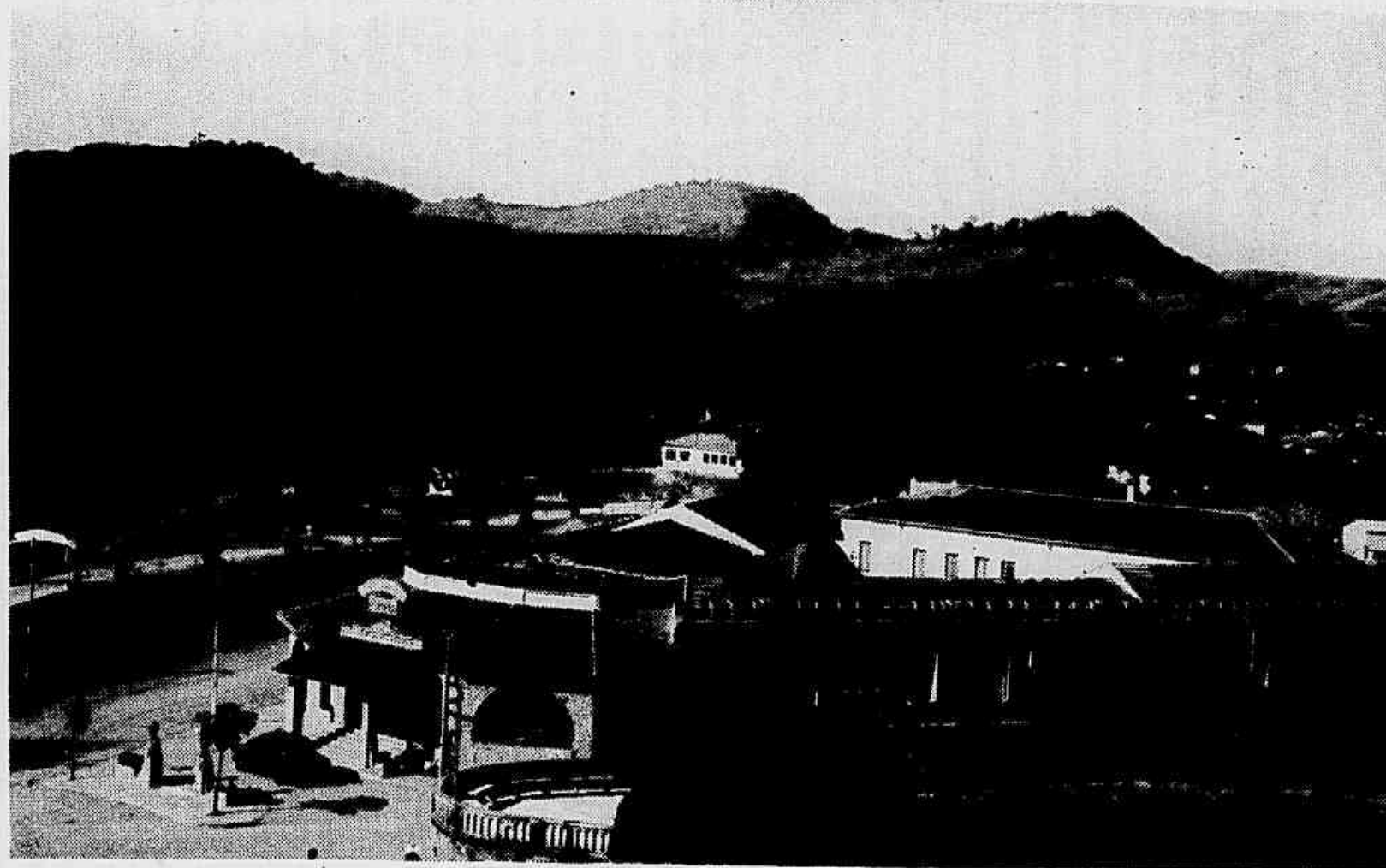
Voltaram depressa para casa, enfiando a neve que se adensava e Padre Sebastian falou somente uma vez. — Há mais alguma coisa, Manuel. Uma coisa que você não contou...

— Sim. Havia mais alguma coisa. — A voz que voltara a Manuel vibrava de orgulho e espanto. — Não contei sobre as mãos, Padre Sebastian... nas mãos cruzadas ela trazia um ramo de rosas amarelas.

PUXE PELO CÉREBRO (Respostas)

1) Salvador; 2) Belo Horizonte; 3) Porto Alegre; 4) Recife.

ETERNA PRIMAVERA



Vista parcial de ÁGUAS DA PRATA e do GRANDE HOTEL PRATA.

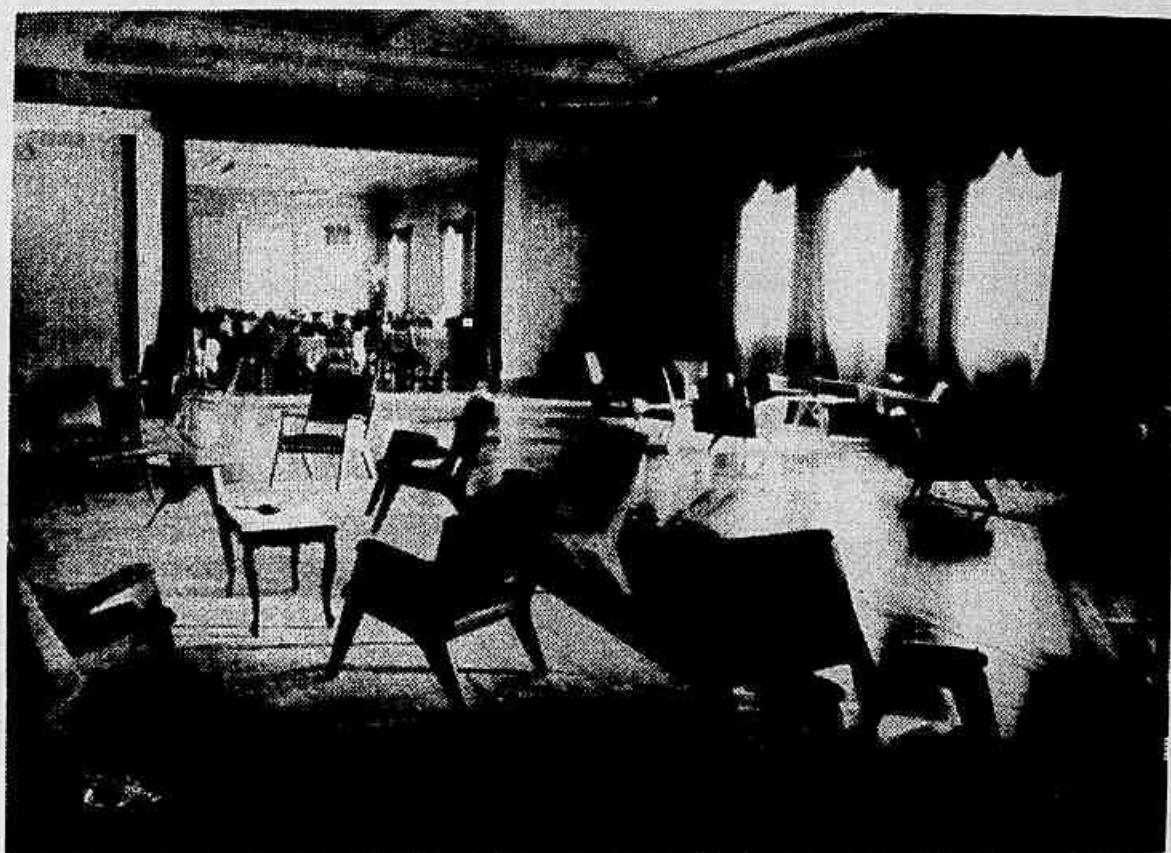
♦ Águas da Prata goza de um clima privilegiado em todos os meses do ano. Encastada num esconho de verdura, pródiga em águas miraculosas, de temperatura primaveril mesmo na estação invernosu. «ÁGUAS DA PRATA» é o recanto bucólico e maravilhoso para os doentes e para aqueles que precisam de retemperar energias gastas no bulício dos grandes centros urbanos. Situada a 818 metros de altitude, a estância de «ÁGUAS DA PRATA» é considerada por eminentes clínicos como superior à célebre Vichy, em França, pela presença dos sulfatos em suas águas generosas, sem rival na cura das moléstias do estômago, intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e poderoso auxiliar no tratamento da gôta.

AS DÁDIVAS DA NATUREZA, JUNTOU O HOMEM O CONFORTO DUM GRANDE HOTEL, MODERNO, FAMILIAR E ACOLHEDOR, O

GRANDE HOTEL PRATA

a 100 metros da estação ferroviária e a duzentos das principais fontes de água mineral (Fonte Antiga e Fonte Nova) oferece instalações confortáveis — apartamentos com banheiro ou simples quartos — e uma alimentação sadia e abundante e regimes dietéticos. Amplos refeitórios, salas para festas, para crianças, salão de estar, ampla varanda de frente com excelentes cadeiras para descanso, barbeiro, manicure e moderno cinema.

DESCONTOS de 20% NOS MESES DE MAIO A JUNHO E DE AGOSTO A DEZEMBRO



Parte da acolhedora varanda, lugar preferido pelos hóspedes. À direita, aspecto do Salão de Festas, comunicando-se com um dos grandes refeitórios.

Reservas de aposentos: «Exprinter», Av. Rio Branco, 57-A, Tel.: 23-5361 e outras agências de Turismo, ou diretamente com o Hotel pelos telefones 20, 29 e 4. Águas da Prata, Est. S. Paulo. ♦ ÁGUAS DA PRATA é servida pelo ônibus da Viação Cometa e Expresso Brasileiro, Limousines, Panair Nacional Transportes aéreos e Estrada de Ferro da Mogiana.

Literatura e arte

JOSE ROBERTO TEIXEIRA LEITE

CRÔNICA

A VAIDADE DO SENHOR PAULO BOMFIM

♦ EM JULHO do ano corrente, tal como muitos outros colunistas literários do Rio e de São Paulo, recebíamos o livro em que o senhor Paulo Bomfim houve por bem enfeixar toda a sua produção poética: esse «Quinze Anos de Poesia», editado pela Livraria Martins, de São Paulo, cidade onde o escritor nasceu, e reside. A título de curiosidade, fazemos questão de aqui reproduzir a dedicatória do grosso volume: «A José Roberto Teixeira Leite, com a mais viva simpatia of. Paulo Bomfim. S. Paulo, julho, 1957. «A Gazeta» — S. Paulo».

Lido o volume, há algumas semanas atrás, nessas mesmas desprezíveis páginas, tecemos sobre o mesmo algumas considerações, nelas afirmando ser o senhor Paulo Bomfim um poeta menor, de algum valor, é certo, mas quase sempre repetindo, em seus poemas, as inflexões poéticas de outros poetas brasileiros — entre os quais podemos citar Manuel Bandeira, Deolindo Tavares, Schmidt e alguns mais. Foi o suficiente para que o aludido cavalheiro, retirando-nos inteiramente aquela viva simpatia de que dava provas na dedicatória, nos enviasse uma cartinha algo despeitada, na qual inseria um recorte da «Fôlha Literária» (assinada por Maria de Lourdes Teixeira), onde nomes ilustres, semi-ilustres e pouco menos que desconhecidos de nossas letras tecem, a respeito da poesia de Paulo Bomfim, algumas considerações elogiosas, em grande maioria: intitula-se a seção «Mesa Redonda», e sobre a poesia de P. B. opinam Sérgio Milliet, Drummond de Andrade, Valdemar Cavalcanti, Geraldo de Freitas, Manuelito de Ornelas, Raul

Lima, Rolmes Barbosa, Hernani Cidade, Hélio Teixeira, Fernando Góis, Abdias Lima, Raul Bopp, Guilherme de Almeida, Cassiano Ricardo, José Condé, Herculano Pires, Guimarães Rosa e a própria Maria de Lourdes Teixeira. No cantinho do recorte, datilografado, o desaforinho de Paulo Bomfim, desabafo compreensível de um ator que se sentiu melindrado por uma nota do colunista: «O poeta menor, na próxima «mesa redonda» incluirá a valiosa opinião do «crítico maior» J.R.T.L.»

Aí está a coisa, que não teria grande importância, se não servisse para demonstrar duas outras: primeira, a ignorância de Paulo Bomfim, que nem mesmo compreende em toda a sua extensão o conceito de «poeta menor», o qual em si mesmo nada tem de depreciativo; segunda, sua vaidade, até mesmo seu despudor. Porque, pelo que se deduz do trecho datilografado aposto ao recorte da «Fôlha Literária», quem selecionou as opiniões e os pareceres encomiásticos à poesia de Paulo Bomfim, não foi Maria de Lourdes Teixeira, e sim o próprio Paulo Bomfim: «O poeta menor, na próxima «Mesa Redonda» incluirá, etc.» Está tudo muito claro.

Vejam só os leitores até onde vai a vaidade ilterária. Um poeta menor — em verdade, um de nossos mais pequenos poetas menores — que, para passar por grande figurão das letras, organiza em causa própria um comício, um desfile encomendado de elogios!...

E os Paulos Bomfins são santos, nesse meio...

AS PESSOAS

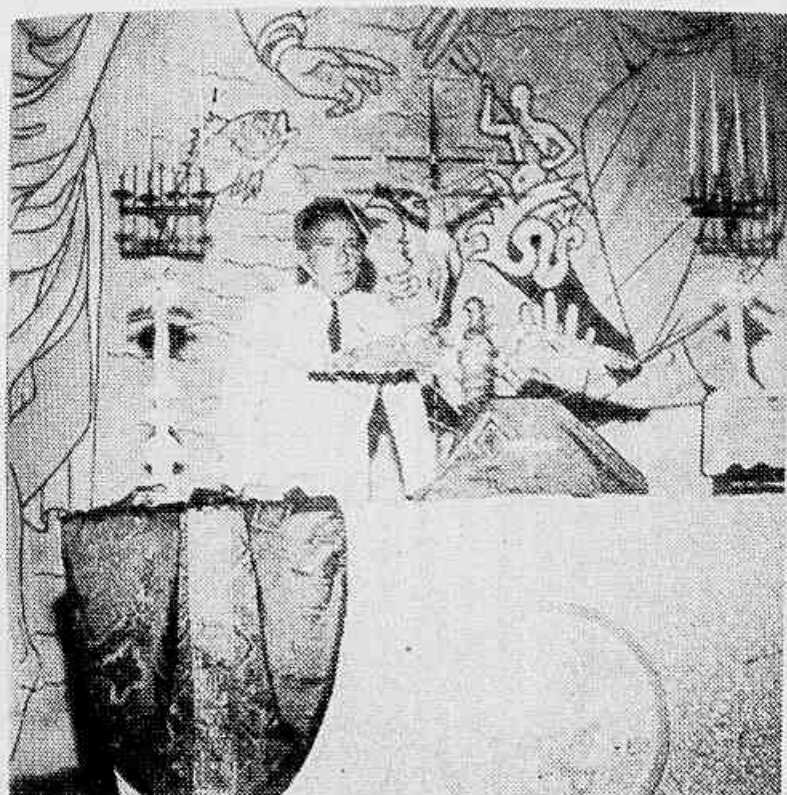
♦ MACHADO DE ASSIS, chama-se uma nova biblioteca, fundada há tempos em Santiago do Chile. *** AFRÂNIO COUTINHO tenciona lançar ainda esse ano o terceiro volume (quarto tomo) de «A Literatura no Brasil», a excepcional obra que vem realizando, como coordenador de uma equipe numerosa e de valor. Esse terceiro volume trata do Simbolismo e do Modernismo, e entre os colaboradores estão o próprio Afrânio Coutinho, e mais Alceu de Amoroso Lima, Brito Broca, Andrade Murici, etc. *** AGRIPINO GRIECO completou cinquenta anos de atividades literárias a 15 passado; no mesmo dia, o jornalista Queiroz Júnior lançou um livro de compilações dos trechos mais significativos da obra griequiana, «Agripino Grieco, o Diabo Jovial». *** «REVISTA BRANCA» está circulando, em número especial, comemorativo de seu nono aniversário. A matéria vem publicada em português, inglês, francês, italiano e espanhol. *** NO NÚMERO em aprêço, é comentada a antologia lançada há tempos na Colômbia, por Roberto Valândia, «Cuentistas Brasileños». No editorial, afirma-se que o autor prestou um grande desserviço à cultura nacional. *** TAMBÉM O ministro da Educação, Clóvis Salgado, organizou a parte brasileira de uma antologia poética a ser editada breve no México. Salgado escolheu para figurar no livro um poema de Drummond, outro de Bandeira e outro de Abguar Renault. *** CARLOS FELIPE, que também se assina «Capitão Fantasma» (que mau gosto!), acaba de lançar um «Manifesto Geometrista». Para ele, «O geometrismo se baseia na premeditação dos ritmos através de temas (módulos) armados segundo uma arqui-

tetura geométrica». Utiliza Carlos Felipe, para sua teoria poética, as expressões «dimensionamento cartesiano», «campo de duas dimensões coordenadas», etc. *** POSITIVAMENTE, A época é dos **ismos**; assim, o pintor Romani resolveu também lançar as bases de sua corrente estética, o infinitismo. *** EM TÓDAS as livrarias, as «Obras Completas» de Josué de Castro, em edição da «Brasiliense». *** O INSTITUTO Brasileiro de Relações Internacionais elaborou, por incumbência da Fundação Carnegie, um volume que tem por título «Brazil, and the United Nations», a ser editado por aquela entidade norte-americana. Também será publicada, no Brasil, uma edição em português examinando a participação brasileira nos trabalhos da O.N.U. *** EM JANEIRO, eleição na Academia para a vaga de José Lins do Rêgo. Três mineiros no páreo, por ora: Guimarães Rosa, Afonso Arinos e Pinheiro Chagas. *** É INTERESSANTE, muito interessante mesmo, o fascínio que o galo tem exercido sobre poetas e artistas plásticos brasileiros. Rossini Perez, Aldemir Martins e outros gravadores e desenhistas, entre os artistas plásticos, Ferreira Gullar entre os poetas, desenvolveram ao máximo o tema. Agora, em São Paulo, Rossini Camargo Guarnieri editará seu livro «Cabeça de Fogo — História de um Galo de Briga», com ilustrações de Graciano.



Clóvis Salgado

VILLEFRANCHE-SUR-MER E JEAN COCTEAU



JEAN COCTEAU dá os últimos retoques na decoração que recentemente realizou para a capela de Villefranche-sur-Mer

♦ A PERSONALIDADE multifacetada de Jean Cocteau acaba de proporcionar mais um fruto, talvez o mais belo de quantos elaborou — segundo afirmou o próprio artista, ao decorar a capela de Saint Pierre de Villefranche, na cidadezinha de Villefranche-sur-Mer, na Côte d'Azur. No entanto, quando esse poeta-romancista-teatrologo-músico-cinematografista-pintor anunciou que enveredaria pela arte sacra a dentro, mesmo seus mais incondicionais admiradores ficaram apreensivos: saberia Cocteau bem exprimir-se, dentro das fronteiras naturais que o gênero impõe a um artista criador? A resposta de Cocteau a todos esses apreensivos foi a magnífica decoração há pouco terminada: «uma pequena coroa sobre toda a minha obra», em sua própria definição.

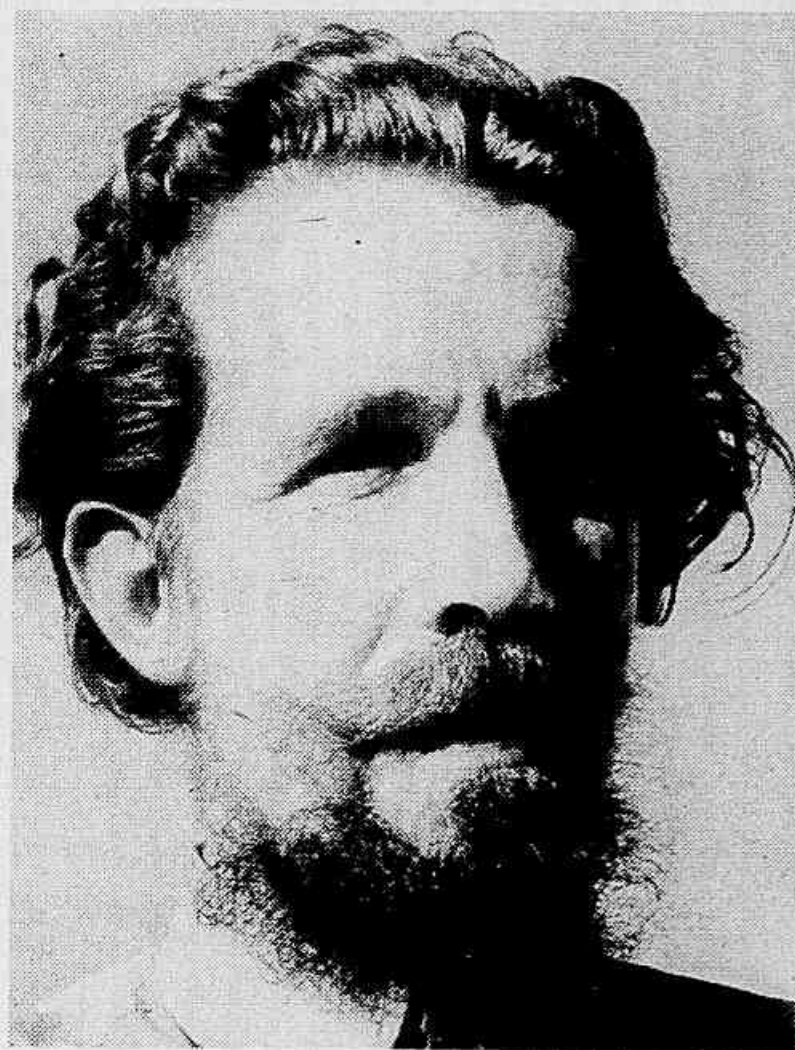
A capelinha data do século XVI. Está construída de costas para o mar, e de início servia

apenas para receber os soberanos franceses quando por ali passavam, e para os galês, que dominicamente nela recebiam a comunhão. Mais tarde, foi ela convertida em uma capela de pescadores, e afinal, após desapropriada ao culto, em um Tribunal de Pesca, e em depósito de velhas rêdes. Assim ficou por dois ou três séculos, até que, há cerca de 30 anos, Cocteau, ao conhecê-la, concebeu o plano de vir um dia a decorá-la. Só agora, após dez meses de grande trabalho, conseguiu fazê-lo a seu contento. A Missa de Inauguração foi celebrada a 29 de junho passado, dia de São Pedro, em presença de inúmeros pescadores de Villefranche-sur-Mer. E já os turistas do mundo inteiro estão afluindo ao museu-capela de Jean Cocteau, em número considerável e sempre crescente.

O que chama a atenção, na capelinha, é que essa parece ser mais ampla por dentro que por fora: como pode edifício tão pequeno abrigar nave tão vasta? A capela possui somente 12 metros de comprimento e 6 de largura, e sem embargo parece imensa. É que a decoração contínua que Jean Cocteau concebeu para as paredes dá essa impressão de grandeza. O visitante ver-se-á iludido pelo mar de linhas e figuras que Cocteau desenhou nessa igreja de paredes lisas — figuras e linhas que são alusões aos Evangelhos, ou simples mitos do próprio poeta. O ábside representa o milagre de São Pedro andando sobre as ondas. No coro, à esquerda, aparecem os soldados de Pilatos, a caçar do apóstolo, após ter sido ele denunciado como amigo e companheiro de Jesus. À direita, enfim, um anjo liberta Pedro, adormecido, da prisão de Herodes. À entrada do santuário, vê-se de um lado uma homenagem a Nossa Senhora dos Ciganos, e de outro, um preito às jovens de Villefranche-sur-Mer. O pavimento é de pedras talhadas. Não existem cadeiras ou bancos. A capela se destina apenas a homens, e esses devem rezar de pé.

♦ O PINTOR CHAFFEY NO RIO

ESTEVE NO Rio, aqui se exibindo na Galeria OCA com um grupo de trabalhos, o pintor britânico Hayman Chaffey, cuja primeira exposição realizou-se há vinte anos passados em Londres. Desde então, Chaffey já expôs em inúmeros lugares, de vez que é um grande viajante, já tendo habitado, sucessivamente, Inglaterra, França (onde adquiriu a opulenta barba que o caracteriza), Holanda, Alemanha, ilhas Majorca, Dominicana, Marrocos, Venezuela, etc. etc. Chaffey pinta segundo um processo muito particular, aparentado como a monotipia. Sua técnica recorda por vezes a de Paul Klee. Ele já expôs em São Paulo, no Museu de Arte Moderna, e irá expor, dentro em breve, em New York, e em Londres.



HAYMAN CHAFFEY, o pintor inglês que expôs na Galeria Oca há tempos

POESIA

Procuro o poema que falta
Nessa manhã sem paisagem.
Olho teu retrato, tua solidão.
Recordo o antigo remorso
De tê-la deixado sozinho
Ao vento de tua angústia.
Olho o mar, olho as estrelas.
A própria morte que arde
Na fotografia do tempo
Não comove minha tristeza.

É no entanto, Schwartz
Delmore em Brooklyn distante.
Tua face estava tão perto
Teu "Ballet do Quinto Ano"
Dizia que há gaivotas
Revoando em nossas cabeças,
Que a enseada dos olhos
É tão mais vasta que o coração
E a sua beleza é praticável.

Telmo Padilha

A Imagem

Próxima



O maior
administrador
da
Central
do Brasil

♦ Não pretendemos diminuir o mérito de qualquer administrador que já passou pela alta direção da maior ferrovia nacional, sempre que referimos à obra ímpar realizada pelo engenheiro Jair Rêgo de Oliveira, conservado naquele posto em cinco períodos governamentais do país, sem dúvida alguma pela demonstração que soube dar de sua elevada capacidade do trabalho, de organização e, sobretudo, pela clarividência com que abordou e resolveu todos os problemas ligados ao pessoal da estrada, problemas que muitas vezes se revestem de aspectos humanos imensamente delicados. O reaparelhamento da grande ferrovia foi assunto que comandou completamente a ação do homem que não mediu esforços para, com a boa vontade e ajuda que sempre

recebeu dos poderes públicos, dotar a nossa principal estrada dos meios indispensáveis à melhoria dos transportes ferroviários, tão necessários ao desenvolvimento econômico do Brasil. Pedindo demissão do cargo que desempenhou com honradez, sabedoria e dedicação, o Dr. Jair de Oliveira o fez, segundo pensamos, no propósito de deixar o governo à vontade para decidir no momento em que procura dar nova estrutura ao sistema ferroviário brasileiro, através da Rede Ferroviária Federal, que acaba de ser constituída. No clichê, aparece o engenheiro Jair de Oliveira recebendo carinhosa homenagem por ocasião das suas despedidas da Central.

RIO DE JANEIRO POÇOS DE CALDAS LINDOIA SERRA

Sempre às suas ordens!

EXPRESSO
BRASILEIRO

CAMPINAS RIBEIRÃO PRETO SOROCABA

SÃO PAULO SANTOS SÃO VICENTE JUNDIAÍ

NEGRA AGUAS DA PRATA BELO HORIZONTE

SÃO PAULO
Av. Ipiranga 885 - Fone 34-1395

RIO DE JANEIRO
Pça. Mauá (Estação Rodoviária) Fone 23-3912

BELO HORIZONTE
Rua Oiapoque 276 - Fone 4-9060

ALVES PINHEIRO, SOPRANDO O CHARUTO, AFIRMA:

- REPÓRTER (PARA SER BOM) TEM QUE SER UM MÁRTIR!

Reportagem de IVAN ALVES



Alves Pinheiro: jornalismo (para ele) não tem segredos

VAMOS telefonar para o Lott. Cedo: «às 6 horas, no máximo. E' preciso muita habilidade!» — eis um dos numerosos bilhetes (datado de 3 de outubro de 1955, quando se feriu a última eleição presidencial) que Alves Pinheiro dirige diariamente aos repórteres de «O Globo», que há vinte e três anos se movimentam sob sua chefia.

Gordo, moreno, de regular estatura, soprando (sempre) um charuto insólito, Alves Pinheiro chega ao jornal, de segunda a sexta-feira, às 2h30m da madrugada (sic) e, aos sábados e domingos, quando não existe o problema da confecção imediata da fôlha, entra às 4 horas — de ordinário inexplicavelmente apressado e irritadiço.

Não se pertence

— Só agora, passadas duas décadas sobre o nosso casamento, tive Francisco ao meu lado — disse-nos sua esposa (que o trata pelo prenome), comentando as férias que o marido desfrutou no início deste ano após cinco lustros de atuação incessante.

Baiano de nascimento (mas de nenhuma igreja), **free-lancer** em política, Alves Pinheiro iniciou-se na imprensa aos 15 anos de idade, trabalhando num jornal de propriedade do ex-deputado federal Altamirando Requião, de saudoso estilo literário. Dali se transferiu para «A Tarde», tradicional vespertino editado pelo sr. Simões Filho, em Salvador. «Ninguém me levava a sério, pois eu era muito jovem. Como as entrevistas me saíam difíceis!», recorda, hoje, do fundo dos seus 47 anos de idade, o mais famoso chefe de reportagem do Brasil.

O fato o comanda

Cortando as amarras com a terra natal, à qual não mais retornaria, Alves Pinheiro rumou para o Distrito Federal, incorporando-se à redação da velha «Gazeta de Notícias», onde teve como principais companheiros Lucílio de Castro, atual secretário de «O Globo», Chagas Freitas, Oton Paulino e Carlos Lacerda, hoje diretores, respectivamente, de «A Notícia», «O Dia», e «Tribuna da Imprensa», além de Egídio Squeef, Astério

TRABALHA HOJE COM O MESMO ENTUSIASMO DE HÁ 25 ANOS. UM EXEMPLO DE DEDICAÇÃO AO

de Campos e Terra de Sena, este último pai do produtor radiofônico Max Nunes. Desde essa época, atravessada de restrições financeiras, mas envolta, em contrapartida, em uma doce boêmia, Alves Pinheiro já demonstrava aquilo que viria a ser uma constante em sua vida jornalística e sua característica mais alta: um homem capitaneado pelo fato — dos simples *faits-divers* da crônica policial ao acontecimento político de maior transcendência. O repórter autêntico, orgânico, que ainda consegue ser nos dias vertentes, embora toda a gama de desilusões que a profissão traz em seu seio.

Na hora de trabalhar, trabalhar

Alves Pinheiro apropriou-se de uma das mais populares lendas poéticas de Ascenço Ferreira: na hora de trabalhar, trabalhar. Em seus horários profissionais, não é facultado aos repórteres de «O Globo» extraviar um só momento de sua atividade em outro assunto que se não entrose com a tarefa jornalística. Alves Pinheiro os monopoliza, os explora, os tritura até quase o desespero. Alguns sufocam, às vezes, no lábio uma palavra de protesto, informada pela reação mais legítima, mas vem à lembrança o exemplo do chefe, que é o primeiro a funcionar ininterruptamente. Rápido, em muitas ocasiões, ele consegue, no entanto, ter em cada repórter não apenas um colaborador — mas um amigo. Isto, porque, entre as eventuais asperezas do trato profissional, nunca ele se exonerou dos princípios de lealdade e justiça, que instruem, em todas as quadras, as suas atitudes.

O raptor

Um dos principais repórteres que passaram pelo «O Globo» foi Mário Salviano, que, como Alves Pinheiro, fez estágio num seminário. Mário Salviano, todavia, sempre que possível (e como todos os demais), se escamoteava das impertinências do chefe. Um domingo, necessitando de sua presença na redação, Alves Pinheiro telefonou para a sua residência. A resposta veio, fatal: «O Salviano foi passar o dia fora...» Alves Pinheiro mordeu o charuto, mas não se conformou: despachou para as proximidades da residência do repórter um motorista do jornal para verificar a veracidade da informação. Com efeito, cerca de 45 minutos transcorridos, Mário Salviano saiu à rua para comprar cigarros — e foi raptado.

A ressalva

Bernardino de Carvalho, também repórter do jornal, pediu, certa manhã, a Alves Pinheiro que lhe deixasse a tarde livre (ele é *full-time*), de vez que desejava festejar o aniversário do filho. Alves Pinheiro respondeu-lhe, textualmente, num bilhete: «Está deferido. Em homenagem a seu filho, você terá a tarde livre. Só que às 16 horas você deverá cobrir a reunião da Associação Comercial, que é importantíssima.» Não perguntem pela reação (óbvia) do repórter.

Repórter clandestino numa reunião

Recentemente, o Secretário de Finanças da Prefeitura do Distrito Federal convocou uma reunião secreta com homens de empresa. Alves Pinheiro chamou um dos seus repórteres (Manoel da Costa, filho) e lhe sussurrou: «Você vai cobrir essa reunião.» O repórter redarguiu salientando que a sessão era sigilosa, limitada à participação de líderes do comerciante. Ao que Alves Pinheiro observou: «Você vai como comerciante.» Desnecessário se tornaria assinalar: 1) que o repórter realmente penetrou na reunião, como prócer do comércio; 2) que saiu de lá desmascarado; 3) que, sem embargo, trouxe a matéria. Era esse último item — somente esse — que interessava ao chefe da reportagem, sempre em busca do *preview*, da revelação exclusiva dos principais fatos que repontam na vida devassada e recôndita da cidade.

Atua em dois "fronts"

Ao sair do jornal, às 16 horas, Alves Pinheiro se dirige para sua residência, de onde fica controlando — ou teleguiando, para ficarmos com a voga — a redação. Isto até às 20h30m, quando, após ouvir um noticioso radiofônico, se recolhe ao leito. Às vezes, os repórteres se vingam: telefonam-lhe aos 30 minutos da madrugada, com um falso espírito de colaboração, para apenas informar, cândidamente, que «vai tudo

bem». Ele, devendo acordar às 2 horas, engole em seco a provocação e não reage. Não obstante, no dia seguinte...

Os desertores

Os que se afastam do jornal são classificados de **desertores**. Hédio Pellegrino (que, ao bisar um cafêzinho, foi advertido...); Oto Lara Resende (que era arrancado impiedosamente ao leito através de telefonemas contínuos); Nahum Sirotsky (que o considera seu mestre); Benedito Coutinho (que afiança ter «saído do Pinheiro» e não de «O Globo»); Eurilo Duarte (que tem uma teoria singular sobre a lua-de-mel, devido à passagem pelo «O Globo») e Daniel Caetano (atualmente na revista «O Cruzeiro») são os mais lembrados.

Repórter recebe ordem de mudança

Com Carlos Duarte, outro **desertor**, criou-se uma situação original: tinha ele por hábito acordar tarde, prática que não se compadecia com a orientação do chefe da reportagem. Carlos Duarte ocupava um quarto no apartamento de uma família sua amiga. Desde cedo, em consequência dos seus atrasos, Alves Pinheiro começava a ofensiva telefônica, cujo marco inicial era às 5h30m. Segue-se que o repórter acabou recebendo ordem de mudança.

Nem os vizinhos escapam

Pobre daquele que for vizinho de um repórter de «O Globo» que não tiver telefone! Um domingo, Alves Pinheiro queria comunicar-se com o autor desta reportagem. Como não tivéssemos telefone, ligou para o vizinho. Eram 6 horas da manhã e uma voz de mulher atendeu. Alves Pinheiro não vacilou: «A senhora quer chamar o seu vizinho ao telefone?» A mulher objetou que era muito cedo — e domingo. E Pinheiro, insistente: «Mas eu preciso dele aqui!» A senhora, já começando a se alterar, retrucou que estava em trajes de dormir. E Alves Pinheiro, decididamente alucinado: «A senhora se vista, então, e chame.» Passou, é claro, pelo dissabor de recolher uma resposta atrevida. Trinta minutos depois, o repórter era subtraído à sua tranqüilidade dominical pelo motorista despachado por Alves Pinheiro.

Sem noção de tempo

De outra feita, um repórter foi acordado, também num dia de domingo, para trabalhar, conquanto seu nome não constasse da escala. Eram 5h30m. Perguntou ele a que horas o chefe da reportagem o queria no jornal. E Alves Pinheiro, firme: «Às 5h45m está bom.» Em quinze minutos, embora morando perto da redação, o repórter deveria banhar-se, vestir-se, tomar o café matinal e transportar-se para a sede de «O Globo».

Ordem do Dia

Recentemente, Alves Pinheiro atribuiu-me a seguinte pauta de trabalho a ser esgotada entre 6 e 10 horas da manhã: 1) «Você precisa ligar para o Batista Teixeira (então Chefe de Polícia do Dfisp) e falar sobre os assuntos constantes destes três recortes; 2) parece que o Negrão (prefeito do Distrito Federal) já decidiu o caso do Albagli (Secretário de Educação e Cultura, à época, que estava para ser demitido naqueles dias); 3) Eduardo Gomes: pergunte-lhe se é exato que ele assinou o Manifesto dos Brigadeiros. Habilidade! Habilidade! Habilidade! Ponha a Eliane (irmã do Brigadeiro) no meio; 4) o Nemo (Canabarro) está preso no Regimento de Cavalaria de São Cristóvão; telefone para lá, mas não como repórter de «O Globo». Invente um nome qualquer e atribua a um coronel. Precisamos saber se ele vai recorrer, ou não, da punição que lhe foi imposta; 5) vamos telefonar para o Vieira de Melo (líder da maioria na Câmara Federal). Parece-me que ele deu uma entrevista à «Manchete» para ser publicada na próxima edição. Ele nos poderia adiantar uma síntese; 6) liguemos, por fim, para o Guillobel (Chefe do Estado-Maior da Armada) e peça-lhe que confirme a notícia segundo a qual o Alves Câmara reassume a pasta da Marinha, amanhã.»

Missa, esse obstáculo

Num dia de domingo, ao chegarmos à redação (6h30m), encontramos sobre a mesa o seguinte bilhete: «Vamos telefonar logo para todo mun-

TRABALHO E DE INTEGRIDADE PROFISSIONAL

do, por causa da missa. Ligue, de imediato, para o Hildebrando Bisaglia (à época, diretor do Departamento Nacional do Trabalho); a seguir, para o Fleuiss (ex-Ministro da Aeronáutica); fale depois com o Parsifal Barroso (Ministro do Trabalho). Cuidado com este último que é doido por uma missa. Pegue logo o homem!»

Nunca caiu doente

Alves Pinheiro, em seus vinte e três anos de **tour de force**, nunca adoeceu. Certa vez, apareceu com um tumor no antebraço, tendo, a respeito, comentado um dos seus repórteres mais irreverentes: «Só assim ficou provado que ele é humano.» Todavia, esse **train** de trabalho é seu dispositivo de sustentação. As férias, ele as passou com enxaqueca e tudo.

Vinte e três anos sem vida exterior

E, destarte, vem Alves Pinheiro, de vinte e três anos a esta parte, sem nunca ter ido a um cinema ou a um teatro (parou no Rodolfo Valentino, na Teda Bara, na Itália Fausta e no Leopoldo Fróes); sem jamais ter assistido a um jogo do Flamengo e sem ter conhecido os seus elencos mais famosos, de Domingos da Guia e Leônidas da Silva a Pavão e Dequinha, e sem nunca ter despertado com o sol já alto, desmanchando suas luzes sobre as praias e as folhagens, ou ainda insinuando-se com timidez nas fímbrias do horizonte. O jornal é o seu substantivo e o fato a sua volúpia. Daí não se afastará nem para se aposentar. Só para morrer.

Atrasado uma só vez

Indagamos de Alves Pinheiro quantas vezes, em vinte e três anos de militância no jornal, faltou ao serviço. Ele esclarece:

— Nunca faltei. Só cheguei atrasado uma vez. Fixei bem a data (8 de abril de 1942) porque foi a da morte do meu sogro. Tive um irreversível atraso de uma hora...

Melhores repórteres em suas mãos

Perguntado sobre os melhores repórteres que já passaram por suas mãos, declarou:

— Poderia citar muitos e excelentes. Ocorrem-me, porém, mais facilmente, os nomes de David Nasser, Nahum Sirotsky, Daniel Caetano, José Guilherme Mendes e Mário Salviano, expoentes da reportagem moderna, que integraram equipes sob minha direção e marcaram sua passagem pelo «O Globo» com brilhantes e memoráveis esforços jornalísticos.

Caudal dos acontecimentos

Perquirimos Alves Pinheiro sobre os principais fatos ocorridos no país em seus trinta anos de jornalismo. O chefe de reportagem de «O Globo» é homem de extraordinária memória:

— Em trinta anos de imprensa, fui testemunha, cronista e até ator (sem projeção) de tantos acontecimentos que dificilmente poderia destacar os mais sensacionais.

Como o repórter contravém que não pede uma enumeração completa, ele aduz:

— Em 1929, tivemos a tragédia de Haroldo de Alencar, guardada, ainda, por **provocante** (o **italico** é nosso...) mistério, um dos mais ruidosos crimes do século.

Sangue na "garçonnière"

Alves Pinheiro sai de sua paz hebdomadária, vulnerada pelo repórter, e narra:

— Certa manhã, o neto de José de Alencar era encontrado morto numa **garçonnière** da Rua da Candelária, estrangulado. Pertencia ele à **jeunesse dorée** da época e foi expiar seus pecados sexuais no fundo de um drama tenebroso. Homens evidentes do momento, na política, na literatura, na diplomacia, nas artes viram-se colocados sob suspeitas e sujeitos a sigilosas inquirições no Palácio da Rua da Relação. Era chefe de Polícia o sr. Coriolano de Góis. Lembro-me de que o austero sr. Washington Luís, que acompanhava pelo jornais o curso das diligências, um dia, fazendo humor, o que lhe era raro, frisou:

— Só falta é envolver nesse caso o Presidente da República...



O então Chanceler do Ministério do Exterior, sr. Otávio Mangabeira, apontava os jornais que apresentavam melhor a tumultuosa matéria. Este, um dos casos de polícia. Vieram tantos outros de sensação, como o de **Pierrot**, outro insondável mistério que se perde na esteira do tempo, e, por último, o do Sacopã, que armou tão funda controvérsia em sua apuração, que eu encheria um livro se fôsse citá-los em sua totalidade.

Principais fatos políticos

Morre o poente no fundo da baía da Guanabara, na tranquilidade da tarde de sábado em que ouvimos Alves Pinheiro. Com um «scotch» de quando em vez e uma **blague** de vez em quando, a entrevista entra pela noite. Da palestra com o repórter, promanam, agora, revelações e reminiscências de natureza política:

— Em política, assisti à queda da República Velha, depois de haver testemunhado, em plena Câmara Federal, o assassinio de Souza Filho pelo velho Simões Lopes. Tive, aliás, o pressentimento da tragédia. Seguiu-se a Revolução Constitucionalista, a arrancada épica dos bandeirantes em que se consumiram meus melhores entusiasmos dos 20 anos.

Repórter e ator

— Aí — prossegue Alves Pinheiro — fui repórter e um pouco ator. Com Arnon de Melo e outros profissionais, improvisamo-nos em **correspondentes de guerra** junto ao Estado-Maior de Góis Monteiro. A elaboração do anteprojeto da Constituição da República, fruto imediato do sacrifício dos paulistas, constituiu um fato histórico do maior relevo. Fiz a cobertura das várias reuniões no Palácio Itamarati e pude ser observador dos debates fixados para sempre na minha lembrança e na minha retina, indelévelis, e que sempre evoco, com emoção.

Elite política

Alves Pinheiro relaciona os políticos que participavam das sessões:

— Lá estava Osvaldo Aranha, **frondeur**, com aquela cabeça leonina, a bela cabeleira eriçando-se, insuperável em talento e fascinação pessoal; João Mangabeira, frio, profundo, um núcleo de sabedoria, com seus argumentos corretos, ressumbrando segurança e grandeza; Melo Franco, o velho Melo Franco, chanceler inexcusável, ativo, cintilante e, todavia, tranqüilo, manso e bonacheirão, como todo bom mineiro; Góis Monteiro, ainda cheirando a pólvora, e outros homens notáveis de que o Brasil realmente podia orgulhar-se. Talvez, nunca mais, infelizmente, possamos reunir neste país, cuja inteligência, melancolicamente, parece declinar à medida que a vida material se engrandece ou se avoluma, uma pléiade de homens tão eminentes. Recordo-me, certa feita, desta cena curiosa Melo Franco, ao ouvir Góis Monteiro defender a instituição da pena de morte, levou a mão ao peito e exclamou, numa tocante espontaneidade: «Deus me livre!»

1935: comunistas atacam de madrugada

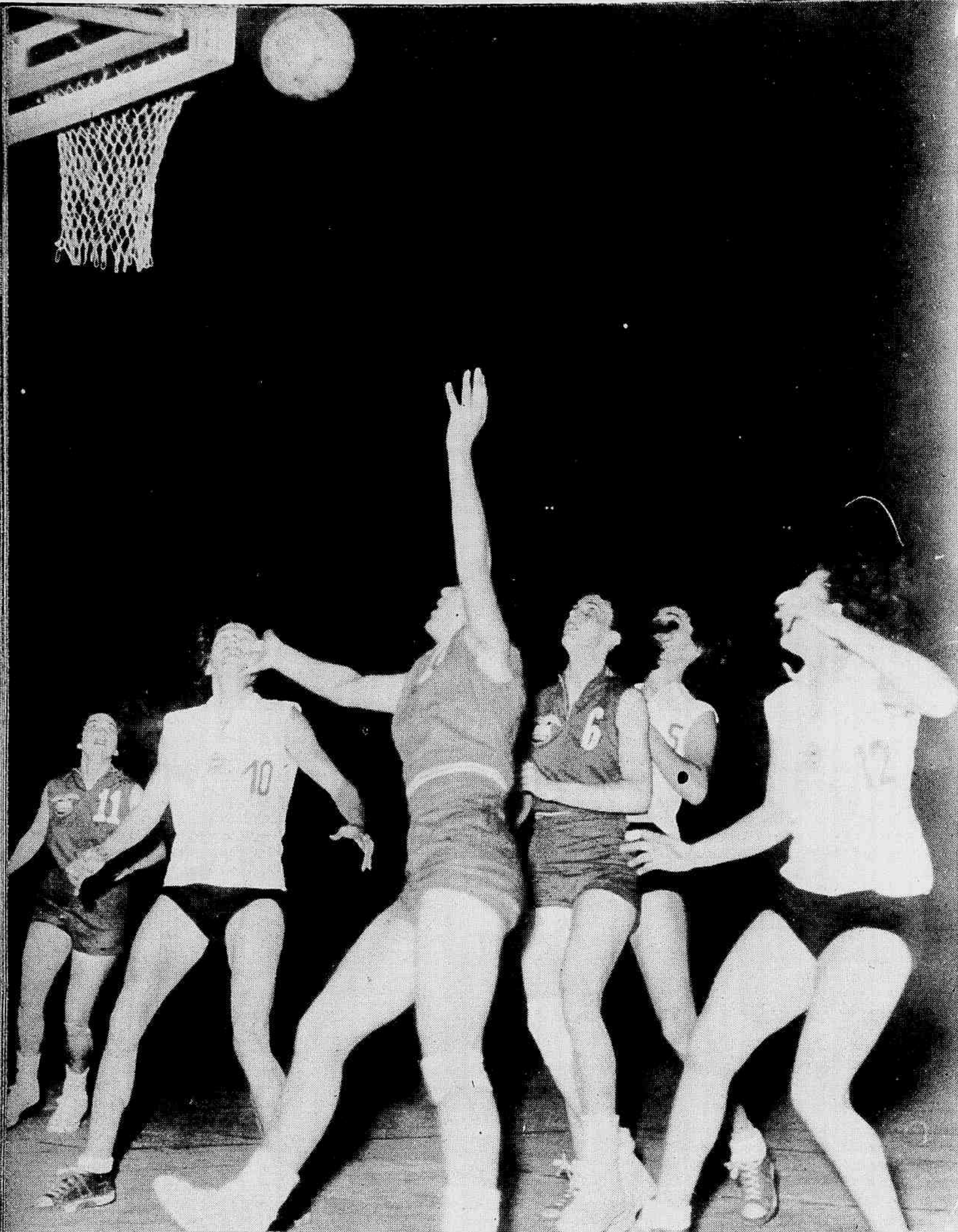
— Passemos por sobre outros acontecimentos — continua Alves Pinheiro — para chegarmos a novembro de 1935. Fui um dos mais ativos repórteres do **putsch** vermelho. Vi Agildo Barata, então lugar-tenente de Prestes e, hoje, seu maior detrator ideológico, deixar o 3º R.I., à frente dos revolucionários, sorrindo feliz, enquanto, lá atrás, dentro do velho quartel bombardeado e semi-destruído por ordem de Dutra, então comandante da 1ª Região Militar, agonizavam, ensanguentados, tantos dos seus compatriotas! E vi o então coronel Newton Cavalcanti, olhos congestionados de ódio, exclamar, fornecendo-me a **monchete** para a quarta edição do dia: «Miserável! Só mesmo fuzilando!»

Primeiro repórter na cidadela vermelha

— Fui um pouco herói, porquanto era o primeiro repórter a penetrar na cidadela vermelha, não tendo sido, por muito pouco, atingido pelos estilhaços das granadas que ainda espoucavam. Os outros fatos são de nossos dias, mais vivos e recentes: 1) golpe de 10 de novembro de 1937, do qual conservarei, ainda por alguns anos, uma versão secreta e em que eu ia perecendo como herói ou mártir da profissão; 2) deposição do sr. Getúlio Vargas, que cobri com Ricardo Serran; 3) atentado con-

(Cont. na pág. 48)

ÚLTIMO FLASH



♦ O Campeonato Feminino de Basquete trouxe ao Brasil esportistas dos quatro cantos do mundo. O mais alto senso esportivo aliado a um preparo técnico e físico surpreendentes de parte de quase todas as equipes participantes, tem dado ao certame a melhor categoria possível. O flash mostra jogadoras das equipes do Chile e da Hungria numa das partidas do campeonato. Venceu a Hungria por 65 contra 52.

Sumário

♦ REPORTAGEM

Sangue no Paraná	3/6
O Ministro da Saúde conta anedotas	11
Alexandre Jenner	21/23
Carmem Jones — escrava africana..	25/25
Benjamin Silva em 11 respostas ..	28/29
Duas opiniões formadas sobre	
pintura	30/31
	34/36

E' de matéria plástica o véu que encobre Vênus	38/40
Talento também é necessário	42/44
Filosofia em ritmo de jazz	50/52
Alves Pinheiro, 25 anos de jornalismo	59/61

♦ SEÇÕES

Crônica (Eneida)	7
------------------------	---

Humorismo (Olati)	8/9
Quem é você?	12/13
Jornal da Revista	15/20
Palavras Cruzadas	26
Política	36/37
Sociedade	45/47
Conto	53
Literatura	56/57
Último flash	62

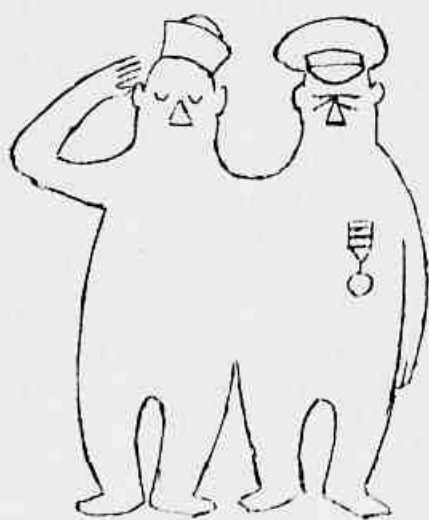
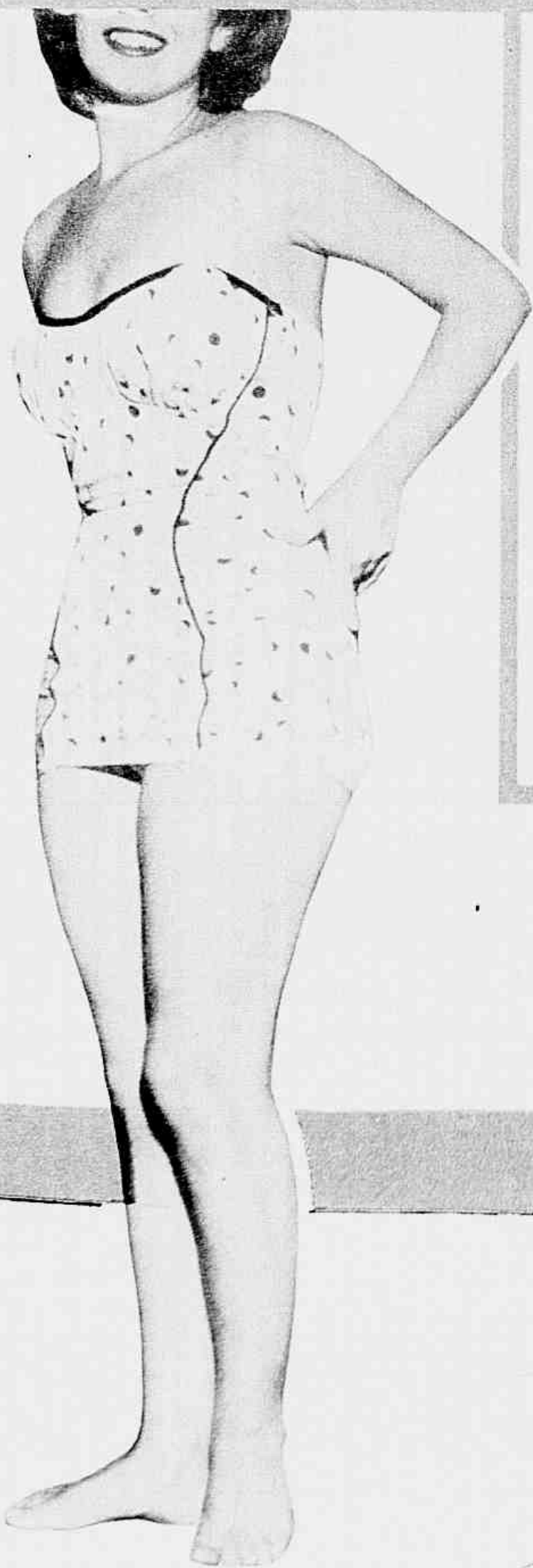
Este número consta de 64 páginas.

♦ CAPA

Araci Rosas (que aparece nas páginas centrais da Revista) um talento do cinema nacional. Ektachrome de Hélio Polito.

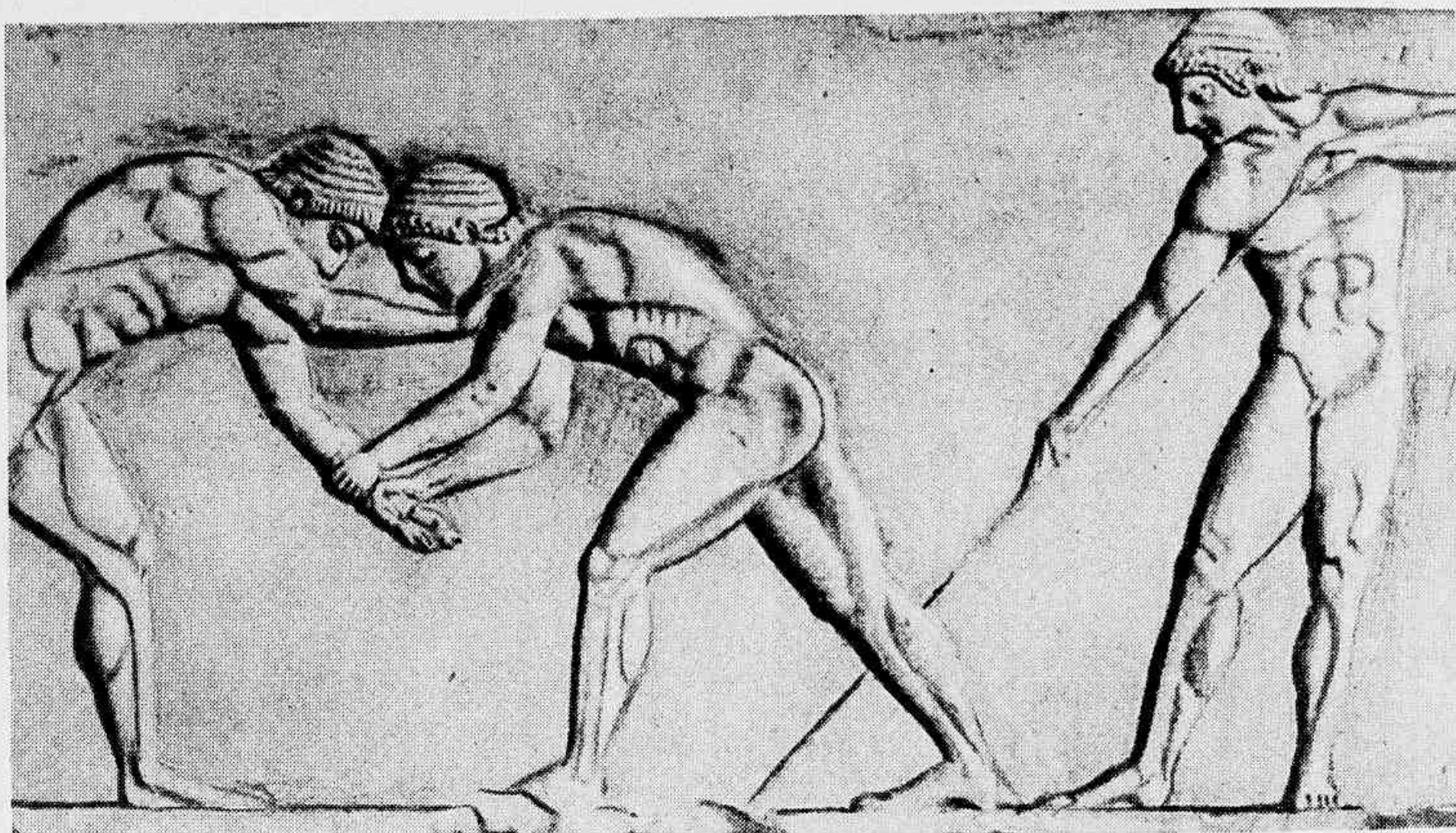


AMBROZIO



ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1958

EDIÇÃO EM PREPARO



O prodigioso romance do atletismo

POR QUE CORREMOS 100 ME-
TROS, 5 000 METROS OU A DIS-
TANCIA DA MARATONA? POR
QUE SALTAMOS EM ALTURA,
EM EXTENSÃO E COM VARA?
POR QUE LANÇAMOS O MAR-
TELO, O PÊSO E O DARTO?

O "ALMANAQUE EU SEI TUDO" É UM LIVRO COM MAIS DE 300
PÁGINAS, QUE CUSTARÁ AO LEITOR APENAS 50 CRUZEIROS
CIA. EDITORA AMERICANA — MARANGUAPE, 15 — LAPA — RIO